



Departamento de Sociologia

Relação entre Turismo e Desenvolvimento Local em Espaço
Rural: o que aprendemos com o caso de Allariz

Daniela da Conceição Moreira Ferreira da Costa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Desenvolvimento, Diversidades Locais, Desafios Mundiais: análise e gestão

Orientador:
Prof. Doutor Eduardo Figueira
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH)
Universidade Lusófona de Tecnologias e Humanidades (ULTH)

Abril, 2010

Agradecimentos

Na Universidade:

Ao meu orientador, Dr. Eduardo Figueira,

Ao meu professor Dr. Rogério Roque Amaro,

Aos meus colegas

Em Allariz:

Ao Alcaide: D. Francisco García

Ao D. Bernardo Varela

Ao Sr. José Manuel González

Na minha vida pessoal;

Ao meu anjo

À camaradagem, amor, incentivo, presença amiga, interesse de tantos... foram vocês que fizeram este trabalho possível!

Resumo

Pretende-se com este trabalho estudar o fenómeno turístico de Allariz, percebendo se produziu desenvolvimento local com todos os seus pressupostos.

Para isso, discutiram-se os paradigmas da modernidade e pós-modernidade, enquanto enquadramento dos conceitos de ruralidade e urbanidade), a teoria de continuum rural-urbano, agrupando diferentes espaços numa única região identitária, e ainda os conceitos de desenvolvimento local em meio rural e de turismo,

Através da metodologia de estudo de caso, procedeu-se à observação directa, à realização de entrevistas e análise de informação documental. Os dados recolhidos foram tratados segunda a técnica de análise de conteúdo e posteriormente discutidos, tendo em conta indicadores cujas principais dimensões se agrupam em: aposta nas pessoas: formação, participação e empowmerment; diversificação das actividades económicas; preservação da natureza; investimento no património e relação urbano-rural.

Foi, assim, possível aferir que Allariz é um caso de desenvolvimento local, na medida em que responde aos pressupostos do Desenvolvimento Local: processo de mudança na comunidade a partir da revolta de 1989; esse processo teve lugar numa unidade identitária territorial de pequena escala; são satisfeitas necessidades fundamentais da comunidade (emprego, qualidade de vida e preservação do património construído e da natureza); são potenciadas capacidades endógenas, (património histórico, arquitectónico e natural); a população tem tido um papel activo na definição de políticas; são mobilizadas capacidades exógenas (indústria, conhecimento e receitas provenientes do turismo); há uma grande diversidade de actuações e projectos; existe um trabalho de parceria entre entidades públicas, privadas e sociais; há uma visão integrada, permitindo diversificação das actividades económicas em espaço rural e este processo tem impacto tendencial em toda a comunidade.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Local, Meio Rural, Turismo e Allariz

Abstract

This paper studies the touristic phenomenon in Allariz and aims through a case study to understand if, as a result of the touristic phenomenon, local development and all its assumptions took place.

With this purpose, the paradigms of modernity and post modernity are discussed as frameworks for the concepts of rurality and urbanity. The theory of the rural-urban continuum (grouping different spaces within a single identity region), and the concepts of local development in rural areas and tourism are also discussed.

We proceeded to engage in direct observation, interviews, and analyses of documentary information.

The data was subjected to content analysis, taking into consideration indicators grouped in the following main dimensions: a) investing in people (training, participation, empowerment); b) economic activities diversification; c) protection of nature; d) investment in heritage property; and e) urban-rural relationship.

The results show the case of Allariz to be in accordance with the assumptions of local development previously mentioned: a) the process of community change since the revolt of 1989; b) the process took place in a small scale identity territorial unit; c) the basic needs of the community were fulfilled (employment, quality of life and protection of the built heritage and nature); d) endogenous capabilities were enhanced (historical, architectural and natural heritage); e) the community has played an active role in policy definitions; f) exogenous capabilities were mobilized (industry, knowledge, and tourism profits); g) there is a great action diversity and diversification of projects; h) there is cooperation between public authorities and private and social entities; i) there is an integrated vision which allows the diversification of economic activities in rural areas; and j) this process had impact throughout the entire community. Overall, and according to the assumptions of local development, results point to Allariz as a case of local development.

Key words: local development, rural áreas, tourism, Allariz

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice	v
Índice de Quadros	vii
Abreviaturas	vii
1) Introdução	1
1.1) O problema e a perspectiva da solução	1
1.2) Estrutura interna da dissertação	2
1.3) Limitações do trabalho	2
2) A problemática em estudo	3
2.1) Compreendendo o quadro ideológico ou os paradigmas dominantes	4
2.1.1) Como enquadrar o tema de estudo?	4
2.1.2) Paradigma do Modernismo e Teoria da Modernização	4
2.1.3) Mudança de Paradigma	6
2.1.4) Paradigma do Pós-Modernismo	7
2.1.5) Onde nos situamos?	8
2.2) Conceitos: Abordagem e Discussão	11
2.2.1) Do que falamos quando nos referimos ao rural?	11
2.2.1.1) Ruralidade	11
2.2.1.2) Urbanidade	13
2.2.1.3) Tentativa de síntese	15
2.2.2) Que Desenvolvimento propomos?	17
2.2.2.1) O que nos une?	17
2.2.2.2) Formas de que se reveste este desenvolvimento?	19
2.2.2.3) Como se aplica ao rural?	23
2.2.3) Turismo em Espaço Rural: problema ou solução?	26
2.2.3.1) Breve introdução ao turismo	26
2.2.3.2) Sua relação com o rural	27
2.4) Bibliografia	32

3) Mapa metodológico	34
3.1) Enquadramento geral	34
3.2) Técnicas utilizadas	35
3.2.1) Análise documental	35
3.2.2) Entrevistas	36
3.2.3) Observação directa	38
3.3) Analisar e interpretar	38
3.4) Agir com Ética	39
3.5) Bibliografia	41
4) Allariz	42
4.1) Breve caracterização de Allariz	42
4.1.1) Localização	42
4.1.2) História	42
4.1.3) A Mudança	43
4.1.4) Aspectos Sociais	43
4.2) Indicadores	44
4.2.1) Aposta nas pessoas	44
4.2.2) Diversificação da Economia	53
4.2.3) Preservação da Natureza	58
4.2.4) Conservação do Património	61
4.2.5) Relação Urbano-Rural	64
4.3) Bibliografia	68
5) Apresentação de resultados: o que aprendemos?	69
5.1) Verificou-se um processo de mudança? Positiva ou negativa?	69
5.2) O processo centra-se numa comunidade territorial de pequena dimensão?	70
5.3) Satisfaz necessidades fundamentais da comunidade?	70
5.4) O desenvolvimento realizou-se a partir de capacidades endógenas?	71
5.5) Houve participação e empowerment da população?	72
5.6) Mobilizou capacidades exógenas?	72

5.7) Baseou-se numa perspectiva integrada	73
5.8) Há um trabalho de parceria?	73
5.9) Os resultados tiveram impacto em toda a comunidade?	74
5.10) Verificou-se diversidade de processos e resultados?	75
5.11) Bibliografia	75
6) Principais conclusões	76
6.1) Transferência de resultados	76
6.2) Sugestões	79
6.3) Bibliografia	80
Anexos	81

Índice de Figuras

- 1 – Postos de trabalho criados em Allariz no período 1989 – 2004. *Fonte: Allariz Avanza Contigo*
- 2 – Associações profissionais. *Fonte: Allariz Avanza Contigo*
- 3 – Número de habitantes por “paróquia”. *Fonte: Relatório Oficina de Turismo*
- 4 – Dados da pirâmide populacional. *Fonte: Relatório Oficina de Turismo*
- 5 – Pirâmide Populacional
- 6 – Evolução demográfica em Allariz no período 1900-1981. *Fonte: Allariz Avanza Contigo*
- 7 – Empreendimentos Turísticos e Restauração em Allariz no período 1989-2008. *Fonte: Relatório Oficina de Turismo*
- 8 – Alojamentos e número de camas em Allariz no período 1989-2008. *Fonte: Relatório Oficina de Turismo*
- 9 – Balanço de Investimentos nas “Paróquias”. *Fonte: Allariz Avanza Contigo*

Abreviaturas

EUA- Estados Unidos da América

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

TER - Turismo em Espaço Rural

DGADR – Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural

1. Introdução

1.1) O problema e a perspectiva da solução

O tema em estudo aborda a relação entre turismo e desenvolvimento local em meio rural. Sendo o turismo apregoado hoje em dia como a escapatória para os meios rurais, interessa saber em que condições e que desenvolvimento pode o turismo fomentar.

Colocámos à partida a seguinte questão: de que forma o turismo em espaço rural pode ser factor de desenvolvimento local em meio rural? Apresentando as seguintes hipóteses: o turismo produzirá desenvolvimento local em meio rural se colocar as pessoas no seu centro; possibilitar a diversificação de actividades económicas; preservar a natureza; apostar na cultura nas suas várias facetas e privilegiar a parceria entre diferentes espaços e entidades.

Depois de contactar com alguns estudos sobre a realidade portuguesa que demonstram que os efeitos do turismo no meio rural são de um modo geral muito incipientes em termos de contribuição para o desenvolvimento local, procurámos um caso na vizinha Espanha (Galiza), onde se reuniram uma série de práticas que proporcionaram desenvolvimento local aliado ao turismo. Não querendo de modo nenhum apresentar este caso como “modelo a seguir” (porque cada local é único e específico e o processo de desenvolvimento é sempre dinâmico em função do contexto), apercebemo-nos de algumas boas-práticas que aqui apresentamos enquanto matéria de reflexão: aposta nas pessoas: formação, participação e emporwerment; diversificação das actividades económicas; preservação da natureza; investimento no património e relação urbano-rural.

O debate acerca de um tema com esta complexidade revela-se actual e de especial interesse para a autora, a nível pessoal por ser oriunda de um meio rural do concelho de Vila Real (região que física e culturalmente apresenta muitas afinidades com a Galiza), revelando-se os constrangimentos e potencialidades do desenvolvimento em zonas rurais de grande interesse pessoal. Em termos académicos, parece ser unânime que os processos de desenvolvimento de zonas rurais devem respeitar pressupostos como a diversificação de actividades económicas, dentro das quais se encontra o turismo, contudo parece existir ainda uma distância entre teoria e prática, daí o nosso interesse em verificar um caso prático em que estes pressupostos sejam realidade, retirando daí conhecimentos importantes para futuras reflexões.

São assim objectivos deste trabalho analisar a relação entre o turismo e o desenvolvimento local em meio rural, contribuindo para o saber científico nestas áreas,

ao mesmo tempo que se criam oportunidades de reflexão nas práticas, concorrendo assim para a valorização das potencialidades de regiões rurais, tradicionalmente mais afastadas do desenvolvimento.

1.2) Estrutura interna da dissertação

Para desenvolver este trabalho, começa-se por discutir paradigmas, conceitos e teorias subjacentes às questões da ruralidade, e mais especificamente ao TER, analisando as suas implicações científicas, políticas e sociais: Paradigmas da Modernidade e Pós-Modernidade; Conceitos de Ruralidade, Urbanidade, Desenvolvimento Local em Espaço Rural e Turismo em Espaço Rural.

Seguidamente são abordadas questões metodológicas. Explica-se a escolha da metodologia de estudo de caso e justifica-se a adopção das técnicas de observação directa, entrevistas e análise de informação documental. Apresenta-se depois a técnica de análise de conteúdo adoptada e os pressupostos ligados à discussão dos resultados. Achou-se pertinente incluir ainda um ponto dedicado às questões éticas que, pela sua subjectividade e sensibilidade, se revestem de grande importância nas pesquisas sociais.

De seguida, apresentam-se alguns dados históricos, sociais e físicos relativamente ao estudo de caso, Allariz, apresentam-se os dados recolhidos, inseridos nos indicadores previamente definidos e discutem-se depois os resultados à luz dos pressupostos do desenvolvimento local, concluindo-se que se verifica em Allariz um processo de desenvolvimento local associado ao turismo.

Por fim, apresentam-se algumas conclusões e recomendações.

1.3) Limitações do trabalho

A escolha de um estudo de caso fora de Portugal traz algumas exigências acrescidas: a nível de tempo, uma vez que se perde mais tempo em deslocações; a nível financeiro, pelas despesas que essas deslocações acarretam; a nível linguístico e cultural, pela adaptação ao contexto exigida. Neste caso, este último desafio foi o que teve menos impacto, apesar de inicialmente se prever que a língua e a cultura poderiam ser barreiras à qualidade do estudo e que as diferenças em termos de contexto sociopolítico poderiam também ser um impedimento para o sucesso do trabalho, a primeira ordem de factores não revelou qualquer dificuldade, tanto nas visitas informais, como nas entrevistas e na análise documental, uma vez que o galego foi

muito facilmente entendido pela investigadora e a cultura apresenta muitas afinidades com a portuguesa; já as idiossincrasias sociopolíticas exigiram um esforço para a compreensão do quadro de análise, mas não nos parece que sejam uma limitação do trabalho. Tratando-se de um estudo de caso, cuja generalização para uma teoria é analítica (Yin, 2003), as diferenças sociopolíticas em relação ao modelo português são importantes enquanto conjuntura do estudo de caso e não enquanto marcos distintivos de um modelo a seguir.

Já as primeiras dificuldades calculadas, que se referem ao dispêndio de tempo e recursos foram aquelas que tiveram mais peso, uma vez que limitaram o estudo no terreno a 4 dias completos. Este não será um problema tão grave, na medida em que a distância física foi colmatada por proximidade de comunicação através de internet e telefone e a pouca quantidade de visitas foi largamente suprida pela qualidade das mesmas. Mas tendo em conta o cariz qualitativo do estudo, apercebemo-nos que um contacto mais aprofundado no terreno poderia ter permitido a exploração de alguns aspectos que deste modo não passaram apenas de impressões. Por outro lado, poder-se-ia ter criado uma relação mais próxima com alguns entrevistados (de rua, principalmente) que permitiria a recolha de mais informação e com mais conteúdo.

Ficou por realizar uma entrevista importante à responsável concelhia pelo turismo, após várias marcações adiadas em cima da hora por indisponibilidade da responsável política e de tentativas de realizar a entrevista através da internet que também não deram fruto. Trata-se de uma limitação deste trabalho, que queremos acreditar que foi de algum modo colmatada pela qualidade da entrevista ao Alcaide.

1) A PROBLEMÁTICA EM ESTUDO

2.1) Compreendendo o quadro ideológico ou os paradigmas dominantes

2.1.1) Como enquadrar o tema de estudo?

Onde nos inserimos?

Um paradigma é um modelo conceptual que enquadra e orienta o desenvolvimento da pesquisa. Representa uma cosmovisão, reunindo maneiras de interpretar, expressar e actuar sobre a realidade que encontram pontos comuns entre si. A introdução inicial aos paradigmas dominante e emergente revela uma linha de pensamento e discussão transversal a toda a dissertação, onde caberão o enquadramento de conceitos de desenvolvimento local e meio rural, onde se apoiarão metodologias qualitativas de estudo de caso e análises de dados e discussão de resultados apoiadas em interacções sociais e sua interpretação simbólica (Blumer, 1986).

2.1.2) Paradigma do Modernismo e Teoria da Modernização

Pode-se identificar a génese do Modernismo no Renascimento, com as revoluções científica, artística e cultural, religiosa e política que nesse período emergiram e que levaram à Revolução Francesa. Acompanhadas das revoluções agrícola, comercial, dos transportes e vias de comunicação e tecnológicas que levaram à Revolução Industrial (Amaro, 2003).

A racionalidade é o conceito-chave deste período, caracterizado pelo positivismo,¹ tornando-se um modelo totalitário que nega legitimidade aos conhecimentos que não se rejam pelos seus princípios e regras. O conhecimento científico opõe-se ao senso comum, ao homem e à natureza. O conhecimento é causal, utilitário e funcional. Visa a formulação de leis, através de regularidades observadas e é regido por um determinismo mecanicista.

¹ A corrente positivista defende a obtenção de conhecimentos pela observação, através da formulação de teorias, apoiadas numa epistemologia objectivista. Para isso, requer-se do investigador a capacidade de observar objectivamente a realidade, captando as suas regularidades estatísticas. A ciência é feita pela explicação, previsão e controlo. Segundo esta corrente, a realidade não se transforma com o olhar de quem a estuda, pelo contrário, é única, não sendo dada importância aos aspectos subjectivos do indivíduo (Coutinho, 2005)

Inicialmente (acontecendo ainda hoje com frequência), o conceito de desenvolvimento estava muito associado ao de *modernização*, “*definido como o processo de substituição das estruturas arcaicas e tradicionais do subdesenvolvimento (e dos meios rurais e dos sectores económicos e das mentalidades com eles conectados), pelas lógicas modernas e progressistas do desenvolvimento (e dos meios urbanos e dos sectores industriais e dos modos de vida e de consumo a eles inerentes)*” (Amaro, 2003: 9-10).

Dentro deste paradigma, ganha força a Teoria da Modernização, que surge num contexto em que os EUA se afirmam como super-potência a seguir à II Guerra Mundial e se assiste ao crescimento do mundo comunista e a um fenómeno generalizado de descolonização. Factores esses que se tornam palco da guerra-fria, lutando as duas grandes potências (EUA e ex-URSS) por afirmar a sua influência. É com esse objectivo que os EUA começam a encomendar estudos aos cientistas sociais que legitimem e facilitem o seu domínio sobre os países do chamado “terceiro-mundo”. Surgem assim os estudos da modernização, que dão origem a um movimento social da chamada Escola da Modernização. As duas grandes teorias defendidas por estes investigadores são:

- Teoria Evolucionista: explica a transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna, na Europa, no século XX, sendo esta última, exemplo a seguir pelos países do “terceiro-mundo” (So, 1990);
- Teoria Funcionalista: Parsons compara a sociedade humana a um organismo biológico, sendo que as várias partes do organismo se assemelham às diferentes instituições da sociedade, resultando em relações de interdependência e inter-relação (So, 1990).

É assim enfatizado o conceito de sistema, enquanto coordenação harmoniosa entre instituições. Tal como as partes do organismo trabalham para o bem do todo, também as instituições visam a estabilidade e o crescimento de toda a sociedade. Parsons defende quatro funções cruciais das sociedades (So, 1990):

- adaptação ao meio ambiente (economia)
- perseguição de objectivos (Governo)
- integração (ligação entre instituições): (religião e instituições legais)
- latência (transição de valores) (Educação e Família)

Smelser (citado por So, 1990) demonstra que a modernização não é um processo fácil nem harmonioso, devido à forte diferenciação entre as instituições, aos problemas de

integração (choque entre valores das velhas e das novas instituições) e aos distúrbios sociais, resultado da falta de integração entre estruturas diferenciadas (So, 1990).

Em suma, as teorias da modernização não foram só académicas, mas tiveram um forte impacto político, ao legitimarem as assimetrias nas relações de poder entre as sociedades ditas tradicionais e modernas. Os países do 3.º mundo deviam seguir o exemplo dos EUA, nomeadamente o seu desenvolvimento económico, a substituição dos valores tradicionais e a institucionalização de procedimentos democráticos (So, 1990), para que pudessem aceder ao mesmo nível e tipo de desenvolvimento.

2.1.3) Mudança de Paradigma

No início dos anos 70 surgem sinais de dificuldades nos países capitalistas, nomeadamente a fragilidade da hegemonia americana, e nos países socialistas, como a Primavera de Praga. Ao mesmo tempo, emergem novos países industrializados, como o Brasil, México, Jugoslávia, Espanha, Coreia do Sul, Singapura, Formosa e Hong Kong. Estes factores estiveram na origem da Teoria do Sistema Mundo de Wallerstein, segundo a qual o desenvolvimento obedece a uma dinâmica histórica de longo prazo e a relações sistémicas (Wallerstein, 2004). A Modernidade é o tempo histórico do desenvolvimento e da Economia-Mundo, que não tem sempre os mesmos líderes (Espanha e Portugal –Descobrimientos, séc. XVI; Holanda –revolução comercial, séc. XVII; Inglaterra – revolução industrial, séc. XVIII; EUA –revolução financeira, séc. XIX). Há movimentos de ascendência e descendência no desenvolvimento, um dinamismo muito forte que rejeita uma visão dualista, já que existem 3 tipos de países: os que pertencem ao centro, à periferia e à semi-periferia.

“ O sistema inter-estados é, por assim dizer, a componente política da economia-mundo capitalista e nela actuam os diferentes Estados nacionais em busca contínua da consolidação ou melhoria das suas condições estruturais. Desigualmente equipados, em função da sua situação geo-estratégica, poderio militar, alianças privilegiadas e recursos materiais, os diferentes Estados nacionais têm reproduzido e aprofundado uma relação histórica de dominação/subordinação que se espraia, por exemplo, do colonialismo ao exercício da hegemonia mundial. Esta tem sido, por regra, exercida por parte do Estado central que, em simultâneo e em oposição aos seus pares, exhibe vantagens comparativas superiores nos domínios económico, comercial, militar e financeiro. Terá sido assim no caso holandês, inglês e americano, este último hoje em indiscutível declínio.” (Fortuna, 1993: 61)

Nessa linha de pensamento, assiste-se a uma *“dialéctica entre territorialização e desterritorialização, a estrutura analítica (...) que conjuga a teoria do sistema-mundo (que capta a Dinâmica da desterritorialização) e a perspectiva da regulação (que*

capta a Dinâmica da reterritorialização)” (Santos, 1993:20), aspecto que faz com que Portugal assumira uma posição de semi-periferia (Santos, 2003).

De referir ainda o contributo dos novos paradigmas científicos: teoria da complexidade, que defende que a realidade é na sua expressão complexa e a apreensão tradicional por segmentos de análise não dá conta da complexidade pois falta a visão holística da realidade (Morin, 1982); teoria dos sistemas, que é uma tentativa teórica de pôr em prática o paradigma da complexidade, assumindo que tudo está relacionado, por isso as análises devem incidir sobre sistemas e não sobre pontos isoladamente, para se analisar a parte tem de se analisar o todo, cada uma das partes e a relação entre eles (Bertalanffy, 1973), e a teoria do caos, que põe em causa o predomínio do conceito de equilíbrio das teorias tradicionais, o caos é importante porque emprega dinamismo (Stacey, 1998).

2.1.4) Paradigma do Pós-Modernismo

É na sequência destas teorias e correntes de pensamentos, que se instala o paradigma do Pós-Modernismo, surgindo como contestação aos pressupostos e princípios do Modernismo e mais concretamente aos valores do Positivismo. São 5 as características essenciais deste paradigma (Santos, 1998):

- Todo o conhecimento científico-natural é científico-social

Deixa de haver distinção entre orgânico e inorgânico, seres vivos e matéria inerte, humano e não humano, sujeito e objecto. *“A concepção humanística das ciências sociais (...) coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa. Não há natureza humana porque toda a natureza é humana.”* (Santos, 1988:60)

A lógica existencial da ciência pós-moderna é promover a “situação comunicativa”.

- Todo o conhecimento é local e total

Paradoxalmente, quanto mais total, mais local o conhecimento se torna. A globalização ao vir irmanar e colocar ao mesmo nível vários aspectos da realidade, permite também que as diversidades locais se acentuem mais². O conhecimento pós-moderno apoia-se na imaginação, na qualidade e na exemplaridade. O local pode ser ponto de partida para explicações e transferência de saberes.

² Embora o contrário também se verifique, a globalização ao mesmo tempo que tem o poder de fazer sobressair as diversidades locais também as pode aniquilar, dependendo da forma como cada local reaja à globalização.

Ao contrário do que se passava no Modernismo, o conhecimento não é determinístico, actua sob condições de possibilidade, é imetódico e baseia-se na pluralidade.

- Todo o conhecimento é auto-conhecimento

A ciência não descobre, cria. Os pressupostos metafísicos, sistemas de crenças e juízos de valor são parte integrante da explicação científica da natureza ou da sociedade.

O carácter auto-biográfico e auto-referenciável é plenamente assumido nas ciências. Já não se quer apenas sobreviver, mas sim viver, para isso é necessário um conhecimento íntimo e compreensivo que nos una e não nos separe.

A incerteza é a chave do entendimento, já que o mundo, mais do que controlado, deve ser contemplado e a qualidade é uma palavra-chave. A criação científica está próxima da criação literária ou artística.

- Todo o conhecimento científico visa constituir-se num novo senso-comum

“A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo.” (Santos, 1988:70)

O espírito deste paradigma emergente pode ser resumido nesta frase: *“devemos exercer a insegurança, em vez de a sofrer”* (Santos, 1988:71).

2.1.5) Onde nos situamos?

Qualquer teoria ou definição de conceitos terão de ser compreendidos à luz da mentalidade que os enquadra. Parece que sob muitos aspectos se vive já uma era pós-moderna, em que deixa de haver uma divisão estanque entre conhecimento científico e do senso comum. Nesta linha de pensamento, hoje em dia, parece aceitar-se que a ciência só tem razão de ser na medida em que traga bem-estar aos cidadãos e, do mesmo modo, o acesso universal à informação parece ter levado a que o senso comum fizesse pressão sobre os pressupostos científicos e os alterasse, passando a aceitar-se a incerteza e o conhecimento *i-metódico* (Santos, 1988) como parte da ciência.

O indivíduo é o centro da nossa cultura e as ciências reflectem isso, buscam a sua felicidade, que, no entanto, teima em não obedecer aos espantosos progressos que se conseguiram atingir. Vive-se assim num paradoxo, o aumento de fruições privadas proporcionadas pelos desenvolvimentos das ciências está directamente ligado com o crescimento dos casos de depressões, frustrações e insatisfações afectivas e

profissionais (Lipovestky, 2009) “*O «trágico» da nossa época radica na dinâmica da individualização e em novas aspirações de vida feliz; quanto mais se afirma a exigência de felicidade privada, mais crescem, inevitavelmente, as insatisfações e desilusões de todo o tipo.*” (Lipovetsky, 2009:1).

Contudo, não se pode dizer que muitos aspectos da cultura moderna tenham já sido substituídos. Pelo contrário, continua a predominar uma visão funcionalista da sociedade, valorizando-se o utilitarismo e o consumismo desenfreado.

As preocupações com o ambiente são ainda muito superficiais, dando-se alguns passos no sentido de preservar os recursos naturais, mas não se criam/firmam comportamentos de mudança estrutural que possam travar o caminho de destruição da natureza que tem revelado contrapartidas muito óbvias como o aquecimento global.

A natureza e os espaços rurais são vistos mais como espaços de consumo de serviços que proporcionem experiências de fruição e descanso opostas àquelas que se desfrutam nos espaços urbanos e que se caracterizam por um elevado grau de stress e de ansiedade (Silva, 2009).

É necessária uma preocupação legítima com o equilíbrio natural que os espaços rurais oferecem, bem como com a sustentabilidade ambiental, demográfica, social e territorial que é preciso restabelecer, preservando esses espaços e as suas dinâmicas culturais e sociais (Soromenho, 2009).

Onde nos encontramos então?

Pode falar-se em mudança de paradigma, abandonando-se os pressupostos do paradigma *newton-cartesiano* que assentavam nas ideias positivistas de generalização e quantificação, ou em “mutação civilizacional”³. Ou seja, é hoje cada vez mais comum admitir-se que estamos na viragem da modernidade para a pós-modernidade,

³ AMARO defendeu no Seminário “Desafios da Economia Solidária: reflexões acerca das experiências portuguesa e brasileira”, em Coimbra, a 16 de Janeiro de 2008, relativamente à Economia Solidária, que se está a passar de uma visão antropocêntrica para uma visão ecocêntrica da Solidariedade.

Algumas sinergias necessárias para essa mudança passam pelo desenvolvimento local, que precisa da Economia Solidária para ganhar consistência e renovação social; pela protecção ambiental, pois a economia não se pode desinteressar da sustentabilidade do planeta; defesa do consumidor, enquanto contra-tendência à lógica do lucro das sociedades capitalistas; humanização e qualidade nas relações laborais, para irem para além de um simples contrato civil; íntima relação entre Educação e Economia Solidária, que deve ter um lugar no sistema formal de ensino e na educação ao longo da vida e, por fim, uma ligação à cultura, para que aconteça inovação social.

O futuro da Economia Solidária passa por uma simbiose entre o individual e o colectivo, o local e o global. A desumanização põe em causa a sustentabilidade do planeta e da raça humana. Estamos perante uma mutação civilizacional, outro modo de viver, produzir e consumir.

A Economia Solidária mostra-se disponível para actuar entre o local e o global, permitindo uma dinâmica de esperança e exige intervenção e participação cívica para que a possibilidade se torne realidade.

defendendo muitos autores que estamos já na era pós-moderna, advindo daí novas formas de se abordar a questão rural/urbano. O paradigma que parece estar a ganhar terreno define-se pela abertura, interdisciplinaridade, incerteza, irregularidade e possibilidade. As suas principais linhas orientadoras passam por descobrir realidades debaixo dos fenómenos observáveis, analisar a natureza estrutural dos problemas, encontrar possibilidades que podem vir a tornar-se observáveis (Henriques, 2006), integrar a relação entre os sujeitos e a sua emancipação e possibilitar a acessibilidade do conhecimento científico ao senso comum.

Vive-se num período de transição, difícil por isso de descrever ou caracterizar, mas onde são levantadas questões importantes, cujas respostas podem dar luzes sobre o caminho a seguir. Essas questões passam por saber se se quer continuar a seguir um modelo económico predatório baseado apenas nas leis do Mercado sem qualquer preocupação com as dinâmicas territoriais locais. Até quando é possível acreditar que o actual estilo de vida urbano é sustentável? Qual o papel da natureza na nossa sociedade? Que políticas sociais que visem a integração e a valorização das potencialidades individuais? Encontrar-se-á um sistema político que leve a sério as questões da participação, do “empowerment” e da parceria?

2.2. Conceitos: abordagem e discussão

2.2.1) Do que falamos quando nos referimos ao “rural”?

“A compreensão das diferenças entre o modo de vida rural e urbano permite a compreensão das mudanças mais importantes na natureza humana e na ordem social.”

L. Wirth

2.2.1.1) Ruralidade

O termo “sociedade rural” é aqui usado para referir não o espaço físico, mas antes a dimensão sociológica da ruralidade, as interações sociais e representações simbólicas dos actores que habitam os “espaços rurais”, isto é, o “espaço social rural” (Pedroso, 1998). Apoiando-se na relação entre espaço físico (estruturas espaciais) e interação social (oportunidades) (Guerra, 1987 citada por Pedroso, 1998), o autor relaciona a influência do contexto espacial com as oportunidades de desenvolvimento.

A definição de “espaço social rural” foge assim da abordagem residual apoiada na dimensão dos aglomerados populacionais com características diferentes do urbano (Kayser, 1990) e sustenta-se numa perspectiva sociológica que focaliza as relações sociais (Pedroso, 1998):

- *“Baixas densidades populacionais, com (...) amplas paisagens de dominante não construídas;*
- *Dependência económica e simbólica de formas de exploração dos recursos naturais (...), quer na produção (...), quer nos serviços (...);*
- *Um modo de vida centrado na intensidade das relações locais baseadas no interconhecimento e na ligação à natureza como factores de identidade colectiva (dos residentes) e de produção de alternativas aos meios urbanos (para os novos residentes e os consumidores de origem urbana).”* (Pedroso, 1998: 8-9)

Na mesma linha, encontramos uma outra forma de apresentar os traços distintivos do *espaço social rural*:

- “- uma função principal: a produção de alimentos;*
- uma actividade económica dominante: a agricultura;*

- *um grupo social de referência: a família camponesa, como modos de vida, valores e comportamentos próprios;*
- *um tipo de paisagem que reflecte a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de actividades humanas desenvolvidas.” (Ferrão, 2000:1)*

Estas abordagens apresentam três classes diferentes de características das sociedades rurais: físicas (dimensão dos aglomerados e tipo de paisagem); económicas (actividades agro-silvo-pastoris, pecuárias, artesanato e outras produções simples e turismo em espaço rural) e sociais (relações de interconhecimento e pertença a grupos locais de dimensão limitada). A primeira ordem de características distintivas não é pertinente para a definição que aqui se quer encontrar, pois um espaço com estas características (eminentemente verde e com baixa densidade populacional) pode ser encontrado numa área urbana. Já as dimensões económica e social são pertinentes, contudo, tendo em conta o contexto actual português, a dimensão económica tem um peso muito relativo, sendo importante contrariar esta tendência que a manter-se pode levar à agudização da situação actual que já é bastante problemática (envelhecimento, êxodo rural, falta de perspectivas de futuro para os jovens, sobrelotação da faixa litoral, desertificação do território e consequentes problemas ambientais, etc). Deste modo, as características sociais, assinaladas pela predominância de relações de interconhecimento e inter-ajuda ainda fortes (aproximando-se do conceito de solidariedade mecânica de Durkheim) são aquelas que mais distinguem o espaço rural do espaço urbano. Pode assim definir-se ruralidade como uma forma de estar na vida por oposição ao modo de vida urbano (Wirth, 1938), deixando de interessar as definições administrativas de espaço rural, baseadas sobretudo no número de habitantes e densidade populacional.

As redes de transporte e comunicação que se desenvolveram com os avanços tecnológicos levaram o modo de vida urbano bem para além dos seus limites (Wirth, 1938), de modo que a definição de sociedade rural só faz sentido em oposição à de sociedade urbana. O espaço rural compreende especificidades próprias que se encontram em mutação. O tradicional e o moderno entrecruzam-se numa complexidade difícil de distinguir e de identificar. O rural sofre processos de urbanização, existindo uma reestruturação dos modos de vida que tendem a integrar hábitos de consumo e de lazer característicos das grandes cidades (Wirth, 1938).

Poderá, neste momento, ser mais correcto falar de Pós-ruralidade (Silva, 2009), processo que reflecte as mudanças estruturais nas sociedades ocidentais e que se relaciona com a *desruralização* e *desagrariação* (Silva, 2009)

2.1.1.2) Urbanidade

Falar de “sociedade urbana”, no sentido que aqui se pretende explicar: estilo de vida social que se opõe a um certo estilo de vida rural, implica, aparentemente, uma associação com a modernidade e os seus principais conceitos estruturantes (economicismo, produtividade, consumismo, industrialismo, quantitativismo, tecnologicismo, antropocentrismo, racionalismo, urbanicismo, etnocentrismo e uniformismo). Na verdade, é com as Revoluções Industrial e Francesa que estas características fundamentais se vão implementar, com avanços e recuos, de um modo geral nas sociedades ocidentais. Podia então dizer-se que de *“um ponto de vista sociológico, pode definir-se cidade como um agregado relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogéneos”* (Wirth, 1987:1).

Contudo, há dois aspectos fundamentais que põem em causa esta definição: por um lado, a característica da heterogeneidade já não é exclusiva dos espaços urbanos, como o comprovou Gans, ao verificar a existência de “aldeões urbanos”, de uma grande diversificação de estilos de vida suburbanos, de aldeias e de zonas rurais sujeitas a uma grande mobilidade social e a formas de interacção social anónima e heterogénea (Gans citado por Mingione e Pugliese, 1987); por outro lado, assiste-se cada vez mais nos meios urbanos ao surgimento e afirmação de identidades locais, a um “return to community” (Touraine, 2000), destacando-se territórios e fenómenos de forte homogeneidade.

Este fenómeno pode explicar-se pelo “paradoxo da globalização”⁴ (Costa, 2002), ou seja, à medida que a globalização vai criando uma opinião pública global, proporcionando hábitos de consumo comuns a vastas áreas geográficas e criando uma uniformização cultural, vão também surgindo cada vez com mais força manifestações

4 Costa (2002) explica do seguinte modo o “paradoxo da globalização”: “Ora, aqui, o problema não é de pertinência empírica, mas de referência teórica. Uma constatação factual só se constitui como surpresa – e, mais ainda, só adquire o estatuto de paradoxo –perante uma teoria prévia ou, pelo menos, perante uma convicção cognitiva até então implicitamente partilhada (Gil, 1984). A simultaneidade –e, mais do que a simultaneidade, a interligação –entre os processos de globalização e os processos de proliferação de identidades culturais só pode ser considerada paradoxal do ponto de vista de uma teoria pré-constituída que assuma, como efeito previsível dos processos de globalização, uma tendência mais ou menos inexorável para a indiferenciação cultural”

de identidades culturais e sociais ao nível local. Global e local interpenetram-se e influenciam-se mutuamente, com tendência para o equilíbrio, como se de um ecossistema se tratasse.

É tendo em conta esta mudança civilizacional e a difícil delimitação do conceito que esta comporta que se constata a dificuldade em definir o conceito de sociedade urbana. Essa dificuldade pode ser atribuída a efeitos da mundialização das economias que se reflectem na criação de grandes metrópoles, abarcando vários espaços distintos, não só urbanos, como rurais, todos interligados por complexas redes de mobilidade, inseridos num contexto pós-moderno que acarretou grandes transformações na cidade industrial: uma nova relação espaço-tempo é criada, exigindo novas formas de urbanidade (sociabilidades) equipamentos sociais e formas de pertença e identificação, (Guerra, 2003). Destaca-se o individualismo pós-moderno, com uma grande prevalência dos interesses individuais sobre um projecto colectivo.

A relação entre espaço e modos de vida é crucial para perceber a questão da urbanidade, desse modo “*considera-se que a intervenção sobre o espaço tem efeitos no projecto colectivo, na sociedade e, portanto, condiciona a vida dos cidadãos*” (Guerra, 2003: 238).

2.2.1.3) Tentativa de Síntese

Para tentar encontrar uma síntese relativamente à caracterização dos diferentes espaços (rurais/urbanos) e respectivos tipos de socialização (ruralidade/urbanidade), é vantajoso explorar as ideias de Ferrão (2000) no que se refere a um continuum rural-urbano, onde os espaços rurais e urbanos estão devidamente articulados, desempenhando a cidade um papel de “*ponte efectiva*” (Ferrão, 2000:52) entre os vários espaços, “*em detrimento de relações assimétricas e predadoras do mundo rural*” (Ferrão, 2000:51). Para isso seria de todo o interesse aproveitar a “*massa crítica dos recursos urbanos*” (Ferrão, 2000:50) em benefício do rural. Algumas medidas a tomar, segundo este autor, seriam (Ferrão, 2000: 50-51):

- criação de uma “bio-região”, preservando uma harmonia da paisagem a nível estético, mas também garantindo sustentabilidade dos ecossistemas e dos processos ecológicos;
- adopção do conceito de “região cognitiva” por parte da opinião pública e em termos de representações sociais, de modo a ligar a cidade à sua envolvente;

- garantir a oferta pública de serviços especializados úteis às populações e organizações das áreas rurais em condições de fácil acesso, tanto do ponto de vista físico (acessibilidade) como social (mobilidade, "proximidade cultural") e económico (custos de deslocação e de comunicação);
- construção de parcerias de proximidade que constituam redes de produção e disseminação de informação, aprendizagens e conhecimentos estrategicamente relevantes para as populações e as organizações das áreas rurais;
- aproveitar as “novas tecnologias de informação e comunicação”, ao nível de serviços públicos, de iniciativas visando objectivos de coesão social ou de competitividade económica, conciliando o contacto físico com o relacionamento à distância;
- articulação eficiente entre políticas que visem o ordenamento do território e os desenvolvimentos rural e urbano;
- conceber uma logística para o mundo rural capaz de articular, selectivamente, aspectos dos pontos anteriores em função das prioridades e das potencialidades de cada área”.

É assim atribuída ao meio urbano uma “função redistributiva”, garantindo condições de acesso a mercados distantes e de mobilidade, bem como de atracção e disseminação ao nível local (Ferrão, 2000).

Para que isso possa acontecer é importante mobilizar a opinião pública através da Comunicação Social e colocar estas questões na agenda política, evitando assim que *“os espaços rurais se transformem em reservas no sentido literal do termo ou em museus que, ainda que animados, serão sempre (por definição) uma cristalização do passado, cenários e espectáculos montados para turista ver”* (Butler e Hall, 1998, Macnaghten e Urry, 1998 citados por Figueiredo, 2008:15).

Pelo contrário, estes espaços seriam integrados numa rede de cidades que, abarcando espaços urbanos e rurais, criariam condições de mobilidade, permitindo o desenvolvimento local dos vários espaços, apostando assim verdadeiramente no incremento da qualidade de vida dos seus cidadãos.

Aplicando esta teoria ao turismo, há que reinventar a relação urbano-rural. O turismo tem de ser uma plataforma de interligação entre estes dois conceitos, permitindo uma descoberta mútua e não uma invenção de património e/ou tradições (Hobsbawm, 1983). Mais, urge colocar em pé de igualdade rurais e urbanos, quebrando mitos de mundo perfeitos e de que só no rural se pode desfrutar de tranquilidade e identidade e

no urbano do desenvolvimento. Numa e noutra esfera há potencialidades e há constrangimentos. Acima de tudo, nos dois ambientes há pessoas com problemas concretos e com possibilidades de soluções também que têm de ser vistas como tal, colocadas no centro de políticas e encaradas nas suas várias dimensões. As aspirações são comuns: *“ainda que as desigualdades económicas se mantenham, agora todas as pessoas têm as mesmas aspirações.”* (Lipovetsky, 2009:1).

É necessária uma nova perspectiva onde deixe de haver uma polarização entre rural e urbano, mas onde ambos os conceitos e, acima de tudo, as pessoas por eles abarcadas, sejam focados no mesmo prisma, tendo em conta as estreitas interligações e interdependências entre eles.

2.2.1 Que Desenvolvimento propomos?

2.2.1.1 O que nos une?

O conceito de Desenvolvimento Local assume-se aqui como o mais favorável a processos de transformação positiva do meio rural. Vai fundamentar-se em conceitos que o antecederam, como o Desenvolvimento Comunitário (que advoga os princípios da auscultação da população, da mobilização das capacidades locais e da articulação de respostas), nascido a partir de intervenções de técnicos de projectos concretos no terreno que cortaram com as visões anteriores do desenvolvimento enquanto imitação pelos países ditos do terceiro mundo das práticas económicas, culturais e políticas dos países que se afirmavam desenvolvidos (teoria da modernização) (Amaro, 2004). Apesar de se basear também nos princípios da participação, empowerment e parceria, o Desenvolvimento Local define-se sobretudo pela sua matriz territorialista, que pressupõe a mobilização dos recursos de cada território para a satisfação das necessidades das populações aí existentes (Henriques, 1990).

É nos anos 80 do século passado que o conceito de Desenvolvimento Local se afirma, por duas vias: indutiva, através de iniciativas da sociedade que procuravam dar resposta a problemas sentidos colectivamente nas comunidades através de respostas inovadoras (base comunitária) e dedutiva, com os estudos académicos que surgiram após o falhanço do desenvolvimento regional e que defendem que o desenvolvimento deve ser potenciado de baixo para cima, a partir dos territórios locais, investindo nas suas potencialidades: recursos humanos, físicos e simbólicos (base territorial).

Alguns factores que explicam o surgimento e proliferação do Desenvolvimento Local em Portugal são: a crise territorial do Estado-Nação, já que os últimos 30 anos foram um período de perda de soberania do Estado-Nação a nível geográfico, com a adesão de Portugal à CEE; presença histórica de identidades locais de natureza infra-nacional, como os municípios; cumplicidades das “lógicas supranacionais”, organismos de natureza local contactam directamente com órgãos internacionais para candidatura a apoios e desenvolvimento de programas, quase sempre financiados pelo Fundo Social Europeu e cumplicidades das lógicas transnacionais, com a negociação directa entre empresas multinacionais e autarquias locais. Em suma, podemos dizer que com o avanço da globalização e à medida que se foi criando uma identidade global, paradoxalmente se foram afirmando identidades locais, que emergiram como contra-cultura (Campanhola e Graziano, 2000). O Desenvolvimento Local é uma forma de

redescobrir a globalização. É comum até adoptar-se o termo “glocalização” (Amaro, 2004) para exprimir esta dialéctica: *“a consciência de pertencer ao Mundo (aldeia global) também é enriquecida por uma mais forte identidade local, regional, nacional e/ou europeia e vice-versa, em todos os sentidos. Hoje temos tendência para nos sentirmos cada vez mais cidadãos do Mundo (da Europa, etc.), ao mesmo tempo que recuperamos as nossas identidades regionais e locais»* (Amaro, 1990: 45). A ameaça que a globalização provoca ao local ou a absorção da sua identidade ou uma reacção do local que fará com que as suas idiossincrasias sejam ainda mais realçadas. A mudança, segundo Henriques (2006), requer consciência crítica e acção colectiva, quanto mais o local se apetrechar com estes instrumentos mais preparado estará para se afirmar num contexto de globalização.

A crise financeira, teórica e ideológica do Estado-Providência, que perde eficácia e eficiência na resposta social aos problemas dos cidadãos (Amaro, 1991) permite a emergência do chamado terceiro sector, onde ganha a força economia social ou solidária, sendo o desenvolvimento local o contexto ideal para o seu aparecimento e desenvolvimento (Amaro, 2004).

Por outro lado, assiste-se à perda das chamadas economias de aglomeração (modelo de economia dos pós-guerra que aposta em economias de escala), transformando-se numa economia de dispersão, o que leva a que muitas pessoas abandonem as grandes cidades, o que exige a existência de acessibilidades e equipamentos nas pequenas localidades (Amaro, 2004).

Outro factor determinante foi a revolução das Tecnologias da Informação e Comunicação, permitindo a proliferação do trabalho à distância (Amaro, 2004).

Também a emergência de uma nova consciência ambiental permitiu a instalação deste tipo de desenvolvimento, já que as pessoas passaram a escolher as suas actividades e residência tendo em conta a não sobrelotação das grandes cidades (Amaro, 2004).

Por último, podemos falar da emergência do marketing local, que permite o escoamento de produtos locais para novos mercados, a partir da sua certificação e divulgação (Amaro, 2004).

2.2.1.2 Formas de que se reveste este desenvolvimento?

A relação do binómio comunidade/território pode transformá-lo num “local aprendente” (Figueira, 2009), baseado na cultura e identidade locais. Este conceito pressupõe o envolvimento da comunidade local da definição de estratégias de desenvolvimento, a promoção e valorização dos recursos locais, a gestão local e a subsidiariedade, a integração, a sustentabilidade, a viabilidade económica, a qualificação e empregabilidade, a proximidade e a rede, translocalização e globalização. No fundo, quanto mais o território estiver ao serviço da comunidade e na medida em que esta saiba integrar-se no território que ocupa mais a relação será mutuamente benéfica, podendo falar-se de “local aprendente”.

Tratando-se de um processo vasto, muitas são as características do desenvolvimento local que se poderiam aqui apresentar, no entanto são adoptadas as 10 características fundamentais apontadas por Amaro (2008), baseado nos pressupostos do paradigma territorialista:⁵

- **Processo de Mudança de uma comunidade de pequena escala:**

qualquer processo de desenvolvimento é sempre de mudança, implica a passagem de um ponto de partida (situação não favorável) para uma situação favorável, normalmente identificada como objectivo estratégico de longo prazo que ao ser atingido cria novas necessidades, obrigando à definição de novos objectivos estratégicos. Nesse sentido, são criadas muitas vezes tensões e conflitos que devem ser geridos de modo a poderem ser daí retiradas lições e aprendizagens que conduzam a comunidade para um caminho de melhoria da sua situação.

Por este motivo, este processo nem sempre é linear, tem avanços e retrocessos e também nem sempre é unânime, surgindo muitas vezes vozes de discordância. Contudo, a perseverança e o recurso a metodologias democráticas permitem que a mudança seja positiva e vá de encontro à resolução dos problemas dos mais necessitados daquela comunidade, aquilo que Gurley (citado por Henriques, 1990) chama de «progresso social».

- **Centrado numa comunidade territorial de pequena dimensão**

O Desenvolvimento Local é um conceito sócio-antropológico e não administrativo, já que as comunidades de identificação nem sempre se delimitam pelas fronteiras

⁵Estas características são ideias de Rogério Roque Amaro, anotadas a partir de uma das suas aulas da disciplina de Metodologias de Intervenção para o Desenvolvimento do VI Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais, Desafios Mundiais, - Análise e Gestão, no ISCTE, em Junho 2008

administrativas e políticas. Essa identificação parte de um sentimento de “ethos” colectivo, do “nós”, e pode surgir de proximidades culturais, religiosas, geográficas, étnicas ou outras. A partir dessa união passa-se à acção-solidariedade, há uma capacidade de gerar acção colectiva.

O paradigma territorialista no qual se fundamenta o desenvolvimento local defende a existência de pequenas unidades territoriais ou “*agropolitans*” (Friedmann e Douglass citado por Henriques, 1990), trata-se de um desenvolvimento “*de baixo para cima*”, abrangendo escalas cada vez mais elevadas, tendo sempre como objectivo último satisfazer as necessidades da comunidade, apoiando-se para isso nas respectivas potencialidades e partindo mesmo das suas fragilidades (Henriques, 1990).

- **Tem como objectivo satisfazer necessidades fundamentais da comunidade**

As intervenções devem dirigir-se ao ataque dos problemas que a comunidade entende como tal. Esta deve ter um papel preponderante não só na identificação dos problemas e diagnóstico da situação, como também na escolha das metodologias de intervenção, sua implementação e avaliação.

“A satisfação das necessidades dos mais pobres deverá constituir o cerne do processo de desenvolvimento” já que *“se trata do desenvolvimento de pessoas e não de lugares e que qualquer processo de crescimento que não venha de encontro às necessidades humanas é um «travesti» da ideia de desenvolvimento.”* (Henriques, 1990: 55)

- **A partir das capacidades endógenas**

Só faz sentido falar em Desenvolvimento Local se houver uma aposta clara na valorização dos recursos de uma determinada comunidade: humanos, físicos, culturais, sociais, ambientais, entre outros. Trata-se de uma atitude de valorizar o potencial existente e apostar no seu desenvolvimento.

O conceito de “local aprendente” (Figueira, 2009) baseia-se nesta aposta nas pessoas, principal recurso local, já que a sua capacidade para aprender ao longo da vida e aplicar o que se aprende é um factor muito importante para melhorar a sua qualidade de vida. Além das pessoas, também as organizações aprendem. A aprendizagem, quer das pessoas, quer das organizações ou do próprio território, deve estar no centro dos processos de desenvolvimento.

Henriques (2006) fala em auto-determinação selectiva que se refere à capacidade da “região” controlar os seus recursos, baseada em princípios como o de equidade, directamente relacionado com a igualdade de oportunidades, e inovação regional, apoiados em mudança tecnológica, institucional e social.

- **Participação e Empowerment**

As iniciativas devem fomentar não só a participação activa das pessoas daquela comunidade em todo o projecto, como também criar condições e contextos de empowerment desses recursos humanos, através de formação, iniciativas de emprego, culturais, recreativas e políticas. O objectivo último de qualquer intervenção para o desenvolvimento é autonomizar a comunidade local de modo a que no futuro ela seja capaz de enfrentar as situações que a debilitam.

Quando se fala em participação, refere-se o processo de envolvimento directo das pessoas nas grandes decisões que lhes dizem respeito a elas próprias e à sua comunidade. De facto, democracia participativa ressalta o conceito de cidadania no sentido de todos poderem ter a possibilidade de participar na construção de uma sociedade, que se idealiza melhor e mais justa, com indivíduos que possuam capacidade activa e interventiva para alcançarem melhores condições de vida (empowerment).

No contacto com as populações locais, verifica-se que as pessoas vivem em contextos com características muito próprias, onde existem capitais humanos e sociais muito específicos e com problemas muito concretos. É nesta abordagem que se situa a grande importância da **participação** de todos os interessados como factor determinante para o desenvolvimento local. Por um lado, o envolvimento dos beneficiários directos é fundamental para produzir o conhecimento da realidade local, para manifestar as suas preocupações e interesses e para produzir estímulos. A sua capacidade para decidir e agir por si mesmos é reforçada, criando-se as condições necessárias para a autonomia. Por outro lado, todos os interessados no processo estão em condições de perceber as necessidades e prioridades – identificação dos problemas – e mediante esforços conjuntos é possível definir objectivos e planear uma estratégia de acção que conduza a oportunidades de mudança e desenvolvimento. Como é salientado no *The World Bank Participation Sourcebook (2006)*, para se chegar às pessoas é necessário trabalhar com elas, perceber as suas necessidades, compreender como as decisões de desenvolvimento são tomadas nas suas comunidades e identificar instituições e mecanismos que permitam a criação de oportunidades e recursos.

O conceito de empowerment pode ser interpretado como uma “condição emancipadora expressa através de auto-afirmação individual, mobilização colectiva, resistência e/ou protesto, desafiando as relações de poder existentes. Envolve um processo destinado a mudar a natureza e, por consequência, a distribuição de poder” (Schiefer et al, 2006:

249). Trata-se de admitir a construção de uma cidadania plena com a população e não pela oferta ou imposição de uma solução para a sua situação. Contrapondo a posição daqueles que consideram o empowerment como favorável, existem aqueles que consideram o facto de serem chamados/capacitados/responsabilizados, como sinónimo de incorporação numa sociedade que é rejeitada por si.

- **Mobilizar capacidades exógenas**

Para que o local seja valorizado terá de haver uma harmonia com o global. Têm de ser activados mecanismos de comunicação e cooperação entre agentes locais e externos, de modo a que se potenciem sinergias e a comunidade esteja aberta e integrada em redes de dimensão maior.

É necessário ter uma consciência do contexto macro e da necessária inter-relação entre factores internos e externos para que a comunidade não se feche em si mesma, mas se potencie, aproveitando oportunidades e recursos exógenos.

- **Perspectiva Integrada**

É importante que vários saberes, conhecimentos e métodos de intervenção sejam articulados de modo, a que, trabalhando em conjunto, tenham uma visão o mais ampla possível da situação e escolham formas de actuar o mais vastas possível, para que não se encontrem soluções sectoriais, mas sim sistémicas, capazes de atacar a complexidade dos problemas sociais que hoje em dia se verificam. Esta perspectiva integrada é tanto mais necessária quanto mais se sabe que o desenvolvimento é teoricamente um conceito complexo: *“do ponto de vista teórico, (...) a problemática do desenvolvimento não dispensa a aproximação estreita entre uma teoria da acumulação, uma teoria da estrutura social e uma teoria do poder. Por seu turno, no seio do paradigma “territorialista”, a referência sistemática à qualidade da interacção humana de pequena escala conduz à aproximação complementar com uma teoria do relacionamento humano com base na Psicologia e na Sociologia, assim como na Antropologia e na Etologia.”* (Henriques, 1990: 59)

- **Trabalho de parceria**

Tem de se fazer uma ponte entre as várias Instituições e criar uma forma de trabalho em conjunto, através de uma dinâmica fundamental, de um hábito de integração das várias visões. Isto não significa apenas complementaridade ou inter-ajuda, mas sim integração de objectivos e actividades, planeamento, intervenção e avaliação em conjunto, partilhando dificuldades e sucessos.

Para isso é necessário que se passe por cima de interesses individuais e se trabalhe para o bem comum, deixando de lado rivalidades e desentendimentos. *“Trabalhar em parceria significa sentar em igualdade pessoas e organizações de diferente natureza e de diferentes sectores para trabalhar em conjunto. É certo que é mais fácil cooperar com organizações iguais às nossas, já que falamos a mesma linguagem e temos os mesmos problemas, mas é certamente mais enriquecedor e permite multiplicar recursos se nos podermos entender com aqueles que são diferentes de nós.”* (Aliende, 2007)

- **Impacto em toda a comunidade**

O Desenvolvimento Local deve privilegiar acções que revertam o mais possível em impactos positivos para todos os membros da Comunidade, evitando-se favorecimentos pessoais ou interesses estabelecidos. É necessário um cuidado redobrado para que os benefícios não revertam unicamente para os grupos organizados ou pessoas individuais com mais poder e voz activa na comunidade.

- **Diversidade de Processos e Resultados**

O mais possível, devem ser multiplicadas as acções de modo a que se activem processos próximos das várias camadas populacionais da Comunidade, de modo a se diversificarem também o mais possível os resultados. Deste modo, sendo o universo mais lato, maior é a probabilidade de se alcançarem sucessos. *“Se a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar é o que procuramos com a construção do desenvolvimento, isto quer dizer que temos de pensar e intervir numa série de aspectos: no emprego e na criação de empresas, na escolaridade, no meio ambiente, no lazer e no apoio social, na cultura, etc. Na verdade, devemos intervir em todos os aspectos da vida humana.”* (Aliende, 2007)

2.2.2) Como se aplica ao rural?

O Desenvolvimento Local pode ser definido como *“o processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo aquela o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas.”* (Amaro, 2004:18), contudo, há que ter em atenção as especificidades do meio rural, pelo que o desenvolvimento local em meio rural deverá seguir as seguintes linhas estratégicas:

1) sensibilização de todos os actores que actuam ao nível rural para a necessidade de investir na formação dos recursos humanos (Pedroso, 1998), encarando-os como a grande mais-valia do seu projecto, apostando numa formação integral (não só profissional ou técnica, embora estas sejam de crucial importância, mas também pessoal, cívica, psicológica, cultural, ambiental e artística), valorizando os seus saberes e técnicas, complementados com outros que lhes permitam integrar-se na cultura global que os envolve e desenvolver competências de actuação a nível local e global. Do mesmo modo, devem ser desenvolvidas estratégias de empowerment e participação e fomentada a qualidade de vida dos habitantes rurais.

2) diversificação das actividades económicas, sendo unânime que a agricultura perdeu o peso que outrora tivera nos orçamentos familiares dos habitantes em meio rural, uma intervenção económica integrada parece ser actualmente a estratégia mais defendida.

“A regressão da agricultura e o aumento da importância do plurirendimento e da pluriactividade, a importância da indústria, o desenvolvimento de actividades residenciais e recreativas, bem como o crescimento do interesse social pelos bens rurais e da natureza, têm modificado grandemente o funcionamento económico desses espaços. Na realidade, se parecia assistir-se a uma “lenta morte” do mundo rural, hoje, em consequência do potencial de desenvolvimento do processo de multifuncionalidade dos espaços rurais, perspectivam-se novas formas de vivência capazes de o dotar de uma nova vida.” (Carneiro, 2005:1).

Todas essas actividades económicas devem ser integradas num plano de desenvolvimento estratégico, de modo a não funcionarem isoladamente, mas sim de modo articulado, recorrendo a parcerias e partindo de uma visão sistémica, para que os resultados sejam estruturais e atinjam toda a comunidade.

3) adopção de uma perspectiva territorialista, no sentido de se jogar harmoniosamente com os recursos endógenos e exógenos, de modo a privilegiar sempre os interesses locais. Esta perspectiva emana das

“mutações globais” que afectam a nossa sociedade, como afirma Bryden (1998), (que) são também portadoras de novas perspectivas de desenvolvimento para os territórios rurais. Este autor assinala o ganho de importância das noções de território e de identidade local e define um conjunto de oportunidades, como o acesso a novos mercados, a criação de novas actividades nos sectores dos serviços e do ambiente, o acolhimento de novos residentes e o desenvolvimento de actividades turísticas e recreativas em meio rural.” (Cristóvão, 2006:115).

Recursos endógenos, como produtos agro-silvo-pecuários, técnicos, culturais, ambientais, paisagísticos, patrimoniais e artísticos devem ser valorizados pelo seu valor intrínseco e pela potencialidade económica que possuem.

4) preservação do meio ambiente, evitando o desgaste e/ou destruição dos recursos naturais existentes. Uma vez que o mundo rural é depositário de uma herança de biodiversidade muito rica, há que construir matrizes de desenvolvimento que a respeitem e não a explorem (Campanhola e Silva, 2000).

5) Relação entre os espaços rurais e urbanos baseada em relações de parceria e de interdependência, criando relações de proximidade mutuamente benéficas (Ferrão, 2000). Este pressuposto é baseado no facto da baixa densidade dos meios rurais impedir muitas vezes o acesso a infraestruturas, equipamentos, serviços e competências (Ferrão, 2000), lacuna esta que poderia ser colmatada com a criação de sinergias com espaços de maior dimensão (urbanos ou não), melhorando as mobilidades e criando “*soluções locais multiuso*” (Ferrão, 2000:50). Para que esse *continuum* seja possível é importante que os territórios tenham a “*capacidade de conciliar uma articulação territorial (coesão) e uma articulação funcional (integração) entre centros urbanos e áreas rurais envolventes*” (Ferrão, 2000:50).

Estas são as linhas orientadoras das intervenções de desenvolvimento em meio rural. Tradicionalmente, mais isolado e encarado de um ponto de vista territorial, o meio rural é hoje em dia confrontado com processos globais que lhe podem ser favoráveis ou desfavoráveis consoante a capacidade de resposta que as comunidades territoriais encontrem. Se houver uma atitude de receio e fechamento, o isolamento vai aumentar cada vez mais, mas se houver capacidade de integração das oportunidades da globalização, poder-se-ão incrementar processos de desenvolvimento. Para que esta última situação se verifique, é necessária uma aposta firme em políticas que tenham como base processos de desenvolvimento local como os acima referidos, para que se possa passar de uma situação de marginalidade para uma situação de aproveitamento pleno das potencialidades da “aldeia global”, induzindo processos de desenvolvimento local em espaço rural.

2.2.3) Turismo em Espaço Rural: problema ou solução?

2.2.3.1) Breve Introdução ao Turismo

A origem do turismo, como hoje o entendemos, poderá estar relacionada com um processo de “democratização das viagens” (Urry, 2002 citado por Silva, 2009), que ocorreu em meados do século passado, no pós-guerra, com a alteração dos estilos de vida que, pelo stress e ritmo de vida acelerado que começou a fazer parte da vida das pessoas, desencadeia uma necessidade de fuga, evasão e redescoberta de si e do mundo. Este processo é permitido pelo aumento da produtividade, crescimento económico e incremento do poder de compra das sociedades industriais.

Adopta-se a definição de turismo de Alistair Mathieson e Geoffrey Wall defendida por Silva (2009: 44): *“o turismo engloba o movimento temporário de pessoas para destinos fora do seu local habitual de residência e de trabalho, as actividades desempenhadas durante a estadia nestes destinos e os serviços criados para satisfazer as suas necessidades”*.

É abordado na legislação pela primeira vez em 1978, no Decreto-Lei 14/78, o conceito de Turismo de Habitação, actividade que se desenvolveu em muitos casos em espaço rural. Apesar de muita legislação ter sido publicada desde então, o Turismo em Espaço Rural ganhou grande fôlego com políticas nacionais e comunitárias que permitiram co-financiamento para projectos nesta área. O Decreto-Lei 39/08, referindo-se ao turismo de uma forma geral, faz uma distinção clara entre Turismo de Habitação (secção VII) e Turismo em Espaço Rural (secção VII), definindo esta actividade do seguinte modo: *“São empreendimentos de turismo no espaço rural os estabelecimentos que se destinam a prestar, em espaços rurais, serviços de alojamento a turistas, dispondo para o seu funcionamento de um adequado conjunto de instalações, estruturas, equipamentos e serviços complementares, tendo em vista a oferta de um produto turístico completo e diversificado no espaço rural”* (DL 39/08; art.18 n.º1). São identificados 3 tipos de empreendimentos de Turismo em Espaço Rural: casas de campo, agroturismo e hotéis rurais. Pode falar-se em turismo de aldeia *“quando as casas de campo se situem em aldeias e sejam exploradas de uma forma integrada, por uma única entidade.”* (DL 39/08; art. 18 n.º5.)

2.2.3.2) Sua relação com o rural

A aplicação deste conceito ao espaço rural requer um esclarecimento prévio sobre a noção de património: conjunto variado de referentes empíricos, incluindo a arquitectura popular, o património histórico edificado, a arqueologia, a paisagem, as tradições festivas, a gastronomia, o artesanato, o folclore e a medicina tradicional (Silva, 2009). Sendo o património “*um produto socialmente construído*” (Silva, 2009:39), no meio rural o património é activado mais por razões de ordem turística e comercial do que identitárias (Silva, 2009). A descoberta do “*mundo rural não agrícola*” (Ferrão, 2000:47) está directamente relacionada com a ideia do património e as suas potencialidades turísticas. No estudo de Silva (2009) sobre o turismo rural em Portugal conclui-se que o património é hoje uma mercadoria que deve satisfazer o consumo contemporâneo, já que a procura do rural está muitas vezes associada a concepções do mesmo pelos urbanos que o associam à identidade nacional, tranquilidade, natureza, tradição e autenticidade, atribuindo-lhe um valor simbólico (Silva, 2009). Sendo o rural uma mercadoria serve de consumo aos urbanos: “*os membros das sociedades industrializadas concebem os espaços naturais e rurais que escaparam à agricultura mecanizada e à urbanização como objectos de consumo, como espaços propiciadores de fuga ao seu quadro de vida quotidiano*” (Picon, 1992 citado por Figueiredo, 2008:13).

Há, contudo, “visões descoincidentes” (Figueiredo, 2008) em relação ao rural, já que os habitantes desse meio não têm a mesma visão idílica e romântica dos cidadãos. Quem ali vive defronta-se com problemas reais e concretos que lhe conferem uma “visão antropocêntrica, materialista e utilitária” (Figueiredo, 2008:14), enquanto “os visitantes possuem uma percepção ecocêntrica, pós-materialista e estética do ambiente rural.” (Figueiredo, 2008:14). É necessário encontrar um equilíbrio entre as duas perspectivas para que se possa garantir que há rural que os turistas possam visitar, mas sobretudo rural como alternativa viável ao estilo de vida urbano. Isto porque se não se criarem condições de fixação da população, garantindo-lhes emprego, serviços, infra-estruturas e equipamentos não haverá uma paisagem rural como actualmente se conhece, já que as populações rurais têm um papel muito importante na preservação de uma paisagem semi-construída⁶; deixará de ser possível conhecer todo um património cultural, histórico, social e espiritual que é mantido e preservado por populações que se

⁶ As actividades que contribuem para manter vivo o mundo rural devem ser remuneradas não apenas pelo seu valor económico, mas também pelas funções sociais e ambientais que asseguram. (Ferrão, 2000)

extinguirão e acentuar-se-ão os conflitos sociais com um sobrepovoamento cada vez maior da faixa litoral do país, o que acarretará também um série de problemas ecológicos.

Urge, portanto, criar medidas que reduzam o fosso entre “*o rural para viver e outro para visitar*” (Figueiredo, 2008:13), colocando as populações rurais no centro de qualquer política para os meios rurais, numa altura em que as decisões são tomadas por forças exteriores, havendo uma relação de poder desigual (Silva, 2009).

No estudo realizado por Silva (2009) conclui-se que o turismo não é a “tábua de salvação para o mundo rural”, já que as suas repercussões não são universais, nem todos os meios rurais têm condições para o turismo e é necessário que o turismo esteja ligado a outras medidas ao nível da indústria, da agricultura e de outros serviços exportáveis para que possa produzir desenvolvimento local.

Os resultados mais significativos do TER em Portugal são a valorização do património familiar arquitectónico e a obtenção de contrapartidas económico-financeiras por parte de alguns empresários. Segundo o estudo da DGADR de 2008, em termos de motivações o primeiro resultado corresponde a 80% dos casos e o segundo a 20%. Valorização de património e obtenção de lucros para uma franja muito reduzida de classe média alta daqueles territórios não pode ser chamado de desenvolvimento local em espaço rural, então recoloca-se aqui a questão de Silva (2009: 166) “*dado que isto não constitui uma novidade para os mentores das políticas de desenvolvimento rural, porque é que se continua a apostar e investir avultadas quantias de dinheiro numa estratégia de alcance limitado, sobretudo ao nível da desertificação?*”

Segundo o mesmo estudo da DGADR,

“cerca de metade dos estabelecimentos da amostra tem menos de três pessoas ao serviço, um indicador que remete para estruturas caracterizadas por uma elevada polivalência de funções e que reflecte também a escassez da oferta de serviços complementares para além do alojamento. No conjunto da amostra, um volume significativo dos estabelecimentos emprega total ou maioritariamente familiares (41,3%) (...). Em termos globais, o perfil de qualificação dos trabalhadores em estabelecimentos de ter/tN revela, assim, baixas habilitações académicas e/ou reduzidos níveis de frequência de formação em áreas ligadas à actividade turística.” (DGADR, 2008:32-33).

Daqui ressaltam três aspectos importantes, que dão mais ênfase à inquietação acima transposta: 1) a criação de emprego é muito diminuta, menos de 3 pessoas em cada estabelecimento, sendo 41.3% familiares, o impacto na comunidade é muito reduzido

ou quase nulo, pelo que não se pode falar em fixação da população; 2) o pessoal empregado revela baixos níveis de formação e não se verifica uma aposta na formação dos recursos humanos (definitivamente as pessoas locais não estão no centro deste tipo de actividade); 3) reconhece-se uma escassez de oferta de serviços complementares ao alojamento, desvalorizando assim uma das principais potencialidades do TER que é a dinamização da pluri-actividade e do pluri-rendimento, funcionando como um motor de diversificação das actividades económicas.

“Na perspectiva do TER, o Programa Leader foi significativo em termos de impactes produzidos, sobretudo na componente de requalificação de património rural. Partindo do princípio de que o capital turístico de regiões marcadamente rurais, é suportado essencialmente por valores patrimoniais – ambiental, construído e paisagístico – deve ser relevada a importância que os financiamentos tiveram na recuperação de casas e infra-estruturas que, de outro modo, prolongariam a sua degradação física e ambiental.” (DGADR, 2008:41).

Esta afirmação demonstra que há uma distância entre estes resultados e os objectivos do programa LEADER (2010): *“a valorização dos recursos específicos de um território rural, no âmbito de uma estratégia de desenvolvimento pertinente e adaptada ao contexto local afirma-se cada vez mais como condição obrigatória para a adaptação destes territórios a um contexto socioeconómico em plena mutação.”*⁷, uma vez que a recuperação do património não é *per se* sinónimo de desenvolvimento, pelo contrário, de nada vale ter património em bom estado se isso não significar melhorias concretas nas condições de vida das populações locais e apenas servir turistas ou pessoas não rurais, gerando conflitos e tensões sociais.

Não se pode, contudo, esquecer que o Turismo em Espaço Rural, não sendo por si só salvação para todos os males do rural, representa uma grande uma potência de desenvolvimento local, já que

“visto pela perspectiva do desenvolvimento rural, o TER é uma das actividades mais bem colocadas para assegurar a revitalização do tecido económico, sendo tanto mais forte quanto conseguir endogeneizar os recursos, a história, as tradições e a cultura de cada região. O turismo constitui-se como factor de diversificação das actividades agrícolas, bem como factor de pluri-actividade, através da dinamização de um conjunto de outras actividades económicas que dele são tributárias e que com ele interagem.” (Vareiro e Ribeiro, 2007:472)

Contudo, para haver desenvolvimento local tem de se encarar as pessoas locais como a principal mais-valia, apostando na sua formação, participação e empowerment.

⁷ http://europa.eu/legislation_summaries/regional_policy/provisions_and_instruments/g24208_pt.htm

Partindo delas as iniciativas, sempre numa perspectiva de parceria e visão integrada.

Para que o TER possa seguir as linhas orientadoras do desenvolvimento local e abarcar também uma perspectiva integrada de continuum rural-urbano, propõem-se as seguintes estratégias:

- **encontro de visões**, numa lógica de **honestidade**: os turistas deverão conhecer um rural que de facto existe (Hobsbawn, 1983) e que já não é o rural de antigamente (embora preserve ainda o mais possível traços dessa história), deverão conhecer pessoas reais, com as suas realidades concretas e ainda assim valorizá-las, pela proximidade e diferença que encerram em si. Do mesmo modo, as populações rurais devem reconhecer no turista alguém próximo em termos de aspirações que procura junto delas e com elas auto-descobrir-se, descobrindo aquela realidade concreta;
- busca de **objectivos comuns**: dado o encontro de visões, facilmente se perceberá que as questões ligadas ao ordenamento do território, fixação de população, ambiente e ecologia, cultura, património, entre outras, estão interligadas e exigem soluções comuns, não apenas são de um ou de outro espaço social, mas exigem uma resposta integrada;
- **troca de saberes**: sabe-se, hoje, que a par do conhecimento científico, tradicionalmente mais associado ao espaço urbano, também os conhecimentos empíricos têm um peso importante na construção de saberes. É importante o fomento de debates e estabelecimento de pontos de encontro entre eles;
- **preocupação efectiva pela resolução dos problemas**: a este nível devem ser desenvolvidas políticas, não rurais ou urbanas, mas de desenvolvimento rural integradas, que ponham sempre a tónica nas pessoas e nas capacidades endógenas da região;
- **valorização social do habitante no espaço rural**: há que inverter uma imagem de “atraso”, de “conservadorismo” ou mesmo de “sub-desenvolvimento” (no sentido de não ter atingido o “desenvolvimento” visto como bom, normalmente associado a estilos de vida urbanos) em relação aos habitantes do mundo rural, em primeiro lugar, porque como ficou dito acima essas diferenças em termos comportamentais e sociais são cada vez menores e, em segundo lugar, porque os habitantes do rural desempenham funções muito importantes que devem ser valorizadas enquanto tal (e que não se prendem só com fins turísticos). São funções ligadas à manutenção das paisagens tal como as conhecemos para que o rural não continue a perder o seu

território (Baptista in: Portela e Caldas, 2003) e ainda às solidariedades e redes primárias de conhecimento que devem ser incentivadas como medidas sociais profiláticas de problemas que se verificam quando estas vertentes deixam de ser verdade;

Por fim, equacionando a relação rural-urbano e as suas relações com o turismo, defende-se que se o problema dos espaços rurais foi um “*modelo de desenvolvimento industrial assente numa relação desigual entre áreas urbanas e áreas rurais, uma vez que o desenvolvimento daquelas foi feito à custa da perda de importância e/ou deterioração dos recursos destas.*” (Perez Correa 2002, in: Silva 2009:38), não se pode querer que o turismo volte a desempenhar esse papel de predador dos espaços rurais, tornando-me mais e mais produtivo, aproximando-se do turismo de massas. Este deve, isso sim, trazer mais-valias em termos de refrescamento de visões, de honestidade de aspirações e de troca intercultural efectiva, valorizando socialmente os meios rurais.

2.4) Referências Bibliográficas

- AMARO, Rogério Roque (1991) “Lógicas de espacialização da economia portuguesa” *Sociologia: problemas e práticas*, vol. X, p. 161, CIES, Lisboa
- AMARO, Rogério Roque, HENRIQUES, Clementina e VAZ, Maria Teresa *Iniciativas de desenvolvimento local : caracterização de alguns exemplos*, ISCTE/IEFP, Lisboa
- AMARO, Rogério Roque (2004) “Desenvolvimento: um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria”, *Cadernos de Estudos Africanos*, nº 4, Jan-Julho, Centro de Estudos Africanos -ISCTE, Lisboa
- BAPTISTA, Fernando Oliveira (2003) “Um rural sem território” em José Portela e Castro Caldas, *Portugal Chão*, Celta, Oeiras
- BARRETO, António (2007), *Portugal, um Retrato Social*, (documentário RTP)
- BERTALANFFY, Ludwig von (1973) *Teoria Geral dos Sistemas*, Editora Vozes LTDA, Petrópolis, Brasil
- BLUMER, Herbert (1986) *Symbolic Interactionism*, University of California Press, Los Angeles
- CAMPANHOLA, Clayton e SILVA, José Graciano (2000) “Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais” em *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v.17, n.1, p.11-40, jan./abr.
- _CAMPENHOUDT, Luc Van (2003), *Introdução à análise fenómenos sociais*, Gradiva, Lisboa
- CARNEIRO, Inês (2005) , “O Desenvolvimento Rural em Portugal, Caminhos percorridos e por percorrer...”, Conferência Políticas Públicas para o Desenvolvimento, ISCTE
- COSTA, António Firmino, (2002) “Identidades culturais urbanas em época de globalização”, in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. XVII, n.º 48
- COUTINHO, Clara (2005) *Percurso da Investigação em Tecnologias Educativas em Portugal*, Universidade do Minho, Braga
- CRISTÓVÃO, Artur (2006), “Desenvolvimento Rural, Democracia e Participação Local” em *Actas do Congresso 30 Anos da APAP, “A Paisagem da Democracia”*, Porto
- DGADR (2008) *Estudo de Caracterização do Turismo em Espaço Rural e Turismo de Natureza em Portugal*, Direcção Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural
- DECRETO-LEI N.º 39/08, *Diário da República*, 1.ª série — N.º 48 — 7 de Março de 2008
- FERRÃO, João (2000), “Relações entre mundo rural e mundo urbano” *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 33, ISCTE, Lisboa
- Figueira, E. (2009). “Desenvolvimento Local ou Região Aprendente?” em Eduardo Figueira, *Desenvolvimento Local, Ruralidade e Regionalização* (no prelo).
- FIGUEIREDO, Elisabete (2008) “Viver no Rural, Visitar o rural: a Diversidade de Percepções face ao Ambiente e ao Desenvolvimento”, em *Vez e Voz*, n.º 2, II Série, Ano XV, Junho
- FORTUNA, Carlos (1993) in: “*Portugal: um retrato singular*”, Edições Afrontamento, Porto
- GUERRA, Isabel (2003), “Tensões do Urbanismo Quotidiano” em Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral, *Políticas Urbanas, Tendências, Estratégias e Oportunidades*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- HENRIQUES, José Manuel (1990), *Municípios e Desenvolvimento*, Escher; Lisboa
- HENRIQUES, José Manuel, (2006) *Global Restructuring and local anti-poverty action: learning from European experimental programmes* (tese de doutoramento), ISCTE, Lisboa
- HOBBSAWM, Eric (2003) *The Invention of Tradition*, Cambrigde University Press, Reino Unido
- KAYSER, Bernard (1990) *La renaissance rurale : sociologie des campagnes du monde occidental*, Armand Colin, Paris

- LIPOVETSKY, Gilles (2009), comunicação oral tema “A felicidade na sociedade do hiper-consumo”, conferência “*O ambiente na encruzilhada*”. Fundação Calouste Gulbenkian, 27-28/10/2009. Lisboa
- MINGIONE, Enzo e PUGLIESE, Enrico (1987) “A difícil delimitação do urbano e do rural, alguns exemplos e implicações teóricas” em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 22
- MORIN, Edgar (1982) *Ciência com Consciência*, Publicações Europa-América, Mem Martins
- PEDROSO, Paulo (1998) *Formação e Desenvolvimento Rural*, Celta, Oeiras
- PORTELA José e CALDAS, Castro (org.)(2003), *Portugal-Chão*, Celta, Oeiras
- RIBEIRO, José Cadima e VAREIRO, Laurentina (2007) “Turismo e Desenvolvimento Regional: O Espaço Rural como Destino Turístico”, *Actas do I Congresso Internacional Casa Nobre, um Património para o Futuro*, Arcos de Valdevez
- SANTOS, Boaventura Sousa Santos (1988), “Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna”, *Estudos Avançados*, São Paulo, Brasil
- SANTOS, Boaventura Sousa (org.) (1993) *Portugal: um retrato singular*, Edições Afrontamento, Porto,
- SCHIEFER, Ulrich, BAL DOBEL, Lucinia, BATISTA. António, DOBEL Reinald, NOGUEIRA, João, TEIXEIRA, Paulo (2006), *MAPA – Método Aplicado de Planeamento e Avaliação: Manual de Planeamento e Avaliação de Projectos*, Lisboa, Principia Editora
- SCHULZ et al (1995), citado por MESQUITA, Ana Cristina, *Empowerment na doença crónica um estudo de caso*, 2002
- SILVA, Luís (2009), *Casas no Campo, Etnografia do Turismo Rural em Portugal*, Instituto Ciências Sociais, Lisboa
- SO, Alvin (1990) *Social Change and Development*, Sage Library of Social Research, 178, Nova Iorque
- SOROMENHO.MARQUES, Viriato (2009), *O ambiente na encruzilhada, conclusões*, (20.11.2009)
http://www.gulbenkian.pt/media/files/agenda/eventos_2009/Conf%20Gulbenkian/Conclusoes_VSM.pdf
- STACEY, Ralph (1998), *Pensamento estratégico e gestão da mudança : perspectivas internacionais sobre dinâmica organizacional*, Dom Quixote, Lisboa
- TOURAINE, Alain (2000), *Can we live together?*, Stanford University Press, Califórnia, EUA
- WIRTH, Louis (1938), “Urbanism as a way of life” *The American Journal of Sociology*, Vol. 44, No. 1. (Jul., 1938), University of Chicago Press, EUA
- WIRTH, Louis
(1987) citado por MINGIONE, Enzo e PUGLIESE, Enrico, “A difícil delimitação do “Urbano” e do “Rural”, *Revista Crítica das Ciências Sociais*, n.º 29, Abril
- World Bank (1996), *The World Bank Participation Sourcebook*, Washington D.C., The World Bank
- WALLERSTEIN, Immanuel (2004), *World systems Analysis*, Duke University Press, EUA

3) Mapa metodológico

3.1) Enquadramento geral

Para analisar e problematizar as questões acima levantadas procurou-se um exemplo que demonstrasse (ou não) que o turismo pode funcionar como um motor de desenvolvimento em espaço rural, respeitando os princípios teóricos e metodológicos do desenvolvimento local.

Adoptou-se portanto a metodologia do estudo de caso e seleccionou-se o caso de Allariz, do qual se teve conhecimento nas aulas de Seminário do VI Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais, Desafios Mundiais e em artigos publicados.

Este tipo de metodologia adoptada é defendida nos anos 20 e 30 do século passado pela Escola de Chicago, nas suas pesquisas sociológicas. Trata-se de uma abordagem indirecta, flexível e amigável, mas ao mesmo tempo crítica e inteligente. Rogers (citado por Yin, 2002) utiliza também esta metodologia na psicologia, apoiando-se na fundamentação teórico-psicanalista de Freud, colocando assim a tónica no valor simbólico em detrimento do valor instrumental.

O estudo de caso é a estratégia mais adequada para estudos cujas perguntas de partida começam por “como” ou “porquê”, onde o investigador tem pouco controlo sobre os acontecimentos e o estudo se trata de um fenómeno contemporâneo (Yin, 2002). Todas estas variáveis estão presentes neste estudo.

Segundo a Escola de Chicago, o estudo de caso é um estudo empírico que se debruça sobre um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida concreto, especialmente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são evidentes (Yin, 2002), sendo, desta forma, adequado para o estudo de questões como o turismo e o desenvolvimento em meio rural, que, além de muito actuais, apresentam linhas ténues de separação entre o fenómeno do turismo e o contexto em que emerge.

Utilizando este método abrangente, delineou-se inicialmente a lógica do desenho (anexo 1), posteriormente foram usadas técnicas de recolha de dados, recorrendo à triangulação (análise documental, entrevistas e observação directa), e aplicadas técnicas específicas de análise de dados, através da técnica de análise de conteúdo. Deste modo, o estudo de caso não é apenas uma técnica de recolha de dados ou uma simples lógica de desenho (Stoecker, 1991 citado por Yin, 2002), sendo por isso considerado uma estratégia de investigação compreensiva (Yin, 2002).

Com o objectivo de desenvolver uma teoria que estava directamente ligada às hipóteses apresentadas como resposta à pergunta de partida, todas as fases da

investigação seguiram a mesma lógica de encadeamento. Contudo, a teoria comprovada nas conclusões não pode ser usada como generalização estatística porque não o é, a generalização a partir de um estudo de caso para uma teoria é analítica (Yin, 2002), na medida em que a teoria serve para comparar os resultados obtidos com as hipóteses iniciais. Nesse sentido e tendo em conta a natureza qualitativa do estudo, recorreu-se a técnicas de análise de conteúdo como forma de sistematizar a informação recolhida tendo em conta as dimensões de análise e indicadores pré-estabelecidos de acordo com as hipóteses levantadas (anexo 2).

Os dados recolhidos contribuíram para o estabelecimento de uma cadeia de provas (linhas explícitas de ligação entre as questões colocadas, os dados e as conclusões) (Yin, 2003).

Desta forma, o presente estudo insere-se numa linha metodológica apontada pelo Interaccionismo Simbólico, uma vez que é dada especial atenção à interpretação da realidade observável, mormente às relações (interacções) sociais e às significâncias que daí se retiram. O Interaccionismo simbólico baseia-se em três aspectos essenciais: o comportamento humano fundamenta-se nos significados dos elementos do mundo; a fonte dos significados é a interação social e a utilização dos significados ocorre através de um processo de interpretação. (Turner, 1992)

3.2 – Técnicas utilizadas

3.2.1 – Análise documental

Os documentos podem ser divididos em fontes primárias ou secundárias, consoante se trata de documentos originais ou de análises desses textos originais, respectivamente. As primeiras servirão de base de argumentação e as segundas poderão ajudar à crítica que faremos (Clanchy e Ballard, 2000).

Seleccionados os documentos importantes para a pesquisa, procedeu-se à sua leitura com espírito crítico, tentando compreender a estrutura de argumentação aí utilizada e, por fim, avaliou-se o que se leu, decidindo a importância do documento para a investigação. Posto isto, foi desenvolvida a argumentação, definindo-se claramente os termos e ideias-chave e apresentando-se provas concretas para as afirmações explanadas.

Os documentos que se analisaram foram facultados pelas entidades oficiais de Allariz (Alcaide, Conselheiros e Responsável pelo Posto de Turismo) e trata-se de livros, revistas, folhetos informativos, guias turísticos e relatórios).

3.2.2 -Entrevistas

Outra técnica utilizada para a realização do estudo foi a entrevista semi-dirigida, onde o investigador deve ouvir mais do que falar e escutar com interesse, sendo capaz de desenvolver a “intensidade da escuta”, captando os significados das linguagens verbal e não verbal; parafraseando e devolvendo aos informadores o que se apreendeu do que eles expressaram (Valles, 2002).

No fundo, trata-se de apurar a arte de conversar, técnica que se aprende naturalmente no processo de socialização. Embora se pretendesse que se tratasse de uma conversação informal, casual, o marco distintivo em relação a uma qualquer conversa, prendeu-se com a duração do encontro (conversação prolongada), a profundidade do mesmo e os objectivos implícitos. Houve uma gama mais estreita de tópicos do que numa conversa normal e pretendeu-se atingir uma certa intimidade, mas sempre com um propósito pragmático. Pode, portanto, falar-se de “conversação profissional”, onde há um propósito e um desenho orientados para a investigação social (Valles, 2002)

As entrevistas qualitativas podem ser pré-determinadas, semi-estruturadas ou muito abertas. Para este estudo, interessou que fossem semi-estruturadas (guiadas por um conjunto de questões básicas, sem uma redacção exacta ou ordem pré-determinadas), promovendo-se uma mistura de conversação e perguntas intencionais. O entrevistado era encarado mais como sujeito do que objecto de pesquisa.

Salientam-se nesta abordagem os contributos do pensamento pós-moderno, através das filosofias hermenêutica, fenomenológica e dialéctica (Valles, 2002).

A principal utilidade da entrevista foi averiguar a visão dos factos pelos entrevistados. No que se refere ao desenho da entrevista (anexo 4), preparou-se o guião, onde as perguntas e assuntos traduziam os objectivos e hipóteses de estudo. As perguntas de investigação (linguagem própria dos investigadores) distinguiram-se claramente das perguntas da entrevista (linguagem coloquial). Assim, começou-se por definir objectivos e pergunta (s) central (s) de investigação; traduziu-se a pergunta central em 3 a 7 perguntas de teoria; desenvolveu-se e um conjunto de perguntas de entrevista para cada pergunta teórica, tendo em conta o tipo de entrevistado ou informante (Valles, 2002).

Quanto à amostra qualitativa, esta não obedeceu a uma representação estatística, mas antes a uma representação tipológica, sócio-estrutural correspondente aos objectivos do estudo. Dois critérios que se tiveram em conta na selecção dos entrevistados foram

heterogeneidade e economia, tendo em conta questões de representação e de continência de meios e tempo (Valles, 2002). Da amostra fizeram parte o Alcaide (1) e o responsável municipal pelo turismo (1), o responsável pelo meio ambiente/membro de uma fundação (1); proprietários de estabelecimentos turísticos (2), comerciantes (3), turistas (3) e populares (5), num total de 16 entrevistas. O entrevistador recolheu o máximo de informações sobre as pessoas que iria entrevistar e os temas a abordar para fazer intervenções pertinentes. A relação com o entrevistado procurou ser sempre de reciprocidade, respondendo a questões éticas. A entrevista à responsável municipal pelo turismo acabou por não acontecer depois de alguns adiamentos sucessivos e tentativas goradas de a realizar através da internet.

Foram negociadas as datas, os locais e o modo de registo, respeitando-se as preferências do entrevistado quanto a estas questões, não tanto por cortesia, mas antes para que este se sentisse o mais à vontade possível, procurando que houvesse alguns elementos *como* privacidade e tranquilidade. O método de registo utilizado pelo investigador foi a gravação audio-visual (procedeu-se à filmagem das entrevistas, mas não houve uma preocupação com a captação de imagens, mas somente de som, por dois motivos: o facto de não se sentirem tão expostos deixou os entrevistados mais à vontade e por outro lado a entrevistadora pode concentrar-se mais na conversa, sem a preocupação de recolha de imagens. Normalmente a câmara era apontada para o chão ou para um ponto externo e ficava assim durante toda a entrevista), tendo-se obtido previamente autorização dos entrevistados para o registo da entrevista. As entrevistas foram realizadas em português e galego, ou seja, a entrevistadora questionava e intervinha em português, enquanto os entrevistados utilizavam o galego, essa questão não levantou, contudo, problemas comunicacionais.

Por fim, no que à transcrição diz respeito foram tidos em conta alguns aspectos metodológicos e tecnológicos. “*Transcrever implica traduzir de uma linguagem oral, com as suas regras próprias, para uma linguagem escrita com outro conjunto de regras*”⁸ (Kvale, 1996:165). Foram analisadas questões sobre a inclusão de alguns detalhes (silêncio, repetições, tom de voz, etc). A língua utilizada na transcrição foi o português, tendo-se feito simultaneamente tradução e transcrição. Algumas dúvidas vocabulares existentes foram facilmente ultrapassadas com o recurso a um dicionário online no Portal Galego de Língua (www.agal-gz.org). Realizou-se paralelamente um Diário de Campo, onde foram anotadas informações adicionais àquelas oficialmente

⁸ Tradução nossa

fornecidas. Após a transcrição, chegou a altura de realizar uma análise intensa dos elementos registados não só da entrevista, mas também de outros memorandos. As técnicas de análise utilizadas serão explicadas mais abaixo no ponto 3.3.

3.2.3 - Observação Directa

A observação é uma das principais ferramentas do investigador social. “*Mesmo os estudos baseados em entrevistas directas empregam técnicas observacionais para apontar linguagem corporal e outros códigos gestuais que acrescentam significado às palavras dos entrevistados*” (Angrosino M. and Pérez, K., 2000:673). É necessário ter em conta o contexto do estudo, tanto o ambiente físico como humano. Aproximando-se muitas vezes de um trabalho etnográfico, a pesquisa social contemporânea tem consciência da interacção do investigador no conjunto social que investiga, de uma forma espontânea e não planeada ou inserido num plano cuidadosamente pré-estabelecido (Angrosino M. and Pérez, K., 2000).

Neste caso, o investigador tinha consciência de que as opiniões recolhidas não seriam neutras, mas facultadas para passar uma determinada imagem da localidade, tendo em conta o grau de interesse. Por isso mesmo se revelou de grande importância, a observação da actuação das pessoas e do seu contexto e a visita a projectos específicos no seu contexto natural. Consideramos as informações assim recolhidas e organizadas no Diário de Campo de extrema importância para validar a restante informação (anexo 3). As observações recolhidas organizaram-se em 3 tipos de análise: 1) os sujeitos, quem são as pessoas observadas, que cargo ou função exercem, como se apresentam, que informação não verbal transmitem? 2) o local, quais as características do local? Que sensações transmite? Que equipamentos, serviços e paisagens apresenta?; 3) organização social, que organizações se encontram a actuar? Que projectos e seus resultados?

3.3) Analisar e Interpretar

Para a interpretação de todos os dados recolhidos, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, fazendo uma descrição analítica da informação e dos seus significados. Para isso, procedeu-se a uma análise temática, a partir de um critério de tratamento da informação sistemático e objectivo, descriminando tipologias e categorias e as respectivas relações. Utilizou-se como ferramenta os programas informáticos Microsoft Word e Microsoft Excel, no primeiro foram identificados os principais conceitos das entrevistas e Diário de Campo, no Excel foi criada uma tabela de

relações, onde foram conectados os conceitos anteriormente identificados. Isto permitiu que se fizesse uma análise horizontal (por entrevista/Diário de Campo) e vertical (por indicador ou dimensão). Depois de organizada e sistematizada a informação, fez-se uma interpretação activa da informação, gerando-se sínteses que permitiram preencher os vários indicadores pré-estabelecidos, que não se basearam unicamente nesta grelha de análise, mas foram complementados com as fontes escritas e documentais recolhidas no campo.

Estabelecidos todos os indicadores, passou-se à sua análise e discussão de modo a responder às principais questões que permitem encontrar uma solução para a questão de partida, aferir se se verifica desenvolvimento local, originado pelo turismo, em Allariz.

Por fim, foram tiradas algumas explanações deste caso que, não se podendo generalizar, podem dar pistas e orientações para outras intervenções na área do desenvolvimento local em espaço rural.

3.4) Agir com Ética

Porque uma pesquisa social de cariz qualitativo é mais do que o correcto uso de técnicas, há questões éticas importantes que se levantam. A regra, muitas vezes, é saber guardar segredo não sobre o pecado, mas sobre o pecador (Valles, 2002).

As escolhas éticas têm de ser tomadas em casos concretos, daí a sua subjectividade e complexidade, contudo há alguns aspectos sugeridos por Miles e Huberman (1994) que se revestem de um carácter geral:

- mérito, há que questionar se o projecto é congruente com os valores do pesquisador ou se é feito por uma questão de oportunismo, de aproveitamento dos resultados simbólicos e materiais. Esta questão reveste-se ainda de mais importância se a neutralidade e a seriedade estiverem em causa, procurando-se mais “parecer bem” do que dizer aquilo que deve ser dito;
- competência, estará o investigador preparado para levar a cabo um trabalho de qualidade? Além da humildade para se colocar esta questão a si mesmo, o investigador deve saber procurar ajuda junto dos pares e investigadores mais experientes e adquirir competências de trabalho em grupo;
- consentimento informado, todos os envolvidos num estudo devem participar voluntariamente e sem qualquer tipo de coerção, tendo total conhecimento dos objectivos do estudo, principais questões, metodologias de recolha e análise de dados e

hipóteses, mas pode ser difícil num trabalho de campo antecipar algumas questões que ainda não estão definidas, estando dependentes dos implicados. Contudo, deve ser fornecido máximo de informação possível, evitando ambiguidades e mal-entendidos.

- custos, benefícios e reciprocidade, trata-se de saber o que ganha cada parte com o estudo. O investigador por ganhar dinheiro, fama, prestígio ou um grau académico, mas o mesmo não se passa com os outros implicados no estudo, que também dispõem de tempo e às vezes têm gastos. Há que ter uma sensibilidade ética muito apurada para produzir um retorno (mesmo que não material ou pecuniário) que vá produzir efeitos positivos sobre a população-alvo do estudo, traduzidos em melhoria da qualidade de vida;

- prejuízos e riscos, as conclusões de um estudo qualitativo podem ter consequências negativas, perda de auto-estima, de poder ou posição social, de fundos ou apoios ou mesmo punições ou julgamentos. Estes riscos, principalmente quando esperados à partida, podem pôr em causa a liberdade do investigador para publicar determinadas conclusões. Também aqui tem de prevalecer o interesse pelo bem comum;

- verdade e honestidade, será que se estabelecem relações de confiança e de honestidade entre as partes envolvidas num estudo? Não se trata só de não mentir ou não roubar, trata-se de não enganar ou não desiludir, fazendo promessas que não se podem cumprir ou escondendo factos que mais tarde vêm ao de cima. Dessa forma, não se trai apenas os envolvidos na investigação, mas prejudica-se futuros projectos que se queiram desenvolver naquela rede de pessoas;

- confidencialidade, privacidade e anonimato, o primeiro conceito tem a ver com o tipo de tratamento dos dados, o segundo refere-se ao acesso a alguém e aos seus dados e o último refere-se à ocultação de identidade e cuidado para que involuntariamente não seja conotada determinada informação com certas pessoas. Uma estratégia para manter a qualidade do estudo sem comprometer estes factores é a triangulação, combinando várias técnicas e metodologias de recolha e análise de dados;

- intervenção e advocacia, este item prende-se com casos em que o investigador tem conhecimento de violações, ilegalidades, danos e irregularidades. Quando há vários interesses em jogo, tem de se optar por aqueles que, de acordo, com a consciência do investigador, são os mais correctos, optando pela justiça;

- integridade e qualidade da investigação, muitos trabalhos revelam-se fraudulentos ou inconsistentes, muitas vezes fruto de mentiras, apropriação de direitos de autor ou manipulação de dados por parte dos autores;

- propriedade dos dados e conclusões, muitas vezes, por razões de ordem laboral ou de financiamento, o investigador não pode controlar a disseminação de relatórios nem a propriedade e consequente protecção dos dados recolhidos. Terá de ter estas questões muito bem esclarecidas na hora em que se compromete durante a pesquisa;

- uso dos resultados, a utilização dos resultados divulgados pode ser feita para justificar acções menos correctas, políticas e projectos que chocam com os valores éticos do investigador. Quanto mais consciência disto se tiver desde o início, mais se poderá moldar a condução do estudo no sentido de evitar alimentar interpretações erradas, mesmo que propositadamente. (Miles, M e Huberman, A., 1994)

Algumas formas de evitar estes dilemas, passam pelo consciência e antecipação dos problemas, estabelecimento de acordos preliminares, consulta de documentação e reflexão, uso da triangulação e renegociação regular.

3.4) Referências Bibliográficas

- ANGROSINO, Mickel e PÉREZ, Kimberley (2000), *Rethinking Observation Qualitative Research*, Sage Publications, EUA
- BLUMER, Herbert (1986) *Symbolic Interactionism*, University of California Press, Los Angeles
- CLANCHY, John e BALLARD, Brigid (2000) *Como escrever ensaios*, Temas e Debates, Lisboa
- ERICE, Sebastian e RAMON, José (1994) *Erving Goffman*, CIS, Madrid
- FLICK, Uwe (2005), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Monitor, Lisboa
- KVALE, Steinar (1996) *Interviews: an Introduction to Qualitative Research Interviewing*, Sage Publications, EUA
- LEWIS, David J. e SMITH Richard (1980) *American Sociology and Pragmatism*, University of Chicago Press, Chicago
- YIN, Robert K. (2002), *Case Study Research. Design and Methods*, Sage Publications, Londres
- MILES Matthew e HUBERMAN A. Mickael (1994) *Qualitative Data Analysis*, Sage Publications, Londres
- TURNER, Bryan, ed., (1996) *Teoria Social*, Difel, Lisboa
- VALLES, Miguel (2002) *Entrevistas cualitativas*, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid
- VALLES, Miguel (2000) *Técnicas Cualitativas de Investigación Social*, Síntesis Sociología, Madrid
- WILLIAM, Foddy (1996) *Como Perguntar, Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Celta, Oeiras

4) Allariz

4.1) Breve Caracterização de Allariz

4.1.1) Localização

A vila de Allariz situa-se na região espanhola da Galiza, mais precisamente na Província de Ourense, da qual dista 20 Km, ocupando o centro da metade ocidental da Província (anexo 6).

O concelho de Allariz tem 85 Km² e 92 núcleos populacionais, agrupados em 16 paróquias (divisão administrativa que se pode comparar à nossa freguesia). No concelho vivem 5837⁹ pessoas, sendo que 3209¹⁰ vivem na vila.

Morfologicamente, a sua paisagem aproxima-se da do Norte de Portugal: os terrenos são de formação primária com grandes blocos de granito, resultado de acção erosiva. A rede hidrográfica do concelho gira em torno do rio Arnóia, de 87 km de longitude, atravessando o concelho de leste a oeste e banhando a vila, desaguando na margem esquerda do Rio Minho.

4.1.2) História

Declarada conjunto histórico-artístico nacional em 1971, foi residência de reis no tempo medieval, conservando ainda uma forte traça medieval no casco histórico e arredores. Possui o Real Mosteiro de Santa Clara, fundado no século XIII, bem como uma ponte medieval e vários edifícios e igrejas barrocas.

Allariz conheceu o seu maior esplendor industrial na década de 1930, quando 22 fábricas de curtidos imprimiam dinamismo social ao concelho que naquela altura tinha 10.000 habitantes.

A destruição desse tecido produtivo, a falta de impulso público para a modernização e transformação agrária e, acima de tudo, a ausência de um projecto económico de futuro para a Galiza contribuíram para que Allariz, em 40 anos, perdesse metade da sua população e passasse a um estado de decadência social e económica.

A par dessa situação económico-social, assistiu-se à degradação do conjunto histórico-cultural. O que dantes era centro de convivência passou a ser mero resíduo arquitectónico, desprezado e esquecido.

⁹ Dados da Pirâmide Populacional a 01/10/2008, Relatório Oficina Turismo Concello Allariz

¹⁰ idem

A partir de Janeiro de 1990, o novo governo municipal desenvolve um projecto de ordenação territorial para o conjunto do município com o objectivo de travar o declínio experimentado nas últimas décadas. Este projecto de ordenação territorial desenhava o futuro desenvolvimento de Allariz com vista à exploração sustentável dos seus principais recursos endógenos: história e natureza.

A reconfiguração do conjunto histórico-artístico, e com ele a criação de uma vila agradável para viver, serviu para que o concelho travasse o decréscimo populacional, aparecendo novas actividades económicas.

4.1.3) A mudança

Entre 11 de Agosto e 16 de Novembro de 1989, a Casa do Concelho de Allariz esteve permanentemente ocupada por populares e Conselheiros do Bloco Nacionalista Galego. Durante mais de três meses, houve greves, manifestações, detenções policiais, conflito social e debate político (Allariz, 1989, Memória dunha Revolta).

Na origem dessa situação esteve a contaminação do rio Arnóia e, como pano de fundo, a inoperância do governo municipal para enfrentar os problemas sociais. Essa mobilização vivida em Allariz em 1989 significou uma fronteira temporal no municipalismo e na política galega: alteraram-se as regras para a demissão dos alcaides. Acima de tudo, mostrou-se que quando as comunidades se unem para enfrentar problemas comuns conseguem atingir os seus objectivos, possibilitando a fé em utopias, como pode ser a do poder do povo. Vingaram valores como a dignidade dos cidadãos e a solidariedade. Esses 98 dias de crise tiveram como consequência um projecto de transformação global que alterou os parâmetros sociais, políticos e económicos de Allariz (Allariz, 1989, Memória dunha Revolta).

4.1.4) Aspectos Sociais

Allariz entra na década de 90 com a esperança de contrariar a decadência de que vinha a ser alvo, lutando contra os problemas sociais que normalmente assolam regiões de interior rural: emigração, envelhecimento, falta de dinamismo económico e social, etc. Começam a explorar-se os principais recursos endógenos (natureza e património), através do turismo, conseguindo-se uma reactivação económica, permitindo assim beneficiar a população com serviços e infra-estruturas básicos e emprego.

4.2) Indicadores

Tendo em conta a discussão teórica à volta dos conceitos de desenvolvimento local em meio rural e do turismo em espaço rural, foram definidos os seguintes indicadores para que se possa responder depois a questões para apurar o objectivo deste projecto. A informação recolhida tem origens diferentes: observação, documentação e entrevistas. Não houve uma preocupação em recolher unicamente indicadores quantitativos, privilegiando-se os qualitativos, analisando as realidades sob um ponto de vista holístico e não nos restringindo unicamente aos números.

4.2.1) Aposta nas pessoas

- **Acções de formação destinadas à população e seu impacto**

Através de uma parceria com a Fundación Ramon González Ferreiro que investe sobretudo na área da formação, têm sido levadas a cabo iniciativas como (Allariz Avanza contigo, 2004):

- a Escola Galega de Ultrasonografía Clínica, fruto de parceria entre esta Fundação e a Sociedade Galega de Medicina Geral, tem como objectivo a formação de clínicos de toda a Galiza sobre o tema específico da ecografia. Trata-se de cursos de fim-de-semana ou de 10 dias que decorrem ao longo de todo o ano.
- O Instituto Superior de Tecnologia e Desenho Têxtil, surge no ano 2000 com uma parceria entre a referida Fundação e o Concelho de Allariz com Associação Têxtil da Galiza e com a Escola Superior de Desenho e Moda Felicidad Duce de Barcelona, possibilitando assim uma conexão directa da Escola com as empresas do sector, com o objectivo de permitir que a formação seja o mais prática possível e que os conteúdos programáticos vão de encontro ao projecto da FD Moda de Barcelona;
- A Escola Silvo-Pastoril; a criação da empresa EDUCAGRO SL, numa parceria entre a Fundação (95%) e o Concelho (5%) possibilita o funcionamento da exploração piloto do Rexo, a comercialização de um queijo de alta qualidade e a possibilidade de formar em técnicas modernas as pessoas interessadas no sector pecuário. Prevê-se para breve uma Aula da Natureza. Funcionando como centro pedagógico na área ambiental, já recebeu mais de 2000 pessoas, sobretudo jovens;

- Aulas de Inglês: o Dia do Inglês é uma actividade lúdico-educativa que se realiza ao Sábado, com uma metodologia activa que pretende que as crianças consigam expressar-se e resolver situações do quotidiano como idioma, através de música, jogos. Filmes, desenhos, visitas a museus, etc. Actualmente há uma professora nativa a proporcionar esta actividade a 53 crianças.

Estas formações apuradas são apenas as acções mais recentes, no entanto exemplificativas do panorama, demonstrando uma aposta na diversificação da economia, com uma expressão bastante significativa da formação na área silvo-pastoril, dado importante num contexto rural.

É ainda de referir que, nas palavras do Alcaide (entrevista 11, Alcaide), se tenta “*a nível da hotelaria complementar a oferta com formação do pessoal*”, o que se coaduna com a estratégia de turismo de qualidade que se leva a cabo. Essa aposta no turismo traduz-se também na atracção de pessoas para o Concelho, mesmo que venham só pontualmente, como é o caso dos médicos que fazem formação contínua neste localidade sem aqui fixarem residência, como afirmou um responsável político (Diário de Campo), estas pessoas vêm, gostam e depois regressam em turismo ou recomendam este destino turístico a outras pessoas. Do mesmo modo, o Instituto Superior de Tecnologia e Desenho Têxtil atrai estudantes que fixam ali residência por um período de alguns anos e depois regressam à sua terra, mas isso imprime dinamismo à localidade.

No entanto, muitas outras iniciativas relacionadas com a Educação e Formação de adultos foram e continuam a ser implementadas, nomeadamente, cursos de formação em novas tecnologias, não só na vila sede do concelho, como também noutros núcleos populacionais; curso de linguagem gestual, bem como uma panóplia de actividades culturais e de formação esporadicamente organizadas.

- **Postos de trabalho criados**

Os dados de que dispomos são uma comparação do período 1989-2004, reunidos num prospecto relativo aos 15 anos de transformação positiva em Allariz (Allariz avanza contigo, 2004):

POSTOS DE TRABALLO XERADOS NO PERÍODO 1989/2004	
Construcción e empresa auxiliar	168
Parque Empresarial de Chorente	298
Hostelería e Turismo	94
Comercio	132
Empresas municipais (Allarluz SA / Reatur SA / Allarbús SA / Tanatorio de Allariz SA / Medialsa SL)	31
Concello de Allariz (ano 04)	81
TOTAL	804

Figura 1

Verifica-se que foram criados 804 postos de trabalho no total, sendo que 226 estão directamente relacionados com a Hotelaria e Turismo e Comércio, pode-se considerar que os 168 postos gerados na construção e empresas de suporte também estão indirectamente ligados ao Turismo, na medida em que as estratégias de recuperação do património e o aumento da habitação em Allariz estão intrinsecamente relacionadas com um projecto turístico para a localidade.

Contudo, um número bastante expressivo também é o que se refere ao Parque Empresarial (298 em 2004 e actualmente 400, pelo que afirmou o Alcaide em entrevista), o que demonstra que a estratégia de desenvolvimento adoptada é integrada e abrange várias áreas da economia.

Não são de descurar também os empregos criados pelo poder local (81) ou pelas empresas municipais (31), espelhando o dinamismo e vitalidade de um concelho com menos de 6000 habitantes, enquanto gerador de emprego e criador de condições para iniciativas económicas privadas.

A estes dados, há que juntar o auto-emprego possível numa economia em crescimento que necessita de serviços de suporte. Outro dado importante são as concessões que o governo municipal faz de espaços públicos recuperados para fins culturais e turísticos, como museus ou centros culturais, para exploração privada (bares, cafés, restaurantes), o que permite a criação de emprego, ao mesmo tempo que evita a deterioração dos edificios e gera receitas para o Concelho, *“o Concelho, depois do restauro, em vez de ter o edificio fechado, o que faz é lançar um licitação pública com as condições para que as pessoas possam concorrer e isso gera postos de trabalho e serviços”* (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

Apesar destes dados oficiais recolhidos, nas entrevistas à população há uma opinião defendida por algumas pessoas de que há pouco emprego, *“aqui é complicado trabalhar-se. Aqui não há postos de trabalho. Ou há um empreendedor que monte o seu próprio negócio ou então não tem grandes oportunidades. O complexo industrial é muito pequeno. As pessoas de Allariz muitas vezes têm de imigrar para outros sítios. O trabalho aqui é complicado. Normalmente as pessoas que se instalam aqui vêm de fora e depois os postos de trabalho que aqui existem são empresas muito pequeninas de cerca de 10 trabalhadores, são PME’s”* (entrevista 7, comerciante). Esta visão

pessimista pode ser potenciada por experiências pessoais ou pode de facto haver um hiato entre o emprego que é gerado para trabalhadores especializados que vêm de fora e a falta do mesmo para pessoas menos qualificadas naturais do Concelho. Afirmo um morador que “*o que se passa é que as pessoas que vieram aí investir trouxeram os trabalhadores de fora*” (entrevista 5, morador).

- **Associações criadas e seu dinamismo**

Numa comparação também dos anos 1989-2004, encontramos a seguinte realidade (Allariz Avanza Contigo, 2004):

ASOCIACIONES PROFESIONALES	
1989	2004
	A. COMERCIANTES
	A. PRODUCTORES ARTESÁNS
	A. DE ARTESÁNS
	A. DE HOSTELERÍA E TURISMO
	A. EMPRESARIOS POLÍGONO CHORENTE
O tecido associativo profesional alaricano representa a máis de 110 empresas	

Figura 2

O tecido profissional alaricense, composto em 2008 por mais de 140 empresas, é representado por 16 associações profissionais (Relatório Oficina Turismo, 2008). Algumas destas associações classificadas como profissionais têm um cariz mais cultural, ambiental ou social do que propriamente profissional, são exemplos: Associação da Reserva da Biosfera Área de Allariz, Associações Culturais e de Mulheres; Associação de Deficientes, Banco do Tempo, a Fundação Ramon González Ferreiro e Associação Alaricana do Caminho de Santiago. Deste modo, excluindo as citadas, somam-se 7 associações profissionais, abarcando áreas como o Turismo e Hotelaria, o Comércio, o Artesanato, as empresas do Parque Empresarial, 2 comunidades de Montes (fins silvícolas e agro-pecuários) e uma cooperativa agrícola. Reflectem-se no associativismo profissional as áreas de maior importância do concelho: turismo e serviços, indústria e agro-pecuária.

As outras associações da lista revelam uma sensibilidade local para as questões sociais, como sendo o voluntariado, a luta contra a exclusão social e profissional e as questões de género; para a questão ambiental (Associação da Reserva da Biosfera) e para as questões culturais (Associação Cultural Xan de Arzúa e Associação Cultural “Interruris”)

Por outro lado, foram criadas 24 Associações de Moradores, que funcionam nos vários núcleos populacionais como pólos dinamizadores a vários níveis: social, cultural, administrativo e mesmo económico. Nas palavras de um responsável político, estas associações cumprem as funções que dantes pertenciam por exemplo às mercearias ou tascas, enquanto centros de sociabilidades e de acesso a bens e mesmo de divulgação de informação relevante para a comunidade (Diário de Campo).

Há um interesse do poder local nestas associações pela complementaridade e por assumirem algumas tarefas municipais, como organização da festa do boi. O Concelho ajuda no lançamento das mesmas, tentando que depois se autonomizem: *“a partir do Concelho, fomentamos que isso [associativismo] exista, também de certo modo porque o Concelho não pode assumir tudo. O Concelho é como guia, o que está na retaguarda. Há associações como a ANDREA, a associação que trabalha com os burros, estamos a ajudá-los a começar, mas nós não queremos tutorizá-los para sempre”* (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

- **Grau de participação da população nas dinâmicas territoriais**

A dinâmica territorial actualmente em curso em Allariz teve ela própria origem num processo popular de mudança de poder político e definição participada de linhas estratégicas para o Concelho, dessa forma não realizar uma actuação política que leve em conta a participação da população seria condená-la à partida ao insucesso. Percebe-se que essas ideias estão bem claras e correctamente aplicadas pelo poder político.

Lê-se no Boletim n.º 12 (2009) do Concelho de Allariz uma notícia com o título *“XII Encontro de Associações, um referente de participação social”*: *“Pilar Galego, Conselheira do Bem-Estar Social e Participação Social, avalia ‘de modo muito importante e decisivo a participação dos cidadãos na gestão municipal ao longo destes anos, não devemos esquecer que Allariz conta com um alto nível de participação dos habitantes nas acções que o Concelho desenvolve como instituição, este aspecto reflecte o esforço de 20 anos de governo e acredito que este pode ser um modelo a seguir noutros lugares.”*¹¹ (Concelho de Allariz, Boletim 12, Verão 2009).

O Plano Estratégico Allariz 2020 (Allariz 2020, vinte, vinte, 2009) parece ser um bom exemplo desse processo, nascido no ano em que perfazem 20 anos de mudança em Allariz. *“A participação social, a implicação comunitária, tem sido uma das chaves do êxito da experiência municipal que agora, com a perspectiva estratégica 2020,*

¹¹ Tradução nossa

pretende estabelecer novas metas, novos desafios, para o Allariz do futuro (...). As entidades e associações municipais, industriais, comerciais, empresariais, culturais, comunitárias, desportivas, sociais e todos os habitantes a título individual participaram na definição da agenda Allariz 2020 que priorizará um novo horizonte de trabalho dum concelho ao serviço da população. O convite formulado pelo Concelho de Allariz à população e às entidades e associações para participar individual ou colectivamente na definição dos novos desafios e objectivos para 2020 teve uma ampla resposta e constatou que a transformação de Allariz não é um milagre, mas sim uma grande obra colectiva. A consciência de que a participação activa é importante continua a ser algo presente na sociedade allaricana e tanto as propostas apresentadas na Exposição Allariz 2020 como a presença directa nas mesas sectoriais e territoriais realizadas foram muito numerosas, implicando um importante número de cidadãos e praticamente a totalidade de entidades e associações existentes no nosso Concelho”¹² (Concelho de Allariz, Boletim 13, Natal 2009). Foi já sob a égide deste plano estratégico que foi definido o orçamento para 2010, daí esta metodologia ser aproximada de uma metodologia participativa já em voga em vários municípios portugueses, o Orçamento Participativo, mas ser de certo modo mais abrangente, na medida em que se planeia a longo prazo, por linha estratégicas, e depois se adequa os instrumentos de gestão a essa visão colectiva, definida comunitariamente. Nas entrevistas feitas à população, percebeu-se que o conceito de participação social não é claro, sendo quase sempre confundido com intromissão na vida política ou com liberdade de expressão. Apesar disso, as pessoas sentem-se de algum modo ouvidas e tidas em conta: “eles têm agido de acordo com a vontade das pessoas que os elegem, de outro modo não ficariam tanto tempo no poder” (entrevista 15, morador). São também desenvolvidos alguns projectos específicos com pessoas mais desfavorecidas em termos de oportunidades (mulheres, seniores, residentes em locais mais afastados) com o objectivo de as emancipar (empowerment/empoderar).

- **Crescimento populacional, natalidade e mortalidade e pirâmide etária**

¹² idem

Os dados recolhidos são 01 de Outubro de 2008 (Relatório Oficina de Turismo, 2008):

Nº	PARROQUIAS DO CONCELLO DE ALLARIZ	Nº DE HABITANTES CENSAIS
1	SANTA MARIÑA DE AUGAS SANTAS	211
2	ALLARIZ- SANTO ESTEVO	283
3	ALLARIZ- SANTIAGO	3.666
4	COEDO (SANTIAGO)	54
5	ESPIÑEIRO (SAN BREIXO)	119
6	FOLGOSO (SANTIAGO)	158
7	SAN VOTOIRO	148
8	SAN MARTIÑO DE PAZÓ	135
9	QUEIROÁS DA IGREXA (SAN BREIXO)	278
10	REQUEIXO DE VALVERDE (SANTA MARÍA)	136
11	SAN TROCADO (SAN TROCADO)	69
12	SEOANE (SAN XOÁN)	115
13	TORNEIROS (SAN MIGUEL)	178
14	URRÓS - SAN MAMEDE	95
15	URRÓS - SANTA BAIA	104
16	MEIRE - SANTA MARÍA	86
	TOTAL	5.837

Figura 3

Constata-se que 63% da população vive na vila, ou seja na freguesia mais central e urbanizada. Os habitantes do território rural são menos, apesar do elevado número de núcleos populacionais, 92, divididos por 16 “paróquias”, o que faz com que a densidade populacional seja muito baixa na maior parte do território deste concelho (exceptuando a vila –sede), a média é de 68.7hab./Km², quando a média de Espanha é de 91 hab./Km. A média de habitantes por lugar é de 60 habitantes, no entanto há um lugar (As Bouzas, Taín) sem nenhum habitante e dois com apenas 3 e 4 habitantes, San Salvador e Taín, respectivamente.

Quanto à pirâmide populacional, encontramos o seguinte esquema:

IDADES	HOMES		MULLERES		TOTALIS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
0-19	446	7,64	386	6,61	832	14,25
20-39	799	13,69	742	12,71	1541	26,4
40-59	795	13,62	727	12,46	1522	26,08
60-79	638	10,93	734	12,57	1372	23,51
80-99	211	3,61	356	6,1	567	9,71
100-119	0	0	3	0,05	3	0,05
TOTALIS	2889	49,49	2948	50,51	5837	100

Figura 4

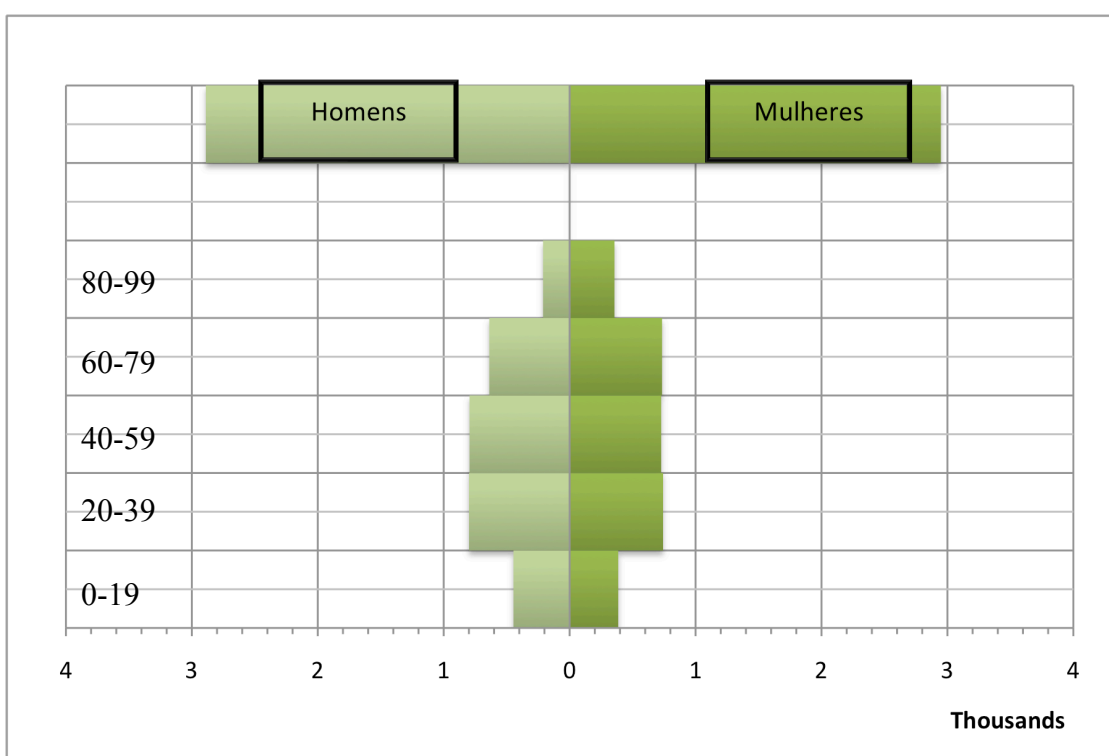


Figura 5

Como é tendência geral das sociedades ocidentais, a pirâmide populacional, não sendo ainda invertida, encontra-se já bastante deformada, prevalecendo indivíduos de idade adulta, com tendência ao envelhecimento. Os jovens que deviam ocupar um lugar prevaiente na base da pirâmide estão numa posição inferior, desfigurando logo à partida a pirâmide. No entanto, os responsáveis do Concelho garantem que a tendência é para inverter esta situação e um dos sinais dessa mudança é o aumento de matrículas de crianças no Jardim de Infância (44 crianças em 2008/2009 e 71 em 2009/2010).

Estes dados demonstrariam perda populacional se comparados com o auge populacional do séc. XX, 9403 habitantes em 1940, contudo, tendo como termo de comparação 1980, década em que se dá uma mudança nas dinâmicas territoriais, com uma viragem onde o turismo passa a ter um papel preponderante, verifica-se uma evolução positiva, passando de pouco mais de 5000 habitantes para quase 6000.

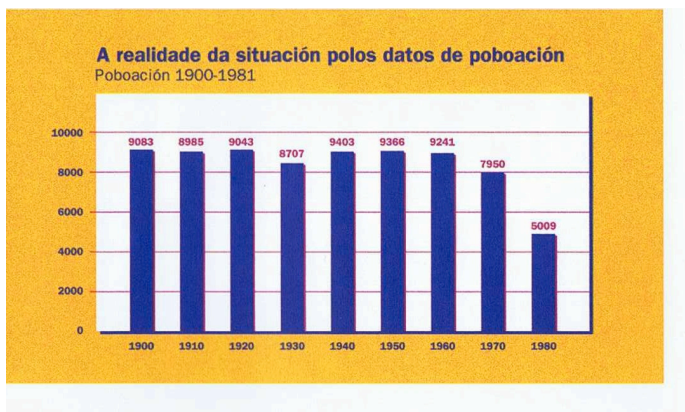


Figura 6

Da informação oralmente recolhida, são frisados 3 aspectos: crescimento demográfico, fixação de novos residentes e aumento de crianças. È, então, denotado de modo positivo o desenvolvimento demográfico desta localidade.

- **Qualidade de vida**

Sendo a qualidade de vida um indicador subjectivo, muito dependente de factores individuais, é também uma referência holística, na medida em que se coaduna com factores físicos, psicológicos, espirituais e sociais, entre outros. Há, ainda assim, alguns denominadores que podem ser comuns, por exemplo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança média de vida e natalidade, avaliando de uma maneira padronizada o bem-estar de uma população. São conjugados factores demográficos, económicos e sociais.

Nessa medida, com o objectivo de fixar população e de atrair novos residentes, assistiu-se a uma estratégia de dotar o município de serviços e infraestruturas para proporcionar qualidade de vida aos residentes. Allariz oferece actualmente os seguintes serviços: piscina climatizada, escolas municipais, parques de estacionamento, programação cultural durante todo o ano, transporte municipal para todos os núcleos,

etc. Ao mesmo tempo, houve uma aposta clara na diversificação económica, tendo o turismo como actividade principal, seguida de actividades comerciais e industriais.

A opinião geral dos entrevistados é de que há qualidade de vida: pelos serviços oferecidos como piscina climatizada, escolas, comércio e pela preservação do património e natureza. Alguns aspectos muito referidos são a tranquilidade e as acessibilidades. Destacam-se ainda, das informações recolhidas em Diário de Campo, as condições criadas para os cidadãos com deficiência e/ou com menos oportunidades.

4.2.2) Diversificação económica

- **Peso do turismo na economia local**

Na opinião dos comerciantes que entrevistámos, o turismo tem um peso de cerca de 80% na economia local. As actividades potenciadas pelas iniciativas turísticas são o escoamento de produtos locais, *“organizam o festival de Outono, que é uma oportunidade de escoamento de produtos locais, mas precisam ainda de novas estratégias de comercialização”* (Diário de Campo); a restauração, *“não é a primeira vez que visitamos Allariz, somos de Ourense e vimos aqui muitas vezes, almoçar e passear”* (entrevista 1, turistas); o comércio, *“quando vimos almoçar também damos uma volta pelas lojas”* (entrevista 1, turistas).

Nada disto aconteceu por acaso, houve de antemão uma estratégia planeada de desenvolver um certo tipo de turismo, que se baseasse na qualidade, dirigido para uma classe média alta: *“há em Allariz investimentos de grandes potências económicas, nomeadamente o grupo AC hotels, que montou um hotel e SPA de grande qualidade aqui. E porque escolheu ele Allariz? Evidentemente se não houvesse todo um trabalho por trás, ele nunca teria investido aqui. Quando começámos todo este processo de urbanismo, de manter a traça original, também já tínhamos em vista o turismo.”* (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação). *“Isto não é um sítio de costa. Aqui é um turismo rural, um turismo de pessoas que têm um nível intelectual mais elevado. Não vêm buscar sol e praia. Procuram a beleza românica, espólio arqueológico, rotas pedestres, é um tipo de turismo que não é massificado. Mesmo o empresário que se dedique a este tipo de turismo arrisca-se muito mais porque na costa o sucesso está assegurado. Aqui é mais complicado, embora a tendência seja de melhoria”* (entrevista 7, comerciante).

Essa estratégia turística de qualidade foi percebida logo na primeira visita à vila, conforme se relata no Diário de Campo: *“tendo-me dirigido ali com alguns familiares,*

procurámos um sítio para fazer um piquenique. Estacionámos facilmente o carro e começámos a passear ao longo do parque que contorna o rio, o Posto de Turismo estava aberto, dirigi-me lá e fiz várias questões, sempre anonimamente, senti acolhimento e interesse, contudo, quando questionei acerca de uma parque de merendas, fui informada de que não havia, mas que podíamos procurar um banco de jardim ao longo do rio. Foi o que fizemos e acabámos por almoçar tendo como cenário uma ponte romana, no meio de verde e de água” (Diário de Campo). Lê-se mais à frente no mesmo documento, como impressões da segunda visita: “há uma estratégia turística de qualidade, não se quer atrair um turista pobre, mas alguém que consuma e deixe dinheiro. Por isso é que não há parque de merendas, os restaurantes não são muito económicos e os empreendimentos têm um alto nível de qualidade” (Diário de Campo).

Oferecem-se serviços para um turista multi-consumidor, criando-se respostas para novas procuras, como por exemplo os Outlets. Há um pensamento a médio e longo prazo e uma articulação de objectivos. Organizam-se eventos e formações, não tanto pelo valor implícito dessas iniciativas, mas porque se sabe que essas actividades são formas de divulgação e atracção de pessoas.

Recorrendo mais uma vez ao Diário de Campo, outro factor que dá consistência a esta teoria de aposta estratégica num turismo de qualidade é o comportamento altamente profissional de todos os actores directamente envolvidos na vida concelhia: resposta ao agradecimento pelo apoio prestado durante uma visita para a realização desse trabalho “*é verdade que fomos e somos hospitaleiros, no entanto, também temos consciência de que não se trata de uma hospitalidade gratuita, mas sim estratégica, pois é nosso interesse que as pessoas venham, conheçam, gostem e divulguem, é a nossa melhor publicidade!*” (Diário de Campo)

- **Actividades económicas potenciadas pelo turismo/diversificação de fonte de rendimentos**

“Em Allariz não havia um restaurante, um equipamento hoteleiro, um sector de serviços que pudesse significar a oportunidade de criar uma dinamização económica e então criou-se uma empresa municipal: REATUR, foi o próprio Concelho que numa fase inicial criou as bases para que a iniciativa privada pudesse apostar, ver que era viável, conhecer a povoação e a possibilidade de investir. Criou-se o parque de campismo e de hipismo, casas de turismo rural municipais, um pouco nesta

perspectiva, junto com esta rede museística e também tentando diversificar as atividades”(entrevista 11, Alcaide), explica o alcaide.

Esta informação pode ser corroborada no quadro que se segue (Relatório Oficina Turismo, 2008):

COMPARATIVA 1989 -- 2003 – 2005 -- 2008

	Antes 1989	2003	2005	2008
ALOXAMENTOS	2	11	13	14
RESTAURANTES	3	11	14	18
OUTROS (Cafés-bares)	27	45	56	67
TOTAL IAES (Comerciante polo miúdo)	65	211	241	278

Figura 7

Há um aumento muito significativo de todo o tipo de estabelecimentos comerciais, como consequência do desenvolvimento turístico, que, analisando o próximo quadro, aumentou exponencialmente o número de estabelecimentos hoteleiros e de camas, em cerca de 600% (Relatório Oficina Turismo, 2008):

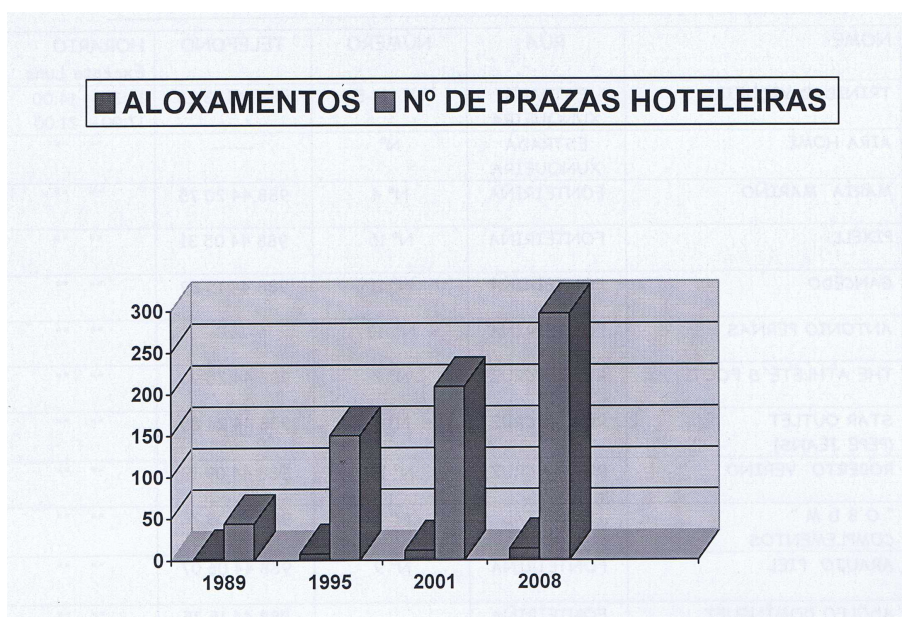


Figura 8

São demandadas soluções integradas, o turismo não é visto como desenvolvimento por si só, tenta-se antes dinamizar outros sectores, nomeadamente a indústria, a agricultura e o artesanato. Contudo, o sector agrícola é vítima de uma forte desvalorização social e cultural (ao contrário de outras regiões de Espanha), o Concelho tem um rebanho e teve dificuldade em encontrar um pastor, apesar de o salário e as condições serem aliciantes, actualmente a pessoa que ocupa esse cargo é estrangeira. Esse projecto silvo-pastoril tem produzido uma marca de queijo já comercializada em 3 grandes superfícies da Galiza. Há algumas vozes populares que não acreditam muito nestes projectos, ou pelo menos na sua viabilidade económica: *“há um rebanho comunitário, mas não há gente. Há uma cultura hippy de trabalho de campo, artesanato e tal, mas isso é muito bonito nos papéis. (...) Claro que o Concelho gostaria que as aldeias se desenvolvessem, mas isso é muito difícil. O que existe é tudo financiado. Enquanto se tem o financiamento europeu ou alguém por trás aguenta-se, mas não são projectos auto-sustentáveis. No Rexo, por exemplo, fazem queijo, mas está o Concelho por trás, uma Fundação, a Junta. No fundo, é um pouco uma escola, mas não é uma empresa”* (entrevista 8, comerciante). Se, por um lado, esta opinião demonstra que há de facto uma resistência social às questões agro-silvo-pecuárias, por outro lado, também aponta algumas dificuldades deste sector, como seja a sua sustentabilidade económica.

Tem-se apostado também na cestaria, licores e outros produtos locais que são escoados em feiras durante o ano e planeia-se organizar para breve um festival de jardins, à semelhança do que se passa em Ponte de Lima, aproveitando a já criada imagem de marca de Allariz, através de trabalho feito e reconhecido no âmbito do turismo.

Paralelamente, *“há muitos rendimentos que estão relacionados com o turismo. Há muitas lojas que abriam e vivem do turismo. Há muita gente que aluga lojas. Há muitos negócios de padaria, pastelaria e outros tipos de negócios”* (entrevista 9, comerciante).

- **Parcerias**

Poucos dos estabelecimentos consultados tinham parcerias formais instituídas, no entanto, vários referiram haver acordos de palavra sobretudo entre alojamento e restauração, mas também a nível de comercialização de produtos e serviços turísticos: *“nós não temos restaurante aqui. Há empresas que fornecem esse serviço e nós fixamo-nos mais na hospedagem, mas encaminhamos as pessoas para restaurantes*

com os quais temos acordos. Essas parcerias funcionam não só a nível de restauração, mas também de venda de produtos locais, como queijos. Depois também existem parcerias para visitas guiadas, ao Eco-espço do Rexo, por exemplo. Incluímos também essas visitas dentro da nossa oferta” (entrevista 12, proprietário TER).

Neste prisma, destacam-se parcerias público-privadas, principalmente com o objectivo de exploração privada de espaços públicos, como já foi referido em cima. Explica um responsável político: *“Há aqui o Centro Cívico A Fábrica, que é uma cafeteria onde está a Escola Municipal de Canoagem e há uma sala de exposições na parte de cima. Depois há a Casa-Museu de Vilanueva que também é uma antiga fábrica de couro, restaurada pelo Concelho e que funciona agora como restaurante privado. Há ainda a Torre Lombarda, que é uma antiga construção medieval restaurada, onde funcionam restaurantes e estalagem. Aqui no casco, o edifício em frente a onde estivemos a tomar café é um antigo paço, uma casa forte, a parte de baixo é uma cafeteria, também através de licitação após a termos restaurado e em cima funcionará um Museu do Têxtil. Não queremos contentar-nos com o que já temos, mas procurar sempre mais. Ir inovando, buscando novas respostas”* (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

Importantes parecem ser também as parcerias entre os sectores público e social: *“estabeleceu-se o plano especial do casco histórico, com as questões jurídicas relativamente ao que se pode fazer em cada imóvel, que permite que o Concelho, através de parcerias urbanísticas, leve a cabo importantes edificações de uso social e isso é uma parte que se complementa com instrumentos para levar a cabo o turismo”* (entrevista 11, alcaide). Uma parceria com a Fundação Xan de Arzua permite que uma actividade de grande importância para a localidade seja toda ela organizada por esta Fundação. Também vários projectos de índole formativa e económico-social são desenvolvidos em parceria com a Fundação Ramón González Ferreiro, como o Instituto Superior de Tecnologia e Desenho Têxtil; a Escola Silvo-Pastorl; Cursos de Inglês, Escola Galega de Ecografia Clínica e Albergue Juvenil.

4.2.3) Natureza

- **Iniciativas de preservação da natureza**

A iniciativa mais pungente relacionada com a preservação da natureza foi o reconhecimento pela UNESCO, em 2005, da Reserva da Biosfera Área de Allariz, por se tratar de um ecossistema singular e exemplo de boa relação entre os recursos naturais e a comunidade que ali existe. O território reconhecido é vasto, ultrapassando os limites do concelho de Allariz e abarcando mais 4 concelhos limítrofes. *“Conviver em harmonia com o meio e procurar que o desenvolvimento económico não destrua a natureza é a característica principal das reservas da biosfera e, por isso, na Reserva da Biosfera “Área de Allariz” pode-se ver como desenvolvimento e conservação do meio podem ser compatíveis”* (Guia da Reserva Biosfera, 2008).¹³

Para designar este território como Reserva, a UNESCO analisou os Planos Gerais de Ordenamento Municipal dos 4 concelhos que a integram, verificando que existiam as bases para se atingir um desenvolvimento sustentável, já representam declarações de princípios, onde os governantes locais apresentam um projecto para o futuro da comunidade e do território: *“o planeamento deve ter como norte o estabelecimento de um modelo que, sem renunciar a uma autêntica modernidade, preserve os valores essenciais do território que ainda perdurem, facilite uma exploração racional dos recursos tradicionais, valorize novos recursos e tudo isso como meio para proporcionar uma melhoria da qualidade de vida para o conjunto da população”* (texto do Plano Geral de Ordenação Municipal de Vilar de Santos citado em Guia da Reserva da Biosfera, 2008). Há conceitos importantes como equilíbrio entre modernidade/tradição, recursos/qualidade de vida. Neste sentido, o Guia da Reserva divide-se em duas partes importantes: “Homens, Mulheres e Território”, onde se apresentam os ofícios de sempre e a vida na Reserva hoje e “Fauna e Flora da Reserva”, que explora os núcleos de sustentabilidade e sugere que cuidar da Reserva é tarefa de todos.

A preservação da natureza não aparece como um valor por si só, antes é inserida num projecto maior de produção de bem-estar social. A natureza está ao serviço do homem, na medida em que este também a saiba defender.

No caso do turismo, e de um turismo rural de qualidade conforme o modelo aqui apresentado, há também um interesse económico latente, o que de algum modo vai ao

¹³ Tradução nossa

encontro dos objectivos da Rede de Reservas da Biosfera, conforme se pode ler no site da UNESCO, a Rede pretende “*testar, em contextos particulares, estudos aliados a conhecimentos científicos e modalidades de gestão que visem:*

- *reduzir a perda da Biodiversidade*

- *melhorar os meios de subsistência das populações*

- *favorecer as condições sociais, económicas e culturais essenciais à viabilidade de um Desenvolvimento Sustentável, e ainda,*

- *contribuir para os Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento.*” (site UNESCO)

Sendo o turismo o principal motor económico de Allariz, a pertença a esta rede é uma mais-valia para o “negócio”, “*o cliente quer ser bem servido, ter qualidade no serviço, comer bem, mas também quer passear, ver coisas bonitas e aqui tem essa oportunidade. Allariz pertence à reserva da Biosfera, isso é um grande chamariz*”. (entrevista 14, morador).

- **Projectos específicos de preservação da natureza e seus resultados**

Um projecto específico desenvolvido pelo governo local e que terá sido também apreciado na candidatura a Reserva da Biosfera é o Eco-Espaço do Rexo. Aqui pode ser apreciada a obra resultante de uma intervenção pictórica de um artista que concilia elementos naturais existentes na paisagem como pedras, árvores e terra com elementos para ali transportados como granitos e lousa, transmitindo uma mensagem de compatibilidade entre desenvolvimento humano e preservação do meio natural.

Seguindo esse mote de equilíbrio entre natural e humano, situa-se nas imediações a Escola Silvo-pastoril do Rexo. Lê-se no seu projecto (site de Allariz) “ *O despovoamento do meio rural e o conseqüente abandono das actividades agrícola, pecuária e florestal provocam o abandono de superfícies outrora em produção e, conseqüentemente, a proliferação de matos e risco de incêndio. A solução para esta situação passa pela limpeza destas superfícies e sua reutilização para fins industriais, agrários, pecuários e florestais.*

Com a recuperação destes terrenos abandonados surgem novos pastos utilizados em projectos de pecuária extensiva, destacando-se o estabelecimento de rebanhos de ovelhas e cabras para a produção de leite e carne, possibilitando assim a manutenção do nosso entorno rural e a fixação de população.

Este projecto foi reconhecido a nível internacional com a sua inclusão no Catálogo Espanhol de Boas Práticas, merecendo a qualificação de BOM por parte do Centro das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (CNUAH).

A Fundação Ramón González Ferreiro pôs em marcha a Escola Silvo-Pastoril do Rexo, destinada a formar futuros exploradores pecuários em gestão de rebanhos de ovino de leite e na fabricação de queijos de qualidade. (...)

Assim, a Escola Silvo-Pastoril:

- realiza trabalhos de assessoria a explorações pecuárias de ovinos e caprinos;*
- organiza debates e seminários sobre temas concretos de interesse para os criadores de gado, em colaboração com a associação OVICA;*
- prepara visitas guiadas às instalações da quinta para escolas, institutos, escolas agrárias, associações, municípios e outras instituições.”¹⁴*

Ainda no mesmo complexo funciona uma mini-hidráulica, promovendo a sustentabilidade energética do Concelho.

Relativamente aos resultados destes projectos, não são ainda conhecidos, nota-se no entanto algumas dificuldades, nomeadamente no que se refere à procura desta escola por parte de empreendedores locais, há alguns forasteiros (normalmente jovens estrangeiros com estilos de vidas alternativos) que têm rebanhos e utilizam esta queijaria para produzir queijo, mas os habitantes locais ou estão envelhecidos ou estão desacreditados quanto às potencialidades económicas e sociais das actividades de índole agrícola ou silvopastoril: *“independentemente das iniciativas que temos, do sector primário sobretudo, que é a agricultura e a criação de gado, as pessoas fogem, por muitos motivos, um deles é a rentabilidade, a parte económica, mas também um desprestígio social, da ocupação de pastor, por exemplo, que se verifica aqui por uma questão sociopolítica, porque por exemplo na Catalunha não existe esse descrédito, ali os criadores de gado são empresários e são muito respeitados pelas pessoas, ao contrário daqui que são um pouco vistos como os “tontos” do povo”* (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

- **Impacto das iniciativas de TER na natureza**

“Sim, claro que a natureza é uma vantagem. Estamos mais relaxados e nesta época preferimos o meio rural. Quando há sol vai-se à praia e quando não há visitam-se todos estes lugares. As casas rurais, por exemplo, agora estão muito bem aproveitadas. Na Galiza as casas rurais têm muita aceitação. As pessoas vão e

¹⁴ Tradução nossa; <http://www.allariz.com/vercanles.asp?id=40&sec=20> (03-03-10)

gostam, pela tranquilidade, por sair da cidade, pelo contacto com os animais, pelo descanso” (entrevista 6, turistas). Nestas palavras de turistas, mas também noutras de donos de estabelecimentos, populares ou responsáveis percebe-se que o impacto da natureza no turismo é muito forte. Ou seja, a natureza é um trunfo muito importante para a exploração turística.

Quanto ao contrário, o impacto do turismo na natureza, há também resultados visíveis: o embelezamento de espaços públicos, como jardins e margens do rio; limpeza e manutenção da qualidade da água do rio e cuidado com a higiene urbana. Foram ainda implementadas políticas de retirada de fábricas e oficinas do casco histórico e respectiva colocação no complexo industrial criado, bem como a criação da empresa Allarluz, SA, que construiu uma central de geração de energia eléctrica e calor com base no aproveitamento de biomassa florestal.

O projecto do Rexo, nomeadamente a limpeza florestal, bem como as exigências da Rede de Reservas da Biosfera são também baluartes de defesa do ambiente.

Pode-se considerar que os impactos natureza-turismo-natureza são recíprocos, quanto melhor for o estado de uma variável, melhor serão os seus impactos na outra.

4.2.4) Conservação do Património

- **Iniciativas culturais fomentadas**

A cultura de um povo, sendo dinâmica, não deve ficar presa ao passado, mas antes ancorar-se neste para se modernizar em direcção ao futuro. Em Allariz encontramos iniciativas de preservação da sua história, mas também novas actividades, com manifestações culturais mais actuais.

Do património cultural de Allariz fazem parte lendas, como a Lenda de Sta. Mariña de Augas Santas, que dá nome ao lugar e ao mosteiro lá existente, mas também Festas, Feiras e Romarias. A Festa mais célebre e maior de Allariz é a Festa do Bói, que se tem convertido nos últimos anos num activo económico de primeira ordem. Durando 10 dias, é um momento de celebração da identidade local e também de diversão. Tem origem na idade média e terá tido início numa lenda relacionada com uma colónia de judeus que nessa altura existia na localidade. O herói é Xan de Arzua, que hoje dá nome à associação que organiza a festa, quando numa procissão do Corpo de Cristo os judeus faziam chacota dos símbolos e crenças religiosos cristãos, este homem terá montado num boi e distribuído cinzas e formigas pelos delatores, impedindo assim que estes estragassem a manifestação de fé cristã. Para recordar esse acontecimento, todos

os anos por ocasião da festa do Corpo de Cristo, é lançado pelas ruas um touro montado por um boneco de palha ou cartão que representa Xan de Arzua. Esta festa foi recuperada em 1982 e é actualmente muito importante no panorama cultural local, atraindo aí muitos milhares de pessoas.

O Parque Etnográfico, constituído por vários museus e centro culturais, nomeadamente o Museu do Couro, o Museu do Tecido e o Moinho do Burato, foi uma das formas de oferecer uma atracção turística que, ao mesmo tempo, preservasse as tradições e ofícios locais. Recolhemos o seguinte testemunho de um turista: *“É muito importante conservar o que se tem. Pelo menos as coisas antigas devem-se conservar. O que se passa é que os ofícios antigos vão-se perdendo e já não há quem os siga”* (entrevista 6, turistas). Esta valorização da cultura e da história, inseridas num contexto rural representam hoje em dia uma cosmovisão, nas palavras do dono de um empreendimento turístico, quem vem *“é gente que procura especificamente aquilo que sabe que vai encontrar aqui: o património e uma forma de ver a vida”* (entrevista 12, proprietário TER). Esta preservação da cultura local obedece portanto a dois objectivos: afirmação da identidade local e comercialização de manifestações culturais. Nem sempre estes dois objectivos são compatíveis entre si, corrompendo-se muitas vezes mutuamente. *“Este é um dos paradoxos que transformam a construção social do património cultural num simulacro, que responde mais às necessidades –tão actuais como notórias-, do que à continuidade de uma tradição.”* (Perez, 2003)

- **Políticas de preservação do património instituídas e seu impacto**

Constituiu-se em 1992 a empresa municipal REATUR, SA, com o objectivo de possibilitar o investimento privado na exploração de recursos municipais. Esta empresa construiu um parque de campismo, bungalows, um centro hípico, reabilitou edifícios, transformando-os em casas de turismo rural e organizou actividades dirigidas a turistas. Isso permitiu que na actualidade a maior parte da exploração turística esteja nas mãos de privados, concentrando em Allariz uma oferta hoteleira diferenciada de qualidade.

Além disso, houve um investimento forte na recuperação patrimonial de todo o casco histórico, foi aliás essa a primeira prioridade do novo governo, depois do conflito de 1989. *“O urbanismo é um ponto-chave. Há duas ou três aberrações, nomeadamente uma edificio branco que há do lado de lá da ponte sobre o rio e mais algumas coisas desse género, mas de uma maneira geral não se tinha feito nada. A primeira coisa que*

fez a nova equipa de governo que entrou, através de uma equipa gestora que se constituiu com pessoas de todos os partidos, do anterior governo e algumas daquelas que através de uma luta, como Quintana, estiveram na cadeia. Quando a situação se regularizou toda a gente, à excepção daqueles que era impossível meter no projecto, decidiu o projecto que se devia seguir, ditaram-se as normas subsidiárias de construção que era algo que antes não havia: uma normativa urbanista, o que hoje em dia parece uma coisa obsoleta, mas que naquela altura foi revolucionária: não poder edificar a menos de 50 metros do rio, no casco histórico cada edifício ter uma ficha, e elaborou-se o plano especial do casco histórico que evitava que se pudesse construir uma casa de um piso quando antes tinha dois. Isto inicialmente gerou muitas resistências nas pessoas porque os construtores diziam que aqui em Allariz nunca se ia construir nada, pelo contrário nunca se construiu tanto em Allariz como agora. No ano de 1994, a União Europeia atribuiu o High Quality Urban, o prémio mais importante a nível do urbanismo, e foi a primeira localidade da Espanha a conquistá-lo. Isto também foi um sinal muito importante para a equipa do governo de que estavam a fazer um bom trabalho e elevou a própria auto-estima da comunidade. A partir daí, iniciou-se tudo o que foi trabalho de restauração arquitectónica do casco histórico. É certo que não estão todas as casas recuperadas. Há 20 anos atrás, e com ajudas por parte da administração, começaram a reabilitar-se as fachadas mantendo sempre a traça original: onde havia madeiras tinha de se manter madeira, por exemplo. Há uma coisa muito curiosa: nos telhados se há uma casa que não tem telhas é porque tem mais de 20 anos, porque de há 20 anos para cá as casas têm de ter telhas, ser de pedra e manter a tipologia original. Isso foi uma mudança bastante forte na mentalidade e houve uma série de apoios públicos das quais se tirou partido. Criou-se também uma empresa que se chama REATUR, que é uma empresa pública, 100% capital público, que criou o primeiro e único camping de primeira em toda a Província de Ourense e centro hípico, o mundo do cavalo move pessoas de um nível económico interessante. Abriram-se casas de turismo rural criadas pela REATUR, que foram as primeiras a existir em Allariz. E, por exemplo, também ao lado da Casa do Concelho, um pouco mais abaixo, há 2 edifícios, um deles é da REATUR a 100% e o outro é restaurado e explorado pelo público durante 20 anos e ao cabo desse tempo é devolvido ao privado.” (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

- **Papel do TER para a preservação do património**

“A ‘patrimonialização’, ou seja, um intenso processo social de activação do património cultural, fez mudar as inércias que condenavam quase a desaparecer como tal este concelho do interior galego. Este processo foi de tal magnitude que a representação simbólica actual de Allariz é a de ‘vila das vilas da Galiza’, a de uma vila ícone, a de um espaço simbólico recriado no qual são projectados significados culturais intensamente abstractos. Allariz é a imagem projectada da cosmovisão dos nacionalistas galegos, à qual aderem os devotos e também os adversários políticos, isto numa ‘imitatio’ competitiva que têm no desenvolvimento turístico uma das suas estratégias chave” (Perez, 2003).

Mais uma vez, estamos perante um processo de reciprocidade, sem o turismo não teriam sido desenvolvidas uma série de políticas de preservação do património, mas o próprio turismo também transforma esse património, logo porque há uma exposição identitária, que terá à partida de envolver a comunidade local, afirmando-se enquanto detentora de determinada cultura. O contexto sócio-político, explicado por Perez (2003), atribui uma simbologia muito importante a esta vila, que assume a responsabilidade de representar a ‘identidade galega’.

O próprio comércio encontra aqui um cenário que o pode beneficiar, como é o caso de loja/oficina de artesanato, cujo proprietário fez este relato: *“é simbólico estar aqui, pelo casco velho, pelas pessoas, por estar perto duma cidade como Ourense, por estar no Caminho de Santiago. Tem várias vantagens. Interessa-nos que [a loja] esteja sedeada num sítio histórico. Isto não combina com uma rua de um sítio moderno, não teria muito sentido.”* (entrevista 7, comerciante).

4.2.5) Relação rural-urbano

- **Tipo de relação com as cidades vizinhas**

Há uma relação competitiva com a cidade maior, capital de Província, Ourense. Defende-se que Ourense está perto de Allariz e não o contrário, esta é uma mentalidade de auto-estima colectiva e posicionamento estratégico. Foi-nos explicado por um responsável político que *“a proximidade com Ourense, que está a 10 minutos daqui e é uma cidade grande, capital de distrito, condenava Allariz ao desaparecimento. Aconteceu precisamente o contrário e isso foi uma mudança de dinâmica muito importante. O que diziam os governantes era que não se podia fazer nada pois os comerciantes iam comprar a Ourense. As pessoas não queriam vir para*

aqui pois entre comprar uma casa aqui ou em Ourense preferiam Ourense. Allariz tornou-se uma alternativa a Ourense, investindo nas potencialidades que Ourense não tinha. Talvez a sorte de Allariz fosse o facto de ainda não se terem feito muitas coisas más. De tanto não fazer não havia muitas coisas mal feitas.” (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

Houve um aproveitamento eficaz dos recursos de Allariz, potenciando-os como concorrentes aos atributos da grande cidade que não têm as mesmas vantagens em termos naturais e patrimoniais. Tirou-se daí vantagem, conseguindo-se que Allariz se impusesse como uma alternativa de qualidade a Ourense.

- **Equipamentos urbanos construídos e sua utilização por habitantes de outras cidades**

“Estamos aqui há 13 anos como empresários mas não vivemos cá. Trabalhamos em Allariz e pernoitamos em Ourense” (entrevista 8, comerciante). Algum do crescimento populacional verificado em Allariz é consequência da fixação de residência ali de habitantes oriundos de outros concelhos mais ou menos longínquos, alguns dos factores que contribuíram para essa situação foram a oferta de emprego e a qualidade de vida potenciada pelos serviços e equipamentos criados, mas também pela relação com o património natural e construído.

Estrategicamente, existem políticas municipais de oferta de habitação mais barata, embora muitas vezes os interesses privados inflacionem os preços. O concelho aposta agora na oferta de habitação pública a preços reduzidos de modo a pressionar os privados a baixarem os preços: *“Isso vai devagarinho [projecto Allariz cooperativa] porque não estão a sair para o mercado algumas construções existentes porque aqui também é certo que, apesar de termos avisado sempre os construtores que havia que marcar essa diferença com Ourense também a nível de preços, eles quiseram aproveitar tudo, como foi sempre o mote do sector privado afinal, querem tudo num momento, claro que agora custa-lhes muito vender a 30.000.000 (pesetas) aquilo que pretendiam vender a 40.000.000. Mesmo assim ainda serão rentáveis, mas eles pretendiam vendê-los mais caros e agora claro que não há quem lhes compre a esse preço. Notou-se uma queda considerável no ano passado no número de licenças concedidas. Agora há que trabalhar outra vez na oferta a um preço mais barato. Trata-se de iniciativa privada, mas com colaboração pública, digamos.”* (entrevista 10, Responsável Meio Ambiente/Membro Fundação).

- **Dependência de equipamentos/serviços/emprego de outras cidades**

“Vamos algumas vezes a Ourense, principalmente ao fim-de-semana, lá há grandes lojas e os preços acabam por ser mais baratos” (Entrevista 14, morador). As principais razões que levam os Alaricenses a dirigirem-se à “cidade grande” são principalmente o emprego, já que muitas pessoas residem em Allariz mas, através de movimentos pendulares facilitados pela qualidade das vias de comunicação, trabalham em Ourense e o comércio e lazer, pois as grandes superfícies exercem uma grande atracção sobre os habitantes de localidades pequenas.

- **Relação urbano-rural**

“Tudo isto é relevante se pensarmos que a vila de Allariz é denominada por alguns dirigentes locais de ‘cidade’, declarada ‘conjunto histórico-artístico’ no ano de 1971, prémio europeu de planificação urbana e regional no ano 1994, e que na actualidade desenvolve um Plano Especial de reabilitação e recuperação da zona histórica. Querer denominar-se ‘cidade’ denota a aspiração ao prestígio do ‘urbano’, tentando romper com a dicotomia rural-urbano e querendo viver um ‘urbanismo portátil’ e automotorizado, reforçado pelo efeito túnel que provoca a nova criação da Autovia do Noroeste”. (Perez, 2003)

Qualquer processo de desenvolvimento transporta consigo inevitavelmente uma dialéctica entre a conservação das características do rural e a aspiração dos seus habitantes aos privilégios do “urbano”, uma vez que a ambição faz parte do ser humano, que persegue sempre o crescimento e a ultrapassagem dos seus limites. Essa linha ténue é sentida neste caso onde se recolheram testemunhos como este: *“Lembro-me como era há 20 anos e o que cresceu até agora, se noutros 20 anos crescer outro tanto já é preocupante porque afinal seria como viver numa cidade onde tens tudo. Se vens viver para uma terra destas pelas suas características e depois vives como na cidade, então o melhor é nem mudar pois lá já tens tudo. Aqui não há cinema, teatro. Vens para estar tranquilo, para sair do ritmo de vida de Ourense, mas se vives aqui como lá mais vale nem sair de lá. Mesmo o preço dos apartamentos já subiu muito (risos)”* (entrevista 2, turistas).

Isso faz com que se levantem questões em termos de genuinidade ou autenticidade, até que ponto a ruralidade não existe só para se manter um “produto” que se vende: *“O turista quando vai a uma aldeia o que procura é um local tranquilo, mas também quer ver os costumes das pessoas, ver que se conservam certas tradições, de falar com as*

persoas, de conviver, de implicar-se nas actividades das persoas. Sim, mas também de sentir que aquilo é verdadeiro, que não é feito só para turista ver. É preciso também que haja persoas que mantenham as suas actividades, que mantenham o campo, com o seu traballo, isso também contribuí para o desenvolvemento turístico.” (entrevista 11 Alcaide).

Em Allariz, apesar de a vila sede do concelho ter algum dinamismo populacional, todos os outros núcleos populacionais são extremamente pequenos e com fortes características de ruralidade, tanto a nível de paisagem e de densidade populacional, mas sobretudo ao nível das actividades (a agricultura como complementar) e das solidariedades, cultura e formas de convivência. Verifica-se uma aposta do Concelho nestas localidades mais isoladas, como se pode ver na figura 9 que espelha a dotação de infraestruturas e serviços a todas as aldeias do município. Outras estratégias postas em marcha são a recuperação de solos agrícolas, o investimento em apoio social, a facultação de cursos de educação de adultos, entre outras iniciativas.

BALANCE ACTUACIÓNS PARROQUIAS

PARROQUIA	ALDEA	SANEAM.	AUGA	ILUMIN.	FONTES	PRAZAS	PARQUES	CAMIÑOS	FORNOS
S. MARINA	ARMEA								
	DUICI								
	LAIOSO								
	OUTEIRO DE LAXE		VECINAL						
	S. MARINA								
	SOLTO	PROX							
	TOSENDE								
	TURZÁS								
ALL ESTEBO	A VILA		PROX						
	AIRAVELLA								
	GUIMARÁS								
	NANIN								
	PORTELA AIRAVELLA								
	SAN SALVADOR								
	VILABOA								
ALL SANTIAGO	VILLERINO								
	FREIRA								
	O MATO								
	OUTEIRO DE ORRACA								
	PAICORDEIRO	1ª FASE							
	ROMELO								
COEDO	XUGUEIROS								
	COEDO								
	NOVAS								
	AS FEGAS		VECINAL						
ESPIÑEIRO	A QUINTA		VECINAL						
	CASASNOVAS								
	SAN BREVO								
	RUBIÁS	PROX							
	S. ESTEBO								
FOLGOSO	VILAR DE FLORES								
	A CAL								
	COIRA								
	ENFESTELA								
	FOLGOSO								
	QUEDE								
SAN VITOIRO	ROIRIZ								
	SAN VITOIRO								
	CELEIROS	1ª FASE							
	CURUXEIRAS								
S. MARTINO	A PEDREIRA		VECINAL						
	AMIADOSO								
	CASTRELO								
	FORMA								
	LAMA REDONDA								
	FENAMA								
QUEIROÁS	SAN MARTINO								
	CARDANACHAMA								
	QUINDÁS								
	QUEIROÁS IGREXA								
	QUEIROÁS GRANDE								
	QUEIROÁS PEQUENO								
REQUEIXO DE V.	REQUEIXO DE QUEIROÁS								
	PACINÓS								
	REQUEIXO	VECINAL	VECINAL						
S. TROCADO	VALVERDE								
	MAGARELOS	VECINAL	VECINAL						
	A PORTELA								
SEOANE	AS QUINTAS								
	CASALDOIRA								
	PUMARES								
	RODICIO								
	SEOANE								
TORNEIROS	A TORRE								
	OUTEIRO DE TORNEI.	PROXEC	VECINAL						
	PARDÍNAS								
	PENAFLO	PROXEC							
	SAN MIGUEL	PROXEC	VECINAL						
S. MAMEDE	TORNEIROS								
	CASDANAGAIA								
	O CASTRO								
	OROZO								
	A POUSA								
	O RIAL	1ª FASE							
	SAN MAMEDE								
	TAIN								
STA BAIA	OS VILARES								
	A POUSADA								
	SANTA BAIA								
	A TORRE								
MEIRE	ACEA		VECINAL						
	FONDEVILA								
	A TELLADA								
	O PRAZO								
	RIAL								

Figura 9

4.3) Bibliografía

- *Allariz 1989, Memória dunha revolta* (prospecto), Concello de Allariz e Fundación Vicente Risco
- *Allariz Avanza Contigo 1989/2004, 15 anos de transformación positiva* (prospecto), (2004) Concello de Allariz
- *Allariz 2020 vinte vinte* (prospecto) (2009), Concello de Allariz
- *Allariz, cultura e tradición no tempo* (prospecto), oficina do turismo, Concello de Allariz
- *Concello de Allariz*, Boletín n. 12 Verán 2009 (boletim informativo)
- *Concello de Allariz*, Boletín n. 13 Nadal 2009 (boletim informativo)
- Concello de Allariz, *La voz de Allariz – edición facsimilar* (2008), Concello de Allariz
- *Guia da reserva da Biosfera Área de Allariz* (2008), Xunta de Galicia
- HENRIQUES, J. M. (1990) *Municípios e Desenvolvimento*, Escher; Lisboa
- *Parque Etnográfico do Rio Arnóia* (prospecto), Concello de Allariz
- PEREZ, Xerardo Pereiro (2003) “Patrimonialização e transformação das identidades culturais” em José Portela e Castro Caldas, *Portugal Chão*, Celta, Oeiras
- SUAREZ, Marcial e CANAL, Xosé Luis, *Allariz* (1991), Ir Indo Edicions, Vigo

Sites

- Programa LEADER
http://www.leader.pt/PDF/pne_5_2_04/PNE_5_2_04_1_1.pdf (consultada a 25.02.2010)
- Allariz <http://www.allariz.com/vercanles.asp?id=40&sec=20> (consultada de 20.10.2010 a 17.04.2010)
- http://www.unesco.pt/cgi-bin/ciencia/noticias/cie_noticia.php?idn=34 (consultada a 13.03.2010)

5) Apresentação de resultados: o que aprendemos?

Utilizando os pressupostos metodológicos do Desenvolvimento Local propostos por Roque Amaro (2008) e tendo em conta as dimensões de análise e indicadores estabelecidos e analisados, discute-se agora se houve ou não um processo de Desenvolvimento Local, respondendo às seguintes questões:

5.1) Verificou-se um processo de mudança? Positiva ou negativa?

Aconteceu uma mudança clara nesta unidade territorial de pequena dimensão num sentido positivo. Os problemas sociais que vinham a nublar as perspectivas de futuro dos alaricenses, agravados por um problema ambiental, foram o mote para que a população lutasse até ver mudanças nas políticas (e nos políticos, no caso), em 1989. A partir daí um novo caminho de desenvolvimento foi traçado, mas nunca esquecendo as pessoas que estiveram na base da contestação. A crise, o conflito, os problemas foram a força motriz deste processo, o que se explica por algumas teorias do pós-modernismo, nomeadamente a teoria do caos aplicada às ciências sociais, que explica que a desordem é tão importante como a lei.

“O processo de desenvolvimento é visto como conflituoso” (Henriques, 1990:57), sendo este um pressuposto muito importante num processo de desenvolvimento local, visto ter tido origem popular, por vontade da comunidade, que é assim a principal interveniente na escolha do seu futuro. Em vez do abandono, os habitantes de Allariz preferiram lutar e mudar o rumo das coisas.

Essa mudança foi transversal, abrangendo várias áreas da sociedade:

- a economia, com uma aposta clara no turismo de qualidade, acompanhado de outras actividades, nomeadamente ao nível dos serviços e indústria. Deixa de haver uma dependência económica da indústria dos curtidos que tinha falido por falta de modernização e da agricultura que também não era competitiva;
- social, com alguma inversão em termos de perda populacional e com um investimento claro no seu bem-estar, através da implementação de programas e projectos de apoio a idosos, pessoas portadoras de deficiência e crianças, fomento da participação cidadã e oferta de formação e construção de equipamentos e serviços que conferem qualidade de vida;
- cultura, através da preservação e recuperação arquitectónica de muitos edifícios e do estabelecimento de estratégias que lhes conferiram dinamismo, passando pelo turismo. Aposta na preservação da cultura através da criação de parque etnográfico e da revitalização de algumas manifestações culturais que se estavam a perder;

- ambiente, resolve-se o problema premente da poluição do rio e aposta-se num programa vasto de preservação da natureza que acaba por lhe permitir integrar a rede de Reservas da Biosfera da UNESCO.

5.2) O processo centra-se numa comunidade territorial de pequena dimensão?

O território de Allariz é um concelho de dimensão reduzida e com uma identidade cultural bem definida, pela sua história, ainda bem patente no património arquitectónico recuperado.

Pode-se falar de um território auto-centrado (Henriques, 1990), com uma identidade cultural e territorial bem definida que neste caso corresponde à divisão administrativa do concelho. Essa identidade é mais evidente quando se materializa a relação deste concelho com a cidade capital da Província: *“não é certo que seja Allariz que esteja a 20 Km de Ourense, mas sim o contrário”* (entrevista 11, Alcaide) Pelo confronto com outras identidades culturais vizinhas ou longínquas, consequência da globalização, as identidades locais têm tendência a afirmar-se ou podem correr o risco de se neutralizar, absorvidas por uma cultura dominante. Em Allariz a cultura foi um marco distintivo e há uma preocupação com a sua preservação.

5.3) Satisfaz necessidades fundamentais da comunidade?

A preocupação efectiva pela resolução dos problemas das pessoas é o centro desta lógica de desenvolvimento. Não foi preciso nenhum diagnóstico de necessidades oficial uma vez que as necessidades da população eram por todos conhecidas e reclamadas, incidindo sobre dois aspectos fundamentais: sociais e ambientais.

Toda a intervenção feita a partir de 1989 teve como objectivo proporcionar melhores condições de vida à população, através da criação de emprego e da facultação de equipamentos e serviços básicos. Para isso valorizou-se o património natural, construído e simbólico.

As necessidades da população são dinâmicas, quando se suprem umas, outras de um grau mais elevado se afirmam (teoria das necessidades fundamentais de Maslow) e por outro lado a sociedade também ela é dinâmica, evoluindo e ganhando novos contornos demográficos, sociais e económicos. Isso verificou-se em Allariz, à medida que novas dinâmicas económicas e sociais se iam implantando, novas pessoas procuravam a localidade, umas emigrantes retornados, outras novos habitantes que ali fixaram

residência. Por outro lado, os núcleos mais rurais foram envelhecendo, criando um novo problema social. Todas estas mudanças sociais e humanas exigem uma adaptação constante de políticas às novas necessidades sociais. A equipa autárquica tem tido a destreza de se ir adaptando às novas exigências que já não são aquelas reclamadas em 1989, exemplo disso são as apostas no meio rural, não só através de projectos de formação e empreendedorismo agro-silvo-pastoril, mas também a criação de serviços de proximidade para os residentes mais idosos ou com menos oportunidades. Apesar desse esforço, nas opiniões recolhidas continua a vingar a ideia de que há pouco emprego e poucas oportunidades para quem vive aqui. Será um problema estrutural, dada a crise económica que se atravessa e os entraves culturais e económicos à fixação de empreendedores no campo? Poderá ser esse insucesso na atracção de pessoas para projectos de índole agrícola que cria um fosso entre as oportunidades de emprego mais especializado gerado em Allariz e as aspirações de pessoas com baixas habilitações literárias e profissionais.

5.4) O desenvolvimento realizou-se a partir de capacidades endógenas?

O Alcaide explica que tiveram *“de procurar um modelo alternativo, um modelo que já vínhamos reclamando e que tinha sido uma referência e criava expectativas na população. E, para nós, esse modelo alternativo era baseado na valorização dos recursos que se prendem com o nosso património histórico e artístico, ambiental e situação geográfica. Dado que não existia nenhum projecto antes de âmbito público ou privado, fez-se um programa importante a nível municipal que pretendia em primeiro lugar planear e programar a organização territorial, a planificação urbanística que não existia, libertando todos os espaços junto ao rio, as antigas construções que o Concelho pôde valorizar. Foram então aproveitados os recursos ambientais e etnográficos, através da sua recuperação”* (entrevista 11, Alcaide).

Allariz vivia uma situação complicada a vários níveis, mas os líderes, mais do que nas dificuldades, focaram-se nas potencialidades: património histórico e artístico, ambiental e situação geográfica (transformando a proximidade a uma grande cidade de um constrangimento numa oportunidade), o que é um forte sinal de desenvolvimento local.

A valorização destes recursos permitiu não só atribuir-lhes um valor intrínseco, pela geração de potencial económico que permitiram, mas também um valor simbólico,

devolvendo auto-estima à comunidade e reforçando a sua identidade cultural e territorial.

5.5) Houve participação e empowerment da população?

Constata-se que a transformação dos últimos 20 anos neste concelho foi um processo participado, como não podia deixar de ser pela própria história do mesmo. Alguns sinais mais evidentes da participação social na vida pública são o dinamismo associativo e o planeamento estratégico a longo prazo participativo, o projecto Allariz 2020. As pessoas da comunidade (e não apenas os dirigentes políticos, associativos e empresariais) são sujeitos e não objectos do processo de mudança. Não se conhecendo todo o processo de 1989 a 2010, balizam-se estas duas datas e destaca-se que tanto no ponto de partida como no momento actual existe envolvimento dos cidadãos nas decisões políticas, inicialmente de um modo activo e impositivo e actualmente de uma forma mais passiva e ordenada. Isto confere viabilidade às políticas públicas, uma vez que foram discutidas e analisadas por toda a comunidade que mais facilmente as adoptará como suas e se sentirá mais responsabilizada.

Os processos de empowerment não são tão linearmente percebidos (até pela complexidade que o conceito encerra), alguns sinais de valorização das pessoas são as oportunidades de formação e emprego que lhes poderão permitir ter mais “poder” e controlo sobre as suas decisões pessoais e sociais, exemplos disso são os cursos de informática abertos a toda a população. Outras iniciativas importantes prendem-se com projectos de formação a mulheres em meio rural e inserção profissional de pessoas portadoras de deficiência. Um desses casos é a organização regular de Jornadas para a Igualdade entre Homens e Mulheres.

5.6) Mobilizou capacidades exógenas?

Baseando-se nos recursos internos, o Concelho aproveitou alguns incentivos, nomeadamente da União Europeia, para levar a cabo o seu projecto. A partir desse projecto, atraiu investimento na indústria e no turismo, o que reverteu para a melhoria das condições de vida da população.

De referir também o aproveitamento de conhecimento exógeno, produzido em universidades e noutros projectos concretos, aplicando assim as ideias e resultados encontrados fora dali neste caso concreto.

Desta forma, atrai-se actualmente pelo turismo muitas pessoas para a localidade que ali deixam não só dinheiro, mas também interferem com a sua cultura e maneira de ver o mundo. Nesta perspectiva, é importante que se crie um equilíbrio de modo a preservar o que se tem sem ser alterado por influência de terceiros, mas ao mesmo tempo sem se cristalizar o passado, inibindo assim o desenvolvimento. Num contexto rural, estas questões ganham mais importância pelos potenciais conflitos que encerram entre tradição e inovação, cidade e campo, conservadorismo e progresso. É da resolução destes conflitos que se esperam novas respostas, mais inovadoras e sustentadas e é isso que se espera de Allariz, na medida em que as pessoas que visitam e as que são visitadas conseguirem um encontro de visões.

5.7) Baseou-se numa perspectiva integrada (saberes, conhecimentos e métodos de intervenção)?

Será desse encontro de visões, falado anteriormente, que nascerão objectivos comuns de manutenção do património natural, construído e simbólico de Allariz, visto como um bem de todos.

Para isso é necessário ter uma visão integrada que abranja várias pessoas com diferentes visões em diferentes projectos e intervenções. Foram muitas as áreas alvo de intervenções e projectos, pela sua vastidão e importância comunitária, não poderão ser atacadas individualmente e parcelarmente. Percebe-se que as actuações foram vastas e feitas de diferentes modos, o que pressupõe vários olhares sobre a realidade. Exemplos disso são o fomento de actividades culturais para pessoas de gostos de classes média-alta, como desfiles e exposições de moda, e outras de índole mais popular, como sejam a festa do boi, as feiras de amendoados e doces, de Outono, etc. Também as várias gerações são abrangidas por projectos e iniciativas e deles fazem parte, falamos por exemplo de cursos de rafting e outros desportos dirigidos à população mais jovem e a cursos de cestaria e artesanato cujo público-alvo é de um escalão etário mais elevado. Por outro lado, há actividades transversais como sejam os cursos de informática e as festas e feiras.

5.8) Há um trabalho de parceria?

Existe um trabalho de parceria em várias direcções: sector público – privado, notório na concessão de espaços públicos para a exploração de privados e no apetrechamento de equipamentos e infra-estruturas para permitir o investimento

privado; sector público – social, patente em parcerias com Fundações, como é o caso da Fundação Xan de Arzua que organiza a Festa do Boi e da Fundação Ramon Gonzalez que promove várias iniciativas de formação no concelho e também com associações, como sejam de moradores, desportivas ou de cariz social.

Não parece ter muita força no Concelho a atribuição de funções de serviço social, como sejam o apoio a idosos, crianças ou outras pessoas vítimas de exclusão social aos sectores social ou privado, estando as iniciativas muito centradas no sector público que assegura esse apoio.

5.9) Os resultados tiveram impacto em toda a comunidade?

Aparentemente, como é de esperar neste tipo de territórios e nas relações que se estabelecem entre os espaços mais centrais e os mais periféricos, foi numa fase inicial mais beneficiado o centro do Concelho, a vila de Allariz, quer pelas intervenções, quer pelos projectos aí desenvolvidos.

Depois dessa fase, tenta-se espalhar esse impacto às zonas mais afastadas e rurais, um dos sinais desse movimento é o incentivo que se faz actualmente à reconstrução de património nos núcleos rurais. Também os projectos de formação a mulheres e de animação a idosos vão chegando cada vez mais ao rural. No entanto, não é um processo homogéneo e não atinge toda as pessoas por igual e ao mesmo tempo. Isto não significa que este pressuposto do desenvolvimento local não se verifica, mas antes que é um processo lento e demorado, mais fácil em zonas de mais elevada densidade populacional e com mais dinamismo económico, social e político, que necessita de mais energia para se estender até às zonas periféricas. Segundo o conceito de região de Stohr (Henriques, 1990), o desenvolvimento tem origem numa unidade territorial de pequena dimensão (região), repercutindo os seus efeitos em escalas cada vez mais abrangentes. Uma vez que este concelho representa uma unidade territorial e que o processo de desenvolvimento teve origem no centro é normal, e parece ser o que está a acontecer, que os seus efeitos vão atingindo cada vez mais pessoas e territórios dentro dessa “região” para passar depois para outras “regiões”.

5.10) Verificou-se diversidade de processos e resultados?

A amplitude dos processos e resultados é tal que não puderam ser aqui apresentadas todas as dinâmicas, tendo sido abordadas aquelas que pela sua importância estratégica ou por se encaixarem nas nossas dimensões de análise pré-definidas se revelaram mais importantes, nomeadamente:

- projectos de formação da Fundação Ramon Gonzalez, pela sua aposta nas pessoas
- Allariz 2020, pelo fomento da participação cidadã;
- parque industrial do Chorente, pela diversificação económica que possibilita
- empresa municipal REATUR e Parque Etnográfico do Rio Arnóia, pelo impulso ao turismo e à preservação do património
- projecto Reserva da Biosfera, pela protecção da natureza;
- projecto do Rexo, pela vertente ecológica, artística e principalmente de fomento de actividades agro-silvo-pastoris

Muitas outras iniciativas espelham o dinamismo em termos de intervenções, como os projectos Allariz Digital, que coloca as novas tecnologias ao dispor da participação social; o projecto RTVA, rádio e televisão de Allariz, que facilita a comunicação entre os elementos da comunidade e a preservação da cultura.

Sendo as intervenções diversificadas, os resultados são também diversificados, não só ao nível das actividades económicas, mas também em termos de respostas sociais, culturais e ambientais. Caminha-se assim para uma cultura “bottom-up”, sendo facultadas uma série de ferramentas que permitam que as pessoas tenham qualidade de vida, numa perspectiva mais abrangente de desenvolvimento local em meio rural.

5.11) Bibliografia

- HENRIQUES, J. M. (1990) Municípios e Desenvolvimento, Escher; Lisboa

6) PRINCIPAIS CONCLUSÕES

6.1) Transferência de resultados

Analisou-se o quadro teórico e paradigmático que contextualiza as questões aqui abordadas, tendo-se percebido que a indefinição e a incerteza são variáveis que caracterizam as ciências hoje em dia. Também o caos pode ser um elemento perturbante que conduza, no entanto, à reorganização e à mudança.

Mudança é o principal mote do desenvolvimento que se quer ver nos campos e na sua relação com as cidades. Não se pode continuar a adiar as questões do rural por estarem distantes física e afectivamente dos centros de decisão, uma vez que, numa perspectiva sistémica, todas estas questões estão interligadas, qualquer política urbana interfere com o rural e vice-versa. O abandono dos campos acaba sempre por se repercutir na sobrelotação das áreas urbanas (no caso português, na faixa litoral) e no agravamento dos problemas sociais aí existentes. Manifesta-se também na transformação da paisagem que deixa de ser humanamente trabalhada e passa a caracterizar-se pelo crescimento de mato que invade zonas agrícolas e florestais, facilitando desastres ecológicos como os incêndios e desvalorizando esteticamente a paisagem que os turistas urbanos procuram.

Defende-se por isso a perspectiva de um continuum rural-urbano (Ferrão, 2000), ligando espaços urbanos e rurais dentro de uma mesma região de identificação, aproveitando sinergias de equipamentos, estruturas e massa crítica. Não se pode querer que ambos os espaços estejam ao mesmo nível quando se sabe que pela sua concentração o urbano reúne mais condições para o “poder”, então há que aproveitar essa vantagem urbana para que actue sobre o rural não de uma forma predadora dos recursos humanos e naturais como durante muito tempo aconteceu, mas como “ponte efectiva” (Ferrão, 2000), como principal pólo de desenvolvimento que tem a obrigação de o fazer chegar aos espaços mais afastados do desenvolvimento.

Discutidas estas questões, importa perceber que desenvolvimento procuramos. Define-se e discute-se o conceito de desenvolvimento local como sendo o que tem mais potencial de enquadrar o nosso tema de estudo, pela sua perspectiva territorialista e pela tónica que coloca nas pessoas, nos seus processos e nas suas necessidades básicas. Trata-se de um processo “bottom-up”, participado e abrangente quanto a processos e resultados. Apresentam-se 10 características essenciais do desenvolvimento que serão depois verificadas no nosso estudo de caso.

O conceito de turismo em espaço rural é hoje em dia apresentado como “tábua de salvação” para o mundo rural, pelo seu potencial de diversificação das actividades económicas em espaço rural. Apesar dessa grande potencialidade, sabe-se pela análise de estudos recentes sobre esta temática que a contribuição do turismo para o desenvolvimento rural em espaço rural tem sido muito reduzida, já que os seus principais resultados têm sido a preservação de património construído e a obtenção de algumas contrapartidas económicas para grupos de classe média-alta que em muitos casos nem são habitantes do rural. Que aposta é feita então nas pessoas se o emprego que cria é muito diminuto, bem como a formação, não são encetados processos de participação e empowerment, aumentando assim os habitantes do rural e a sua qualidade de vida? E que articulação é feita com outras actividades económicas? De que forma preserva a natureza e o património? E como é que permite a articulação de espaços urbanos e rurais?

O estudo de caso de Allariz foi respondendo a estas questões, dando assim consistência às nossas hipóteses relativas à relação entre turismo e desenvolvimento local. Concluiu-se que o turismo esteve na origem em Allariz de um processo de desenvolvimento local, na medida em que:

- gerou postos de trabalho, não só no turismo, mas também em serviços, comércio e indústria; proporcionou oportunidades de formação, encetou processos de participação e empowerment, proporcionou fixação de população e alguma atracção, embora ainda tímida, de novos residentes, oferecendo a localidade qualidade de vida;
- possibilitou a diversificação da economia, gerando empresas não só ligadas ao turismo, mas também ao comércio, serviços e indústrias e algum aposta em projecto agro-silvo-pastoris, embora sem peso expressivo ainda na economia local;
- preservação da natureza, expressa no preenchimento dos requisitos para pertencer à Rede de Reservas da Biosfera. Alguns projectos concretos como o Eco-Espaço do Rexo são exemplos da boa relação entre homem e natureza;
- recuperação e conservação do património, foi esta estratégia que esteve na origem de todo este processo de aposta num turismo de qualidade, contribuindo também para a preservação e afirmação da cultura local;
- relação urbano local, há articulação entre os vários espaços do mesmo concelho, sendo o desenvolvimento um processo cada vez mais transversal a todos eles. Parece ser contudo um pouco incipiente a relação com a cidade grande mais próxima,

Ourense, já que as relações aparentam ser mais de concorrência do que de convergência.

São estes indicadores que permitem aferir que os 10 pressupostos do desenvolvimento local (Amaro, 2008) se verificam neste caso, podendo afirmar-se que em Allariz o turismo permitiu gerar desenvolvimento local.

A questão que levantamos agora é saber se estes resultados se poderiam aplicar a outros casos? Tratando-se de um estudo de caso, não podemos extrapolar os resultados obtidos para outros casos, no entanto salientamos dois aspectos que nos parecem cruciais:

- 1) Não podendo ser imitados os processos, que devem sempre ser adaptados a cada contexto, há atitudes estratégicas que fomentaram esses processos de desenvolvimento e que se identificam aqui como boas práticas, nomeadamente a **transformação de fragilidades em potencialidades**, como aconteceu com a degradação ambiental, social e económica em Allariz, já que todo o rio estava poluído e todas as actividades económicas que tinham lugar nas suas margens decadentes, essas desvantagens foram transformadas em vantagens ao serem desactivadas as fábricas e transformadas em parque etnográfico, criado o parque industrial e despoluído o rio.

Do mesmo modo, o património construído estava descaracterizado e a sua recuperação exigia um grande esforço económico e social, as regras estritas impostas à recuperação do casco histórico poderiam ser vistas como impedimento à sua recuperação, mas foram elas que permitiram a transformação de todo o casco, sendo hoje em dia um exemplo vivo de que é possível a sã convivência de modernidade e tradição. Ora, esta atitude demonstra uma **visão estratégica** do que se queria para a localidade.

Sendo o **processo de desenvolvimento dinâmico**, como se de uma espiral se tratasse, quando se atinge determinados objectivos, outros surgem mais ambiciosos. Neste caso nota-se que à medida que determinados resultados são alcançados outros objectivos mais ambiciosos são traçados, como é o caso da aposta em actividades de índole agrícola, pecuário e florestal, depois de se terem consolidado actividades dos sectores secundário e terciário.

Por fim, salienta-se o incremento da **qualidade**. Estrategicamente delineou-se um plano de aposta num turismo de qualidade e depois foram criadas condições para que isso acontecesse. Exemplo disso é a inexistência de parque de

merendas como forma de atrair sobretudo um determinado tipo de turista, pertencente a uma classe média-alta. Outro exemplo é a atenção à característica de multi-consumidor do turista actual, tendo sido criados serviços e actividades que respondessem a esse carácter. A qualidade não implica que se aposte sempre num turismo com este público-alvo, mas antes que se seja consequente com as estratégias previamente delineadas.

- 2) Salientadas algumas boas práticas que devem ser imitadas em projectos de turismo em meio rural, há que ter em conta que nem todos os meios rurais reúnem estas condições favoráveis ao turismo. Mais do que apostar no turismo independentemente do contexto, há que analisar as condições que o local reúne que podem ser transformadas em potencialidades, em articulação com os espaços circundantes, nomeadamente os urbanos. Allariz reúne uma série de condições e apresenta uma série de características que foram bem aproveitadas e utilizadas para produzir desenvolvimento local a partir do turismo, mas poucos serão os espaços rurais a reunir tão elevado conjunto de características, como sejam a acessibilidade, uma história preservada até aos dias de hoje por um conjunto arquitectónico muito vasto e um enquadramento natural atractivo. Mesmo que muitos espaços com estas características houvesse, entrariam numa grande concorrência que poderia comprometer as bases do desenvolvimento local.

O que deste estudo se quer salientar é que mais importante para os espaços rurais do que apostar no turismo é saber potenciar as vantagens de cada território. Quando essas vantagens se conjugam para o turismo, aí deve-se seguir os 5 pilares por nós identificados para que o turismo seja convertido em desenvolvimento local: aposta clara nas pessoas, contributo para a diversificação de actividades económicas em meio rural; preservação da natureza; conservação do património e da cultura e nova relação rural-urbano.

6.2) Sugestões

Este estudo possibilitou um sopro de esperança para o futuro dos meios rurais. Não tendo conhecimento exaustivo de todas as iniciativas de desenvolvimento local em meio rural, sabe-se que em Portugal muitos têm sido os contributos para a melhoria das condições de vida em meio rural.

Parece-nos, no entanto, que um processo tão vasto, pela amplitude de projectos e de actores envolvidos como o de Allariz, pode ser analisado por quem actua no meio rural, não só membros de Associações de Desenvolvimento Local, mas também técnicos de entidades governamentais e autarcas locais, pois só uma **articulação entre todos e o trabalho em parceria** pode produzir resultados vastos e diversificados.

Muitas vezes os processos são inquinados por falta de vontade política ou por falta de adesão da comunidade, a **participação**, quando se acredita na potencialidade desta metodologia, pode ajudar ao encontro de visões e à responsabilização de todos na construção do desenvolvimento.

Alerta-se para a urgência de colocar as questões do rural nas agendas políticas, pois as implicações do adiamento destas questões são cada vez mais graves não só para os habitantes do meio rural, mas também indirectamente para as áreas urbanas. Trata-se de questões estruturais para o futuro não só da agricultura e economia portuguesas, mas também da cultura e sociedade e numa altura de crise como a que actualmente se vive surgem oportunidades para a reformulação de políticas que se seguirem algumas linhas como as que neste trabalho são apresentadas podem ser mais eficazes. Mas tão importante como a definição de políticas é acreditar nelas e encetar todos os esforços para sejam correctamente postas em prática e avaliadas constantemente, surtindo assim os resultados que se esperam.

6.3) Bibliografia

- FERRÃO, João (2000), “Relações entre mundo rural e mundo urbano” *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 33, ISCTE, Lisboa

ANEXOS:

1 - DESENHO ESTUDO DE CASO	82
2 - INDICADORES	84
3 - DIÁRIO DE CAMPO	85
4 - DESENHO DAS ENTREVISTAS	91
5 - ANÁLISE DOS DADOS	95
6 - MAPA DE ALLARIZ	123
7 - FOTOGRAFIAS	124

1- DESENHO ESTUDO DE CASO

Pergunta Central da Investigação:

De que modo o TER pode ser factor de desenvolvimento local em espaço rural?

Perguntas de Teoria:

- O que se entende por espaço rural?
- Qual a sua relação com o espaço oposto, o espaço urbano?
- Como interpretar os limites (ou o seu esmorecimento) no contexto sociológico actual (relações urbano/rural, visões e interdependências)?
- Qual a definição e o âmbito do desenvolvimento local?
- O que se entende por TER?
- Qual o impacto do TER no espaço rural?
- De que forma o TER pode ser potenciado para gerar desenvolvimento local?

Hipóteses:

O TER produzirá desenvolvimento se for capaz de:

- apostar nas PESSOAS, potenciando a sua formação, participação e empowerment
- contribuir para a diversificação das actividades económicas (pluri-actividade e pluri-rendimento)
- preservar a natureza
- investir no património (incluindo a vertente da interculturalidade)
- proporcionar novas formas de relacionamento rural-urbano, privilegiando parcerias e respostas integradas

Dimensões de Análise

- Aposta nas pessoas
- Diversificação da Economia
- Preservação da Natureza
- Conservação do Património
- Realção rural-Urbano

Dados a recolher

- identificação do estudo: local, história e breve caracterização (relação com a natureza, as pessoas e o património)
- que indícios de bem-estar social existem?
 - o Verificam-se oportunidades de emprego e formação?
 - o Existem metodologias participativas e fomento do empowerment?
 - o Qual o grau de associativismo? Parcerias existentes?
 - o Contraria-se a tendência dos espaços rurais de emigração, abandono, decréscimo populacional e envelhecimento?
 - o Verifica-se qualidade de vida? Em que medida?
- turismo em espaço rural

- Que investimento se faz nas pessoas locais?
- que empreendimentos turísticos existem e como se classificam?
- de que modo estão interligados a outras actividades económicas? Parcerias existentes?
- Qual o seu peso para a economia local?
- Qual o seu papel na recuperação/manutenção do património?
- Que relação mantém com a natureza (dependência, interdependência, predatória, etc)?
- que tipo de relação o local mantém com o global, nomeadamente com as cidades mais próximas?
- Verifica-se desenvolvimento local (com todos os seus pressupostos)?
- Esse desenvolvimento (ou não) teve origem no turismo?
- Que políticas existentes contribuíram para o desenvolvimento (ou não)?

Técnicas (triangulação):

- Análise documental
- Entrevistas
- Observação directa

2- INDICADORES

Indicadores do Desenvolvimento Local:

1. Verificou-se um processo de mudança? Positiva ou negativa?
2. O processo centra-se numa comunidade territorial de pequena dimensão?
3. Satisfaz necessidades fundamentais da comunidade?
4. O desenvolvimento realizou-se a partir de capacidades endógenas?
5. Houve participação e empowerment da população?
6. Mobilizou capacidades exógenas?
7. Baseou-se numa perspectiva integrada (saberes, conhecimentos e métodos de intervenção)?
8. Há um trabalho de parceria?
9. Os resultados tiveram impacto em toda a comunidade?
10. Verificou-se diversidade de processos e resultados?

Indicadores Específicos do Projecto:

1. Aposta nas pessoas: formação, participação e empowerment
 - Acções de formação sobre TER sensibilização destinadas à população e seu impacto
 - Postos de trabalho criados
 - Associações criadas e seu dinamismo
 - Grau de participação da população nas dinâmicas territoriais
 - Crescimento populacional, natalidade e mortalidade e pirâmide etária
 - Qualidade de vida
2. Diversificação económica
 - Peso do turismo na economia local
 - Actividades económicas potenciadas pelo turismo
 - Contribuição para a diversificação de rendimentos
 - Parcerias empresariais criadas
3. Preservação da natureza
 - Iniciativas de preservação da natureza
 - Projectos específicos de preservação da natureza e seus resultados
 - Impacto das iniciativas de TER na natureza
4. Investimento no património
 - Iniciativas culturais fomentadas
 - Políticas de preservação do património instituídas e seu impacto
 - Papel do TER para a preservação do património
5. Novo relacionamento rural-urbano
 - Tipo de relação com as cidades vizinhas
 - Equipamentos urbanos construídos e sua utilização por habitantes de outras cidades
 - Dependência de equipamentos/serviços/emprego de outras cidades
 - Parcerias inter-municipais existentes
 - Relação urbano-rural

3- DIÁRIO DE CAMPO

- 08/12/2009

O primeiro contacto com esta comunidade foi feito de modo informal, fiz uma visita como mera “visitadora” ou turista.

A viagem foi fácil, tendo em conta que me encontrava em casa dos meus pais em Vila Real, feita praticamente sempre por auto-estrada, tendo demorado menos de 2h. Depois de se sair da Autovia das Rias Baixas, na saída “Allariz”, até ao centro da vila são cerca de 5 minutos.

A beleza do local é inquestionável, com o rio como pano de fundo, contornando a vila que pelos seus traços medievais forma um cenário muito aprazível.

Tendo-me dirigido ali com alguns familiares, procurámos um sítio para fazer um piquenique. Estacionámos facilmente o carro e começámos a passear ao longo do parque que contorna o rio, a Oficina do Turismo estava aberta, dirigi-me lá e fiz várias questões, sempre anonimamente, senti acolhimento e interesse, contudo, quando questioneei acerca de um parque de merendas para fazer um piquenique, fui informada que não havia, mas que podíamos procurar um banco de jardim ao longo do rio. Foi o que fizemos e acabámos por almoçar tendo como cenário uma ponte romana, no meio de verde e de água.

O passeio pela vila foi muito interessante, havia gente nas ruas a animação, muitos monumentos, museus, igrejas e outros edifícios para visitar. Só o castelo se revelou uma desilusão na medida em que não existia. Subimos ao sítio onde existiu em tempos e não havendo agora já vestígios da sua existência, deparámo-nos ainda assim com uma vista fantástica do cimo do monte.

Entrámos nalguns estabelecimentos para tomar café e fazer algumas compras, nuns sítios sentimos mais simpatia do que noutros.

Das pessoas que fomos encontrando pelas ruas, parecia haver mais forasteiros do que pessoas da terra, ainda assim cruzámo-nos com jovens e crianças, mas principalmente adultos e idosos.

- 07/01/2010

Tinha marcada uma entrevista com a D. Cristina Cid, Conselheira Municipal do Turismo e Comércio. Acabou por não comparecer por motivos familiares e parece que o intermediário também não tinha confirmado com ela a reunião.

Apesar desse desencontro, acabou por surgir a oportunidade de tomar café com alguns elementos do Governo Municipal, o que me permitiu ter contactos com o Alcaide e com outros Conselheiros. Consegui assim uma oportunidade de entrevistar o Alcaide e o Conselheiro do Meio Ambiente, bem como um proprietário hoteleiro.

Além destas entrevistas que serão transcritas, houve espaço para várias conversas informais, visitas e recolha de documentação.

Passo a anotar algumas ideias que ficaram das conversas:

- são demandadas soluções integradas, o turismo não é visto como desenvolvimento por si só, tenta-se antes dinamizar com ele outros sectores, nomeadamente a agricultura e o artesanato. O sector agrícola é vítima de uma forte desvalorização social e cultural (ao contrário de outras regiões de Espanha), o Concelho tem um rebanho e teve dificuldade em encontrar um pastor, apesar de o salário e as condições serem aliciantes, actualmente a pessoa que ocupa esse cargo é estrangeira;
- têm produzido uma marca de queijo já comercializada em 3 grandes superfícies da Galiza. Têm apostado também na cestaria, licores e planeiam organizar para breve um festival de jardins, à semelhança do que se passa em Ponte de Lima;
- têm desenvolvido também programas de apoio a cidadãos com deficiências: 2 lojas dos outlets serão geridas por deficientes e vai abrir uma loja de moda toda vocacionada para cegos. Esses cidadãos estão envolvidos num projecto de recolha de óleo doméstico e na organização do festival de jardins;
- têm protocolos com outros concelhos, nomeadamente alguns portugueses como Ponte de Lima e Alcanena (na área das curtições)
- não querem ter museus sem vida, mas antes atrair população, fazem reconstituições da vida rural, antes de mais para os próprios habitantes: sementeiras, malhadas, colheitas, matança do porco, etc;
- organizam o festival de Outono, que é uma oportunidade de escoamento de produtos locais, mas precisam ainda de novas estratégias de comercialização;
- verifica-se uma aposta em todas as aldeias do concelho, com atenção às particularidades de cada uma –cripta de St. Marinha de Augas Santas;
- valorização ambiental, foi criado um parque industrial que permitiu melhorar a qualidade dos empreendimentos e ao mesmo tempo torná-los mais competitivos;

- está já criada uma imagem de marca, através de trabalho feito e reconhecido no âmbito do turismo;
- estratégia turística de qualidade, não se quer atrair um turista pobre, mas alguém que consuma e deixe dinheiro. Por isso é que não há parque de merendas, os restaurantes não são muito económicos e os empreendimentos têm um alto nível de qualidade;
- sabe-se que o turista actual é multi-consumidor e por isso criam-se respostas para essas procuras, como por exemplo o outlet;
- há um pensamento a médio e longo prazo e uma articulação de objectivos. Organizam-se eventos e formações, não tanto pelo valor implícito dessas iniciativas, mas porque se sabe que essas iniciativas são formas de divulgação e atracção de pessoas: publicidade de boca em boca. Exemplo disso são as formas em ultrasonografia que levam ali médicos de toda a Galiza, estes profissionais voltam depois muitas vezes em férias e falam do lugar a outras pessoas;
- em 2004 havia 31 crianças na escola, actualmente há 90;
- quem quiser recuperar uma casa antiga nalgumas das aldeias circundantes tem apoio: não paga despesas de licenciamento

Visita ao Centro Ecológico : o Rexo

Para além das entrevistas recolhidas, conversas informais no café e visitas guiadas pela vila, nomeadamente a empreendimentos turísticos, que nos permitiu atestar a qualidade dos mesmos, tive ainda oportunidade de visitar o Eco-Espaço do Rexo.

Essa visita foi proporcionada pelo Conselheiro do Meio Ambiente, Sr. Bernardo, pelo caminho fez questão de mostrar vários aspectos significativos para este estudo, nomeadamente investimentos feitos nas aldeias por onde passávamos e património habitacional recuperado por privados, com ajudas públicas, nomeadamente isenção de custos de licenciamento.

No Eco-espço, começou por falar do projecto ANDREA, onde são feitas terapias com burros e se estuda também a possibilidade de aproveitar o leite de burra para fins estéticos e não só.

Apresentou depois um projecto de auto-suficiência energética, que passa por uma mini-hidráulica naquele complexo do Rexo, na transformação de biomassa e aproveitamento da energia solar. Nesse sítio havia um trabalhador (à hora que nós fomos, cerca das 18h) que estava a tratar sobretudo de questões administrativas.

Nesse mesmo complexo funciona um projecto de Educação Ambiental, recebendo grupos de crianças e jovens sobretudo em idade escolar, é-lhes proporcionado contacto com a agricultura, criação de gado, produção energética e dadas noções de protecção ambiental.

Por fim, tive ainda oportunidade de ver a queijaria e o rebanho de ovelhas, que têm como objectivo formar empreendedores rurais: agrícolas e silvo-pastoris. As condições materiais pareceram-me bastante modernizadas, embora fosse um projecto com dimensões limitadas (pouco mais de uma centena de cabeças de gado). Além do queijo de ovelha, são também produzidas compotas e outros produtos de marca local.

Posto de turismo

Além do apoio que já tinha sentido da parte do posto do turismo, ao terem proporcionado uma visita guiada pela vila que incluiu visitas a empreendimentos turísticos, houve uma grande disponibilidade para cedência de materiais e documentos, com indicadores estatísticos e não só, bem como para o estabelecimento de contactos para a realização das restantes entrevistas.

Sublinho aqui um comentário final, resposta ao meu agradecimento sincero pelas experiências que me proporcionaram nesse (longo) dia: “é verdade que fomos e somos hospitaleiros, no entanto também temos que consciência de que não se trata de uma hospitalidade gratuita, mas sim estratégica, pois é nosso interesse que as pessoas venham, conheçam, gostem e divulguem, é a nossa melhor publicidade!”

- 07/02/2010

Como previsto, dirigi-me mais uma vez a esta vila para realizar as restantes entrevistas. Tendo em conta que o meu objectivo era recolher informações de vários sectores da população, e uma vez que o discurso oficial já tinha sido conhecido e recolhido na última visita, optei desta vez por não estabelecer contactos prévios com entidades oficiais. Penso que assim o grau de liberdade e imparcialidade foi maior, já que ninguém foi antecipadamente avisado e também não estava conotada com o poder local.

Assim sendo, dirigi-me directamente aos estabelecimentos onde entrevistei comerciantes, proprietários de empreendimentos turísticos e turistas. Na rua abordei pessoas anónimas, turistas e moradores.

De uma maneira geral, o trabalho correu bem, mas foi muito mais fácil dentro dos estabelecimentos do que na rua, pelo ambiente protegido que ali era proporcionado, pelas condições e conforto e pela disponibilidade que as pessoas tinham para responder às minhas questões. Na rua, as principais dificuldades estavam relacionadas com a minha timidez em abordar desconhecidos, agravada por algumas recusas em responder. A coragem veio de algumas colaborações mais efusivas e de pessoas mais disponíveis. Tendo ficado ainda 2 entrevistas a turistas e 3 a populares por fazer, decidi ficar por ali e visitar novamente alguns locais, como o Eco-espço do Rexo, onde da última vez pelo adiantado da hora não pude apreciar as pinturas e esculturas naturais que são feitas em árvores, pedras e outros elementos naturais, inseridos num contexto muito acolhedor em prados que ladeiam o rio Arnóia. Visitei pela primeira vez o Museu do Coiro e apercebi-me do dinamismo dos restaurantes explorados no parque etnográfico. Desta vez, a impressão que recolhi julgo que posso classificá-la de mais amadurecida, de olhar atento e visão mais neutra e reflectida, tentei captar as opiniões e sentimentos dos habitantes de Allariz e de quem, não vivendo lá, ali faz vida, desenvolvendo o seu negócio. Há de facto oportunidades em Allariz, mas será que são para quem ali nasceu? Não serão os novos postos de trabalho ali criados mais direccionados para quadros técnicos, para quem tem dinheiro para investir ou para quem quer um estilo de vida “alternativo”? São feitos de facto esforços para dinamizar o meio rural, mas os problemas estruturais não são de tal maneira fortes que já não se resolvem com políticas sectoriais?

12/03/2010

Mais uma vez me dirigi a Allariz para realizar as 5 entrevistas que faltam (não contando a da Sra. Cristina Cid, já que dado todos os desencontros e dificuldades em encontrar-nos, ficou decidido ser feita através da internet).

O tempo neste dia não ajudou, uma vez que chovia, no entanto, aproveitei para entrar nalguns cafés e conversar um pouco com alguns ocupantes, normalmente escolhendo aqueles que tinham menos pessoas para proporcionar mais intimidar. Uma vez que os temas de conversa normalmente extravasavam em muito os temas do estudo, registo apenas algumas informações importantes:

- há um sentimento de que a população está envelhecida e que o dinamismo vem de fora, pessoas que aproveitam oportunidades de negócio em Allariz

- identifica-se crescimento e desenvolvimento com “tornar-se cidade” e que tenha condições de competir com Ourense
- há um sentimento de pertença e de identificação local muito forte, com muito orgulho, quer nas tradições, quer na história recente.

4- DESENHO DAS ENTREVISTAS

Pergunta Central da Investigação:

De que modo o TER pode ser factor de desenvolvimento local em espaço rural?

Perguntas de Teoria:

- O que se entende por espaço rural?
- Qual a sua relação com o espaço opoente, o espaço urbano?
- Como interpretar os limites (ou o seu esmorecimento) no contexto sociológico actual (relações urbano/rural, visões e interdependências)?
- Qual a definição e o âmbito do desenvolvimento local?
- O que se entende por TER?
- Qual o impacto do TER no espaço rural?
- De que forma o TER pode ser potenciado para gerar desenvolvimento local?

Hipóteses:

O TER produzirá desenvolvimento se for capaz de:

- apostar nas PESSOAS, potenciando a sua formação, participação e empowerment
- contribuir para a diversificação das actividades económicas (pluri-actividade e pluri-rendimento)
- preservar a natureza
- investir no património (incluindo a vertente da interculturalidade)
- proporcionar novas formas de relacionamento rural-urbano, privilegiando parcerias e respostas integradas

Entrevistas

- Responsável pelo Turismo (1)
 1. Qual o peso do turismo no dinamismo económico e social de Allariz?
 2. Qual o número de empresas criadas e o seu impacto na criação de emprego?

3. O TER potenciou a criação de outras actividades económicas? De que modo?
4. Qual a relação do turismo com a preservação da natureza?
5. O turismo esteve na origem ou foi consequência da preservação do património?
6. Há melhoria da qualidade de vida das pessoas de Allariz?
7. O desenvolvimento rural tem de passar sempre pelo turismo?

- Autarca (1)

1. Houve um processo de mudança em Allariz. Quando teve origem?

Quais os factores que estiveram na sua origem?

2. Qual o papel do Turismo para a preservação do património?
3. Qual o seu impacto na natureza?
4. Em que é que consiste o modelo de desenvolvimento de Allariz?
5. Quais os seus resultados mais visíveis?
6. Quais as políticas mais importantes para esse desenvolvimento

(preservação da natureza e património, sociais etc)?

7. Allariz atrai exclusivamente turistas ou há habitantes de localidades vizinhas que aqui trabalhem ou utilizem os vossos equipamentos?

8. Qual é o grau de participação dos habitantes de Allariz nas dinâmicas territoriais?

Responsável de Associação ou Fundação

1. Considera ter acontecido um fenómeno de desenvolvimento local em Allariz? Porquê?
2. O que esteve na origem desse processo?
3. Quais foram as bases desse desenvolvimento?
4. O turismo foi a causa ou consequência desse processo?
5. O património foi fundamental nesse processo?
6. A natureza sai beneficiada ou prejudicada?
7. As pessoas tiveram um papel importante na definição do destino da comunidade? De que modo?

8. Considera que Allariz aspira a ser considerada cidade ou meio urbano, deixando o seu cariz rural?
- Proprietários de TER (2)
 1. Quando e como começou esta actividade?
 2. Que incentivos recebeu?
 3. Quais os seus resultados e impactos na comunidade de Allariz?
 4. Que apostas são feitas nas pessoas de Allariz em termos de formação e emprego?
 5. Considera que o património é a base desta actividade?
 6. Qual a ligação do turismo com a natureza?
 7. Que parcerias existem? Qual a sua importância?
 8. O facto de se situar numa comunidade rural é uma mais-valia?
 9. De que forma considera que o turismo pode ser uma solução para o meio rural?

 - Proprietários de comércio (3)
 1. Qual o peso do TER para o sucesso da sua actividade?
 2. Tem alguma parceria com estabelecimentos de turismo?
 3. Julga que a afluência de turistas possibilitou a diversificação das fontes de rendimentos das famílias?
 4. Considera que o modelo de desenvolvimento de Allariz é sustentável?
 5. O facto de se situar em meio rural é uma vantagem ou desvantagem?
 6. Que sugestões ou propostas apresenta para Allariz?

 - Populares (5)
 1. Gosta de viver em Allariz? Considera haver qualidade de vida?
 2. Quais são as principais mais-valias de Allariz?
 3. O que é que potenciou o desenvolvimento de Allariz?
 4. Os populares têm oportunidade de dar a sua opinião sobre os destinos da localidade?

5. Julga que Allariz tem tudo o que precisa ou sente necessidade de ir frequentemente a cidades vizinhas?

- Turistas (3)

1. Qual a sua impressão de Allariz?

2. Porque é que escolheu este destino?

3. Quais os seus principais atractivos?

4. Se Allariz crescer mais e se transformar numa cidade continua a ser atractivo para si?

5- ANÁLISE DOS DADOS

Aposta nas Pessoas

	Formação	Emprego	Associações	Participação	Demografia/Empowerment	Qualidade de vida
Diário Campo					<p>- Das pessoas que fomos encontrando pelas ruas, parecia haver mais forasteiros do que pessoas da terra, ainda assim cruzámo-nos com jovens e crianças, mas principalmente adultos e idosos.</p> <p>- Em 2004 havia 31 crianças na escola, actualmente há 90;</p> <p>- Há de facto oportunidades em Allariz, mas será que são para quem ali nasceu? Não serão os novos postos de trabalho ali criados mais direccionados para quadros técnicos, para quem tem dinheiro para investir ou para quem quer um estilo de vida “alternativo”? São feitos de facto esforços para dinamizar o meio rural, mas os problemas estruturais não são de tal maneira fortes que já não se resolvem com políticas sectoriais?</p>	<p>- Têm desenvolvido também programas de apoio a cidadãos com deficiências: 2 lojas do outlet serão geridas por deficientes e vai abrir uma loja de moda toda vocacionada para cegos. Esses cidadãos estão envolvidos num projecto de recolha de óleo doméstico e na organização do festival de jardins;</p> <p>- não querem ter museus sem vida, mas antes atrair população, fazem reconstituições da vida rural, antes de mais para os próprios habitantes: sementeiras, malhadas, colheitas, matança do porco, etc;</p>
ENT 1 MORADOR		Há muito (emprego), há um complexo industrial que emprega 600 a 700 trabalhadores			Mesmo assim há aqui pouca gente. Aqui a maior parte das pessoas, mesmo nesse complexo, são advogados, engenheiros e outros técnicos superiores.	Há qualidade de vida Gosto de viver aqui, porque esta terra está muito bonita e bem organizada
ENT 2 TURISTAS						
ENT 3 MORADOR	Sim, há formação	É um povo pequeno com 5000 habitantes, para o povo que é acho que há qualidade de vida. Há serviços suficientes, mas o mesmo não se passa com o		Toda a gente tem essa possibilidade (de expor as suas ideias e de participar na vida política e social),	Não creio que a vida seja difícil para os jovens, pelo menos não mais do que noutros sítios porque têm as mesmas oportunidades aqui que teriam em qualquer outro lugar	É um povo pequeno com 5000 habitantes, para o povo que é acho que há qualidade de vida. Há serviços suficientes, mas o mesmo não se passa com o emprego que

		emprego que necessitávamos		mas... a vida política em Allariz está centrada num único partido há muito tempo. Na vida social sim, podes participar tranquilamente, expondo as tuas ideias sem problema nenhum		necessitávamos
ENT 4 MORADOR		Aqui há muito pouco futuro porque não há industria nenhuma, aqui vivem todos do turismo mas de um certo turismo. As pessoas vêm no verão mas no inverno nem sequer há turismo, ou seja, Allariz desenvolveu-se um pouco no comercio e nada mais				vivo aqui há um ano e ainda não me sinto integrado. Ainda não conheço quase ninguém
ENT 5 MORADOR		Tem-se feito muita coisa. Este alcaide que está agora, o BLOCO, tem dado muita vida e trabalho. Desde há 15 anos para cá tem-se feito por aqui muito			Os deste contorno aqui de Allariz quase todos, naquela altura, tiveram que sair, vender as suas casinhas e rumar à Alemanha e Suíça e para o país Basco foi a maioria. Isso sim, naquela altura não houve outro remédio. Ainda agora, essas pessoas que tiveram que vender as suas casas, vender tudo, para terem dinheiro para um apartamento lá no país Basco agora voltam e são elas que estão a comprar os apartamentos aqui em Allariz para virem morrer à terra onde nasceram	
ENT 6 TURISTAS						Já conhecíamos mas sim, estamos a gostar

<p>ENT 7 COMÉRCIO</p>		<p>Relativamente ao trabalho, aqui é complicado trabalhar-se. Aqui não há postos de trabalho. Ou há um empreendedor que monte o seu próprio negócio ou então não tem grandes oportunidades. O complexo industrial é muito pequeno. As pessoas de Allariz muitas vezes têm de imigrar para outros sítios. O trabalho aqui é complicado. Normalmente as pessoas que se instalam aqui vêm de fora e depois os postos de trabalho que aqui existem são empresas muito pequeninas de cerca de 10 trabalhadores, são PME's. Há um outro complexo industrial um bocadinho maior que tem muita gente que trabalha lá e vive em Allariz porque tem mais qualidade de vida do que em Ourense.</p>	<p>Há aqui uma associação de artesãos e comerciantes à qual nós pertencemos</p>	<p>Nós não temos nada a ver com o modelo político de Allariz. Nós aproveitámos um protocolo do FEDER do fundo social europeu de recuperação dos cascos históricos. De resto, nada temos a ver com o modelo político a nível empresarial</p>		<p>Eu acho que está muito bem em todos os aspectos. Há boa qualidade de vida. Com certeza que há determinadas coisas que terão de se afinar, mas em termos gerais acho que está bem. Há piscina climatizada, centro médico... se bem que nesse tema da saúde havia que fazer mais coisas. Hoje Allariz precisa dum centro de saúde maior. Há aqui muitos idosos o que é um problema geral, não só daqui. Se bem que isto não é uma questão municipal, mas sim da Junta da Galiza.</p>
<p>ENT 8 COMÉRCIO</p>					<p>Temos crescimento demográfico</p>	<p>Temos de saber conservar o que está feito e seguir em frente. O que se fez para trás não pode morrer. Se há uma rota pedestre tem de ser mantida, um campo de golfe tem de ser conservado... tem de se seguir na mesma linha outros 20 anos</p> <p>O facto de se situar em meio rural é uma vantagem. Primeiro tem de haver uma série de qualidades. Tem todos os serviços que tem uma grande cidade, mas tem uma melhor qualidade de vida</p>

<p>ENT 9 COMÉRCIO</p>		<p>Isso permite que mais pessoas vivam aqui e que tenham emprego e assim Allariz vá crescendo. Cada vez há mais lojas, mais coisas para as pessoas que habitualmente vivem aqui</p>			<p>Eu não sou daqui, moro aqui há 2 anos e a população está a crescer. Noto essa diferença desde que moro cá.</p>	<p>Eu acho que este é um modelo de desenvolvimento sustentável. O Concelho fez várias coisas dedicando-se às crianças, à juventude, a tudo o que sejam serviços, não só ao comércio em si, mas mais serviços que ajudam a que as pessoas se fixem aqui. Possibilitam qualidade de vida às pessoas</p>
<p>ENT 10 MEMBRO FUNDAÇÃO/ RESPONSÁVEL POLÍTICO</p>	<p>Temos uma Escola Municipal de Cesteria. Há um mestre que organiza actividades de formação com um cariz mais profissional, digamos, mas por outro lado, faz actividades giratórias nos povos para que as pessoas vão até ali fazer os seus cestos. Há ateliês de pintura. Há um grande rebanho criado com recursos a novas tecnologias que pretende ser um incentivo e centro de formação a criadores de gado locais.</p>	<p>O Museu do Couro tem uma parte de museu que se restaurou dentro do Parque Etnográfico do Rio Arnóia e depois tem uma parte de exploração que é um restaurante, feita por um privado. O Concelho, depois do restauro, em vez de ter o edifício fechado, o que faz é lançar um licitação pública com as condições para que as pessoas possam concorrer e isso gera postos de trabalho e serviços.</p>	<p>Por exemplo aqui há 22 locais sociais, o que supõe 22 associações de vizinhos, há associação de mulheres, há associações juvenis. O que se passa é que ainda assim – mas é um problema do país- o movimento associativo é complicado, há por exemplo clubes de basquetebol, de canoagem, de futebol. Fomentamos que isso exista, também de certo modo porque o Concelho não pode assumir tudo. O Concelho é como guia, o que está na rectaguarda e depois há associações como a ANDREA, a associação dos burros, estamos a ajudá-los a começar, nós não queremos tutorizá-los para sempre. A associação Xan de Arzua, que é quem gere a festa do boi, essa actividade nos 7 dias que decorre em Allariz, tudo o que é hotelaria factura imenso, os bares nem precisavam de trabalhar mais em todo o ano... e esta associação, que é autónoma (o concelho apoia a celebração desta festa, mas...</p>	<p>Esta com pinta de tola é a que trabalha com as mulheres em meio rural (tom de brincadeira e à vontade). No primeiro dia que a viram ficaram um pouco assustadas, mas agora já lidam bem. E agora já está muito mais relaxada porque antes levava um piercing aqui (aponta para o queixo). Trabalha com as pessoas mais velhas em temas como a igualdade. Desenvolvia temas de sexualidade.... Agora estão muito contentes com ela. Esse também é um projecto do Concelho. Temos 24 locais sociais e 92 povos, 17 sociais. O local social é uma casa do Concelho, que paga água e luz, dá uma pequena ajuda e</p>	<p>Há pessoas que não eram daqui e que vieram aqui em turismo e que depois ficaram, sobretudo pessoas com profissões liberais que podem trabalhar através do computador. Por exemplo, nos locais sociais está-se a criar uma rede para dar cobertura a serviços telemáticos e dão-se cursos a pessoas seniores, é uma coisa muito engraçada ver um avô, um filho e um neto juntos numa aula de informática para aprenderem internet.</p>	

				<p>organiza actividades, é um tipo de centro cultural, recreativo... mas pequenino. É preciso ter em conta que aqui temos muitos seniores que gostam de passear, quando há actividades pontuais gostam de vir aqui (à sede do Concelho), mas em muitos casos é melhor levar as actividades aos povos. Temos actividades com esta ocupadora, ateliês de memória para pessoas seniores com problemas de Alzheimer, há trabalhos manuais.</p>		
--	--	--	--	--	--	--

<p>ENT 11 ALCAIDE</p>	<p>Nós, nesse sentido, tentámos num sector que pode ser estratégico para Allariz, o da moda, com a comercialização nos Outlets e o sector produtivo, temos parte da produção da Máximo Dutti, acompanhá-lo de formação, com a criação da Escola Superior de Design e Moda, que permite que em cada ano saiam 15 a 20 profissionais num sector que em Allariz tem muito peso. Tentamos a nível da hotelaria complementar a oferta com formação do pessoal. No sector agrícola e pecuário, também é feita formação, com mais dificuldades nalguns casos. Pretendemos agora, para inserção profissional de pessoas com deficiências, ter bons equipamentos educativos. Apostou-se também na educação infantil, primária, secundária e bacharelato, complementadas com actividades culturais várias: plásticas, música, desporto, com propostas de enriquecimento curricular.</p>	<p>Tentou-se complementar a oferta turística com atracção industrial, estabeleceu-se ao longo destes últimos anos uma política muito competitiva de oferta de solo para fins industriais, vendendo lotes a 45E/m2, o que nos permitiu criar 400 postos de trabalho neste momento, em indústrias automóvel, têxtil, empresas locais e uma ordenação territorial que permitiu que essas indústrias tivessem o seu próprio espaço, com as condições adequadas. Fizemos equipamentos em que para que os gastos correntes não fossem muito gravosos para o próprio Concelho e se tornassem sustentáveis, fizeram-se concessões de bares, cafeterias, restaurantes que permitem que os gastos correntes de água, luz, aquecimento, limpezas, etc, sejam assumidos, dando, por outro lado, vida económica a esses espaços e emprego.</p>	<p>É interessante ver que todo este processo começou com as pessoas e há uma grande participação social na vida política. Tentamos que haja um equilíbrio entre estas vertentes, para nós é possível fazer este processo com mais facilidade, pois somos 6000 habitantes, gerou-se massa associativa a nível territorial com as associações de vizinhos, de cariz social e também para realização de actividades municipais. Também nos âmbitos comerciais, artesanais, industriais, de hotelaria, há as associações profissionais para terem interlocução e para fazerem programação.</p>	<p>E então, naqueles aspectos de maior alcance, da nossa parte, fazemos um trabalho mais assembleário, mais aberto, para definir e conhecer a opinião dos moradores, por exemplo, entendemos que é essencial não só ter um bom projecto, mas principalmente que a própria população o sinta como dela. E assim vamos mantendo essa tônica, em projectos como este Allariz 2020 que responde um pouco a essa ideia de que a tua opinião conta e de que é possível fazer uma obra colectiva.</p>	<p>Havia 10.000 habitantes nos anos 30, 9.000 nos anos 60, tendo chegado aos 5000 e agora voltamos a crescer, estamos a chegar aos 6000, felizmente, com uma recuperação de crianças importante, foi a oferta de equipamentos muito potente para um Concelho de 6.000 habitantes: piscina climatizada, cidade desportiva, escolas infantis, lar de idosos, parques públicos... tudo isto proporciona qualidade de vida, complementada com este desenho urbanístico equilibrado, espaços públicos, equipamentos e possibilidade de construção de casas</p>	
---------------------------	---	---	--	--	---	--

ENT 12 PROP. EST. TURÍSTICO		Além de termos criado auto-emprego para nós mesmos, também é verdade que consumimos produtos locais e cria-se uma espécie de efeito espelho, os demais também nos afectam a nós.				
ENT 13 PROP. EST. TURÍSTICO	a nossa cozinheira tem um curso profissional e eu próprio que faço a recepção das pessoas e gestão do estabelecimento tirei um curso de informática porque hoje em dia ter uma boa página na internet e saber gerir as reservas online faz muita diferença	Nós empregamos aqui 4 pessoas, pode parecer pouco, mas são oportunidades e veja o número de casas rurais, restaurantes e hotéis que há aqui. Acho que tem um certo peso.		Estive na Exposição 2020, gostei de ver a evolução desta terra e da maneira que encontraram para saberem o que o povo quer		
ENT 14 MORADOR				eles têm agido de acordo com a vontade das pessoas que os elegem, de outro modo não ficariam tanto tempo no poder.	Precisava era de mais gente, se calhar.	gosto de viver aqui, onde sempre vivi e gostava que os meus filhos cá ficassem
ENT 15 TURISTA						

SÍNTESE	<p>Formação profissional: texteis/moda, hotelaria e turismo e agrícola/pecuário</p> <p>Formação/Integração pessoas com deficiência</p> <p>Formação/Educação escolar</p>	<p>Auto-emprego;</p> <p>Complementariedade entre turismo e indústria (400 postos de trabalho);</p> <p>Concessão de espaços públicos para exploração privada</p> <p>Serviços</p> <p>Habitantes: há quem não concorde que haja empregos, “penso que a indústria não tem dinamismo e o turismo está dependente de empreendedores”</p>	<p>Associações de vizinhos;</p> <p>Assoc. cariz social;</p> <p>Associações culturais e para realização activ. Municipais;</p> <p>Ass. Profissionais;</p> <p>Há um interesse do poder local nestas associações pela complementaridade e por assumirem algumas tarefas como a festa do boi. O concelho ajuda no lançamento das mesmas, tentando que depois se autonomizem</p> <p>Falta parcerias com sector social</p>	<p>O conceito de "participação" não é muito claro para a população, que o confunde com intromissão na vida política ou com liberdade de expressão;</p> <p>Há projectos específicos que visam o empowerment de pessoas mais desfavorecidas;</p> <p>discurso correcto do alcaide, referindo o Allariz 2020</p>	<p>crescimento demográfico;</p> <p>atração de novos residentes;</p> <p>aumento de crianças</p>	<p>opinião geral dos habitantes: há qualidade de vida: pelos serviços como piscina climatizada, escolas, comércio e preservação do património e natureza. Aspectos muito referidos, a tranquilidade e acessibilidades.</p> <p>De destacar as condições criadas para os cidadãos com deficiência</p>
---------	---	--	--	--	--	---

Diversificação Económica

	Peso do Turismo	Actividades Potenciadas/Diversificação Rendimentos	Parcerias
Diário Campo	Organizam o festival de Outono, que é uma oportunidade de escoamento de produtos locais, mas precisam ainda de novas estratégias de comercialização	<p>São demandadas soluções integradas, o turismo não é visto como desenvolvimento por si só, tenta-se antes dinamizar outros sectores, nomeadamente a agricultura e o artesanato. O sector agrícola é vítima de uma forte desvalorização social e cultural (ao contrário de outras regiões de Espanha), o Concelho tem um rebanho e teve dificuldade em encontrar um pastor, apesar de o salário e as condições serem aliciantes, actualmente a pessoa que ocupa esse cargo é estrangeira; têm produzido uma marca de queijo já comercializada em 3 grandes superfícies da Galiza. Têm apostado também na cestaria, licores e planeiam organizar para breve um festival de jardins, à semelhança do que se passa em Ponte de Lima; - está já criada uma imagem de marca, através de trabalho feito e reconhecido no âmbito do turismo;</p> <p>Tendo-me dirigido ali com alguns familiares, procurámos um sítio para fazer um piquenique. Estacionámos facilmente o carro e começámos a passear ao longo do parque que contorna o rio, a Oficina do Turismo estava aberta, dirigi-me lá e fiz várias questões, sempre anonimamente, senti acolhimento e interesse, contudo, quando questionei acerca de uma parque de merendas para fazer um piquenique, fui informada que não havia, mas que podíamos procurar um banco de jardim ao longo do rio. Foi o que fizemos e acabámos por almoçar tendo como cenário uma ponte romana, no meio de verde e de água.</p> <p>- estratégia turística de qualidade, não se quer atrair um turista pobre, mas alguém que consuma e deixe dinheiro. Por isso é que não há parque de merendas, os restaurantes não são muito económicos e os empreendimentos têm um alto nível de qualidade;</p> <p>- sabe-se que o turista actual é multi-consumidor e por isso criam-se respostas para essas procuras, como por exemplo o outlet;</p> <p>-há um pensamento a médio e longo prazo e uma articulação de objectivos. Organizam-se eventos e formações, não tanto pelo valor implícito dessas iniciativas, mas porque se sabe que essas iniciativas são formas de divulgação e atracção de pessoas: publicidade de boca em boca; “é verdade que fomos e somos hospitaleiros, no entanto também temos que consciência de que não se trata de uma hospitalidade gratuita, mas sim estratégica, pois é nosso interesse que as pessoas venham, conheçam, gostem e divulguem, é a nossa melhor publicidade!”</p>	
ENT 1 MORADOR			
ENT 2 TURISTAS	Não é a primeira vez que visitamos Allariz, somos de Ourense e vimos aqui muitas vezes, almoçar e passear. Se estiver um dia bonito vimos até aqui, principalmente no verão. Algumas vezes quando vimos almoçar também damos uma volta pelas lojas.		

ENT 3 MORADOR	Há um desenvolvimento económico importante e nesse sentido pode-se considerar que é uma terra bastante avançada para a população que tem		
ENT 4 MORADOR			
ENT 5 MORADOR		Bem, temos aí um complexo industrial e vai-se fazer outro, mas o que se passa é que as pessoas que vieram aí investir trouxeram os trabalhadores de fora. Então, há muita gente aqui, mas eles vieram com gentinha das suas terras. Aqui há muitos bares e muitos boémios	
ENT 6 TURISTAS			
ENT 7 COMÉRCIO	75% porque tudo o que fazemos é escoado pelo turismo	Trabalha-se muito por temporadas. Não é só isto porque nós também trabalhamos lá fora. Vendemos peças para outras lojas. Isto é um atelier de artesanato da Galiza que está em Allariz, mas podia estar em qualquer outro povo de qualquer outra cidade o casco velho está muito melhorado. As pessoas que vinham, apareciam só no verão e no resto do ano não aparecia ninguém. Tudo isso se deveu a um momento de regeneração política, tomaram o poder e houve uma revolução. A partir daí criou-se uma dinâmica de trabalho, implicou-se muita gente de fora e criou isso que vês, uma grande mudança. Conheço isto dede há 40 anos e de 20 anos a esta parte isto é outra coisa. Dantes era um povo morto. No casco via-se sair um velhinho e a espreitar e mais ninguém. No inverno estava abandonado, não havia bares , não havia nada e depois no verão os imigrantes davam vida a isto, mas era só durante 1 mês. Isto não é um sitio de costa. Aqui é um turismo rural, um turismo de pessoas que têm um nível intelectual mais elevado. Não vêm buscar sol e praia. Procuram a beleza românica, espolio arqueológico, rotas pedestres, é um tipo de turismo que não é massificado. Mesmo o empresário que se dedique a este tipo de turismo arrisca-se muito mais porque na costa o sucesso está assegurado. Aqui é mais complicado, embora a tendência seja de melhoria. E a tendência é que as pessoas tenham mais nível. Se têm um mês de férias não o passam todo no mesmo sitio. Vão uma semana para um sitio, outra semana p outro.. dividem mais. E depois o fundamental é que haja boas vias de comunicação para se chegar aos sítios – boas estradas. E depois quando chegam que gostem e que fiquem e que recomendem a outras pessoas. Tem de haver bons sítios onde comer, onde dormir com um nível médio e alto para chegar a pessoas com mais poder económico mas também da classe média e da classe trabalhadora. Para montar uma estrutura numa terra do interior como esta, é uma questão de tempo para se poder recuperar o investimento. Aqui não há agricultura nem artesãos rurais	Não há nenhuma parceria com estabelecimentos turísticos. Tu fazes peças, oferece-las e quem quer compra. Não há nada formal. Há aqui uma associação de artesãos e comerciantes à qual nós pertencemos

ENT 8 COMÉRCIO	Quase de 90%. É um motor económico daqui. Prova disso é a oferta de vários restaurantes, cafés, actividades de lazer, passeios, etc. Allariz é uma vila de 5000 habitantes	Allariz era um povo completamente morto, não havia nada. Dantes vinha aqui com os meus pais e isto parecia o 3º mundo. Com o investimento no turismo isto andou paera a frente. Temos crescimento demográfico, temos uma série de festas todos os anos desde há uns 15 ou 20 anos com este modelo de desenvolvimento rural há um trabalho positivo que tem sido feito. Há um rebanho comunitário, mas não há gente. Há uma cultura hippy de trabalho de campo, artesanato e tal, mas isso é muito bonito nos papéis. Mas aqui não há nada. Há um senhor que faz cerâmica, mas dá aulas em Ourense. Não vive disso. Claro que o Concelho gostaria que as aldeias se desenvolvessem, mas isso é muito difícil. O que existe é tudo financiado. Enquanto se tem o financiamento europeu ou alguém por trás aguenta-se, mas não são projectos auto-sustentáveis. No Rexo, por exemplo, fazem queijo, mas está o Concelho por trás, uma Fundação, a Junta. No fundo, é um pouco uma escola, mas não é uma empresa	Protocolos escritos não existem, mas existem acordos de palavra. Todos nos apoiamos em tudo. Se há um hotel com muitos hóspedes encaminha-os para restaurantes, bares, etc
ENT 9 COMÉRCIO	Eu quase diria que cerca de 80% do sucesso é devido ao turismo. Ajuda muito existir este casco histórico. Há por um lado o turista que vem ver para ver o casco histórico e depois aproveita para deambular pelas lojas	Há muitos rendimentos que estão relacionados com o turismo. Há muitas lojas que abriram e vivem do turismo. Há muita gente que aluga lojas. Há muitos negócios de padaria, pastelaria e outros tipos de negócios.	Não há nenhuma parceria com estabelecimentos turísticos. Esta loja é também mais ou menos recente, tem apenas 7 meses. Ainda estamos de alguma forma a começar.
ENT 10 MEMBRO FUNDAÇÃO/ O/ RESPONSÁVEL MEIO AMBIENTE	Atraímos aqui para Allariz investimos de grandes potencias económicas, nomeadamente o grupo AC hotels, que montou um hotel e SPA de grande qualidade aqui. E porque escolheu ele Allariz? Evidentemente se não houvesse todo o trabalho de trás, ele nunca teria investido aqui. Quando começámos todo este processo de urbanismo, de manter a traça original, também já tínhamos em vista o turismo.		Nós queríamos orientá-lo para Turismo, Escola de Hotelaria e aqui atrás haveria um projecto europeu, que se chama restauro, em toda a Espanha só há algo parecido em Pamplona, que era para formar arquitectos, técnicos, encarregados de obra em temas de restauração. E depois uma escola de cantaria. O problema é que a Junta anterior estava de acordo connosco em relação a este projecto, mas a actual não e agora só há uma pessoa encarregada de não deixar cair o edificio. apostamos muito nestas parcerias público-privado. Há aqui o Centro Cívico A Fábrica, que é uma cafeteria onde está a Escola Municipal de Canoagem e há uma sala de exposições na parte de cima para exposições culturais. Depois há a Casa-Museu de Vilanueva que também é uma antiga

			<p>fábrica de couro, restaurada pelo Conselho e que funciona agora como restaurante privado. Há ainda a Torre Lombarda, que é uma antiga construção medieval restaurada, onde funcionam restaurantes e estalagem. Aqui no casco, o edifício em frente a onde estivemos a tomar café, é um antigo paço, uma casa forte, a parte de baixo é uma cafeteria, também através de licitação após a termos restaurado e em cima funcionará um Museu do Têxtil. Não queremos contentar-nos com o que já temos, mas procurar sempre mais. Ir inovando, buscando novas respostas.</p>
<p>ENT 11 ALCAIDE</p>	<p>Juntamente com esta planificação, estabeleceu-se o plano especial do casco histórico, com as questões jurídicas relativamente ao que se pode fazer em cada imóvel, que permite que o Concelho, através de parcerias urbanísticas, leve a cabo importantes edificações de uso social e isso é uma parte que se complementa com instrumentos para levar a cabo o turismo, basta ver que em Allariz não havia um restaurante, um equipamento hoteleiro, um sector de serviços que pudesse significar a oportunidade de criar uma dinamização económica e então criou-se uma empresa municipal: REATUR, foi o próprio Concelho que numa fase inicial criou as bases para que a iniciativa privada pudesse apostar, ver que era viável, conhecer a povoação e a possibilidade de investir. Criou-se o parque de campismo e de hipismo, casas de turismo rural municipais, um pouco nesta perspectiva, junto com esta rede museística e também tentando diversificar. Posteriormente, pôs-se em marcha outro projecto muito inovador, que foi o projecto de Outlets, gerido também por uma empresa municipal, permitindo que o casco organizasse um atractivo económico comercial potente, o que permite também sinergias com o resto da actividade comercial: hotelaria, restaurantes, etc. o Concelho lançou as bases para que agora seja potenciada a iniciativa</p>	<p>O modelo alternativo era baseado na valorização dos recursos que se prendem com o nosso património histórico e artístico, ambiental e situação geográfica. Dado que não existia nenhum projecto antes de âmbito público ou privado, fez-se um programa importante a nível municipal que pretendia em primeiro lugar planear e programar a organização territorial, a planificação urbanística que não existia, libertando todos os espaços junto ao rio, as antigas construções que o Concelho pôde valorizar. Foram então aproveitados os recursos ambientais e etnográficos, através da sua recuperação. Então como elemento fundamental do desenho do modelo que queríamos para Allariz colocámos em primeiro lugar a ordenação territorial, tendo o rio como um elemento importante, sendo que as construções aí existentes e que eram bases da economia anterior, como moinhos e fábricas, foram transformadas em espaços de lazer, mas também de actividade económica, com imaginação nalguns casos, porque fizemos equipamentos em que para que os gastos correntes não fossem muito gravosos para o próprio Concelho e se tornassem sustentáveis, fizeram-se concessões de bares, cafeterias, restaurantes que permitem que os gastos correntes de água, luz, aquecimento, limpezas, etc, sejam assumidos, dando, por outro lado, vida económica a esses espaços e emprego. O parque etnográfico que foi desde sempre um elemento importante de atracção para Allariz recebeu mais de 50.000 pessoas no último ano, pagando um euro de entrada cada uma. Na última semana santa foram 3.000 e picos as que entraram. Só no Museu do Xogete no Verão passado entraram 700 visitas. Para nós, esta linha é de continuação, com a abertura do Museu de Arte Sacra, da Fundação Vicente Risco e agora com o Centro de Interpretação da Idade Média. Isto sempre na perspectiva não só de recuperação arquitectónica e estética, mas também económica e social, pelo seu património imaterial também. A festa do bói, por exemplo, é um bom exemplo dessa recuperação com essa perspectiva.</p>	<p>Juntamente com esta planificação, estabeleceu-se o plano especial do casco histórico, com as questões jurídicas relativamente ao que se pode fazer em cada imóvel, que permite que o Concelho, através de parcerias urbanísticas, leve a cabo importantes edificações de uso social e isso é uma parte que se complementa com instrumentos para levar a cabo o turismo, basta ver que em Allariz não havia um restaurante, um equipamento hoteleiro, um sector de serviços que pudesse significar a oportunidade de criar uma dinamização económica e então criou-se uma empresa municipal: REATUR, foi o próprio Concelho que numa fase inicial criou as bases para que a iniciativa privada pudesse apostar, ver que era viável, conhecer a povoação e a possibilidade de investir.</p>

	<p>privada, deixando investimentos importantes, na construção, no sector dos serviços, etc...Tentou-se complementar a oferta turística com atracção industrial, estabeleceu-se ao longo destes últimos anos uma política muito competitiva de oferta de solo para fins industriais, vendendo lotes a 45E/m2, o que nos permitiu criar 400 postos de trabalho neste momento, em indústrias automóvel, têxtil, empresas locais e uma ordenação territorial que permitiu que essas indústrias tivessem o seu próprio espaço, com as condições adequadas. No sector da construção, outro elemento importante para ganhar demografia e o que é mais complexo e um pouco mais dificultoso para nós é tentar que o sector primário: agrícola, pecuário, florestal não morra. Allariz tem 90 núcleos de povoação, 85 Km2 e, portanto, há necessidade também de que o parque habitacional e os povos com muito potencial atractivo tenham vida. Para isso, colocámos em marcha experiências através de uma empresa pública municipal e com colaboração de algumas fundações para, no Monte de PenaMal, para recuperação de criação de gados, com raças autóctones. Investiu-se numa queijaria, no Rexo, onde se faz desde pastoreio à produção do queijo, investindo na dinamização económica desses espaços. Houve inicialmente um programa público de incentivo à vitalização comercial, que permitia alugueres muito mais vantajosos para os artesãos que se instalaram inicialmente.</p>		
<p>ENT 12 PROP. EST. TURÍSTIC O</p>	<p>A taxa de ocupação é muito boa, evidentemente que na época baixa não temos os mesmos lucros, mas na época alta compensa. Temos hóspedes todo o ano e costumamos estabelecer uma relação simpática com eles, normalmente vêm e voltam, porque criamos laços, apostamos na proximidade, em qualidade, mas também numa relação de confiança, de modo a cativar e fixar os nossos clientes</p>		

ENT 13 PROP. EST. TURÍSTIC O			Nós não temos restaurante aqui. Há empresas que fornecem esse serviço e nós fixamo-nos mais na hospedagem, mas encaminhamos as pessoas para restaurantes com os quais temos acordos. Essas parcerias funcionam não só a nível de restauração, mas também de venda de produtos locais, como queijos. DEpois também parcerias para visitas guiadas, ao EcoEspaço do REXO, por exemplo. Incluimos também essas visitas dentro da nossa oferta.
ENT 14 MORADOR			
ENT 15 TURISTA			
SÍNTESE	escoamento de produtos; restauração; comércio; 80% peso economia local; turismo de qualidade; articulação de estratégias turísticas com preservação do património	Estratégia turística de qualidade: atracção de grandes investimentos; escolha do público-alvo	Normalmente, não há parcerias formais, mas há acordos de palavra entre estabelecimentos; existem acordos entre os sectores público-privado, exploração hoteleira e público-social, Fundações

PRESERVAÇÃO DA NATUREZA

	Iniciativas de Preservação da Natureza	Projectos específicos	Impacto TER na Natureza
Diário Campo	Valorização ambiental, foi criado um parque industrial que permitiu melhorar a qualidade dos empreendimentos e ao mesmo tempo torná-los mais competitivos.	<p>Visita ao Centro Ecológico : o Rexo</p> <p>Para além das entrevistas recolhidas, conversas informais no café e visitas guiadas pela vila, nomeadamente a empreendimentos turísticos, que nos permitiu atestar a qualidade dos mesmos, tive ainda oportunidade de visitar o Eco-Espaço do Rexo.</p> <p>Essa visita foi proporcionada pelo Conselheiro do Meio Ambiente, Sr. Bernardo, pelo caminho fez questão de mostrar vários aspectos significativos para este estudo, nomeadamente investimentos feitos nas aldeias por onde passávamos e património habitacional recuperado por privados, com ajudas públicas, nomeadamente isenção de custos de licenciamento.</p> <p>No Eco-espço, começou por falar do projecto ANDREA, onde são feitas terapias com burros e se estuda também a possibilidade de aproveitar o leite de burra para fins estéticos e não só.</p> <p>Apresentou depois um projecto de auto-suficiência energética, que passa por uma mini-hidráulica naquele complexo do Rexo, na transformação de biomassa e aproveitamento da energia solar. Nesse sítio havia um trabalhador (à hora que nós fomos, cerca das 18h) que estava a tratar sobretudo de questões administrativas.</p> <p>Nesse mesmo complexo funciona um projecto de Educação Ambiental, recebendo grupos de crianças e jovens sobretudo em idade escolar, é-lhes proporcionado contacto com a agricultura, criação de gado, produção energética e dadas noções de protecção ambiental.</p> <p>Por fim, tive ainda oportunidade de ver a queijaria e o rebanho de ovelhas, que têm como objectivo formar empreendedores rurais: agrícolas e silvo-pastoris. As condições materiais pareceram-me bastante modernizadas, embora fosse um projecto com dimensões limitadas (pouco mais de uma centena de cabeças de gado). Além do queijo de ovelha, são também produzidas compotas e outros produtos de marca local.</p>	A beleza do local é inquestionável, com o rio como pano de fundo, contornando a vila, que pelos seus traços medievais forma um cenário muito aprazível.
ENT 1 MORADOR			
ENT 2 TURISTAS			Sim, o meio rural, com a sua envolvente natural, torna-se um atractivo de Allariz; no verão costumamos vir banhar-nos no rio. Às piscinas menos, mas ao rio sim. Às vezes vimos com amigos. É tranquilo para passear, deixa-se o carro e anda-se a pé. Pode-se ir a todo o lado a pé.

ENT 3 MORADOR			
ENT 4 MORADOR			
ENT 5 MORADOR			
ENT 6 TURISTAS			<p>Sim, claro que a natureza é uma vantagem. Estamos mais relaxados e nesta época preferimos o meio rural. Quando há sol vai-se à praia e quando não há visitam-se todos estes lugares</p> <p>As casas rurais, por exemplo, agora estão muito bem aproveitadas. Na Galiza as casas rurais têm muita aceitação. As pessoas vão e gostam, pelo tranquilidade, por sair da cidade, pelo contacto com os animais, pelo descanso</p>
ENT 7 COMÉRCIO		<p>Aqui não há agricultura nem artesãos rurais. Há um rebanho comunitário, mas não há gente. Há uma cultura hippy de trabalho de campo, artesanato e tal, mas isso é muito bonito nos papéis. Mas aqui não há nada. Há um senhor que faz cerâmica, mas dá aulas em Ourense. Não vive disso. Claro que o Concelho gostaria que as aldeias se desenvolvessem, mas isso é muito difícil. O que existe é tudo financiado. Enquanto se tem o financiamento europeu ou alguém por trás aguenta-se, mas não são projectos auto-sustentáveis. No Rexo, por exemplo, fazem queijo, mas está o Concelho por trás, uma Fundação, a Junta. No fundo, é um pouco uma escola, mas não é uma empresa</p>	<p>Sustentável talvez seja no sentido em que não contaminamos a natureza, pagamos os impostos</p>
ENT 8 COMÉRCIO			
ENT 9 COMÉRCIO			<p>A envolvente natural é um aspecto positivo, como está tudo cuidado, por exemplo as margens do rio, as ruas... nas épocas de verão, férias ou semana santa vem sempre muita gente. No inverno já não, está tudo mais parado, mas ao fim de semana há mais gente. Por isso todo o comércio abre aos sábados e domingos.</p>
ENT 10 MEMBRO FUNDAÇÃO/ RESPONSÁVEL MEIO		<p>Rexo... é o Centro de Educação Ambiental. A Escola Silvo-Pastoril é sobretudo para ensinar aos criadores de gado as técnicas básicas de manejo e de criação de ovelhas. A queijaria funciona numa casa de pedra restaurada. Depois há o Centro de Energias Renováveis que foi feito de novo por critérios de sustentabilidade ambiental.</p>	

AMBIENTE			
ENT 11 ALCAIDE		Juntamente com esta planificação, estabeleceu-se o plano especial do casco histórico, com as questões jurídicas relativamente ao que se pode fazer em cada imóvel, que permite que o Concelho, através de parcerias urbanísticas, leve a cabo importantes edificações de uso social e isso é uma parte que se complementa com instrumentos para levar a cabo o turismo, basta ver que em Allariz não havia um restaurante, um equipamento hoteleiro, um sector de serviços que pudesse significar a oportunidade de criar uma dinamização económica e então criou-se uma empresa municipal: REATUR, foi o próprio Concelho que numa fase inicial criou as bases para que a iniciativa privada pudesse apostar, ver que era viável, conhecer a povoação e a possibilidade de investir.	
ENT 12 PROP. EST. TURÍSTICO			Relativamente à localização de Allariz, o facto de ser um meio rural, de ter uma envolvente natural e algum património arquitectónico é uma vantagem. 80% das pessoas que vêm aqui, fazem-no pelo urbanismo, pelo meio ambiente, pela situação de estarmos perto de Ourense. Estarmos no interior que é algo que as pessoas também procuram. O facto de haver uma imagem de marca.
ENT 13 PROP. EST. TURÍSTICO	O cliente quer ser bem servido, ter qualidade no serviço, comer bem, mas também quer passear, ver coisas bonitas e aqui tem essa oportunidade. Allariz pertence à reserva da Biosfera, isso é um grande chamariz		
ENT 14 MORADOR			
ENT 15 TURISTA			
SÍNTESE	Reserva da Biosfera: todo o processo que leva a esta acreditação é uma aposta clara na preservação da natureza	Eco-espço do Rexo: potencialidades enquanto centro de educação ambiental e ecológica; potencialidades económicas desacreditadas	natureza dinamiza o turismo, efeitos contrários não conhecidos

CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

	Cultura	Políticas de Preservação do Património	Papel TER
Diário Campo	o Eco-espço do Rexo, onde da última vez pelo adiantado da hora não pude apreciar as pinturas e esculturas naturais que são feitas em árvores, pedras e outros elementos naturais, inseridos num contexto muito acolhedor em prados que ladeiam o rio Arnóia. Visitei pela primeira vez o Museu do Coiro e apercebi-me do dinamismo dos restaurantes explorados no parque etnográfico.	O passeio pela vila foi muito interessante, havia gente nas ruas a animação, muitos edifícios, museus, igrejas e outros edifícios para visitar. Só o castelo se revelou uma desilusão na medida em que não existia. Subimos ao sítio onde existiu em tempos e não havendo agora já vestígios da sua existência, deparámo-nos ainda assim com uma vista fantástica do cimo do monte. Quem quiser recuperar uma casa antiga nalgumas das aldeias circundantes têm apoio: não paga despesas de licenciamento	
ENT 1 MORADOR			
ENT 2 TURISTAS			
ENT 3 MORADOR			
ENT 4 MORADOR			
ENT 5 MORADOR			
ENT 6 TURISTAS	É muito importante conservar o que se tem. Pelo menos as coisas antigas devem-se conservar. O que se passa é que os ofícios antigos vão-se perdendo e já não há quem os siga.		A povoação em si que é muito bonito e conserva-se antiga.
ENT 7 COMÉRCIO			Quanto ao casco está muito limpinho dando uma boa imagem. É simbólico estar aqui, pelo casco velho, pelas pessoas, por estar perto duma cidade como Ourense, por estar no caminho de Santiago. Tem várias vantagens. Interessa-nos que esteja sedeadada num sítio histórico. Isto não combina com uma rua de um sítio moderno, não teria muito sentido.
ENT 8 COMÉRCIO			
ENT 9 COMÉRCIO			

<p>ENT 10 MEMBRO FUNDAÇÃO/ RESPONSÁV EL MEIO AMBIENTE</p>		<p>O urbanismo é um ponto-chave. Há duas ou três aberrações nomeadamente um edifício branco que há do lado de lá da ponte sobre o rio e mais algumas coisas desse género, mas de uma maneira geral não se fez nada. A primeira coisa que fez a nova equipa de governo que entrou, através de uma equipa gestora que se constituiu com pessoas de todos os partidos, do anterior governo e algumas daquelas que através de uma luta, como Quintana, estiveram na cadeia. Quando a situação se regularizou toda a gente, à excepção daqueles que era impossível meter no projecto, decidiu o projecto que se devia seguir em frente, ditaram-se as normas subsidiárias de construção que era ter algo que antes não havia: uma normativa urbanista, o que hoje em dia parece uma coisa obsoleta, mas que naquela altura foi revolucionária: não poder edificar a menos de 50 metros do rio, no casco histórico cada edifício tem uma ficha e elaborou-se o plano especial do casco histórico que evitava que se pudesse construir uma casa de um piso quando antes tinha dois. Isto inicialmente gerou muitas resistências ao nível das pessoas porque os construtores diziam que aqui em Allariz nunca se ia construir nada, pelo contrário nunca se construiu tanto em Allariz como agora. No ano de 1994 a União Europeia atribuiu o High Quality Urban, o prémio mais importante a nível do urbanismo e foi o primeiro povo da Espanha a conquistá-lo. Isto também foi um sinal muito importante para a equipa do governo de que estavam a fazer um bom trabalho e elevou a própria auto-estima da comunidade. A partir daí, iniciou-se tudo o que foi trabalho de restauração arquitectónica do casco histórico. É certo que não estão todas as casas recuperadas. Há 20 anos atrás e com ajudas por parte da administração começaram a reabilitar-se as fachadas mantendo sempre a traça original: onde havia madeiras tinha de se meter madeiras. Há uma coisa muito curiosa: nos telhados se há uma casa que não tem telhas é porque tem mais de 20 anos, porque de há 20 anos para cá as casas têm de ter telhas, ser de pedra e manter a tipologia original. Isso foi uma mudança bastante forte na mentalidade e houve uma série de apoios públicos das quais se tirou partido.</p> <p>Criou-se também uma empresa que se chama GEATUR, que é uma empresa pública, 100% capital público, que criou o primeiro e único camping de primeira em toda a Província de Ourense e ... hípica, o mundo do cavalo move pessoas de um nível económico interessante e casas de turismo rural criadas pela GEATUR, que foram as primeiras a existir em Allariz. E por exemplo também ao lado do Concelho, um pouco mais abaixo, há 2 edifícios, um deles é da GEATUR a 100% e o outro é restaurado e explorado pelo público durante 20 anos e ao cabo desse tempo é devolvido ao privado. E há apartamentos para gente nova. Assinou-se um protocolo</p>	<p>Claro que agora muito disto já se faz por iniciativa privada porque as pessoas já vêm que tem de ser assim, mas no início era muito importante a iniciativa pública para começar todo este processo e isso foi acompanhado da restauração das edificações que havia nas margens do rio Arnoia: a Fábrica de Couros dos Nogueira, que se tratou de um acordo, através do qual o concelho fornecia um edifício a essas famílias noutra lugar e em troca as famílias cediam esses espaços que tinham junto ao rio Arnóia totalmente abandonados e depois procurou-se sempre um uso público desses espaços e sempre que possível combinado com uma exploração turística. Por exemplo, o Museu do Couro tem uma parte de museu que se restaurou dentro do Parque Etnográfico do Rio Arnóia e depois tem uma parte de exploração que é um restaurante, feita por um privado. O Concelho, depois do restauro, em vez de ter o edifício fechado, o que faz é lançar um licitação pública com as condições para que as pessoas possam concorrer e isso gera postos de trabalho e serviços. E impede a degradação do edifício, porque os concessionários têm de fazer a conservação. Em frente há outro restaurante em concessão, que funciona do mesmo modo. O edifício onde estávamos a tomar café hoje de manhã tem na parte de baixo o Museu Galego do Xoguet e no primeiro andar tem a cafeteria, que também é uma gestão privada de um espaço público. Faz-se a licitação, recebem-se as propostas e em troca de manter o edifício, pagar a água, a limpeza, etc, permitimos que explorem esses espaços, a nós interessa-nos que o façam.</p>
---	--	---	--

		<p>com a Universidade de Vigo, havia pessoas que estudavam em Passinhos, na Escola de Cine-Moda (como te explicava de manhã) e como havia boas comunicações com Ourense ficava mais barato alugar aqui um apartamento do que ficar a viver em Ourense.</p>	
--	--	--	--

ENT 11 ALCAIDE			<p>Juntamente com esta planificação, estabeleceu-se o plano especial do casco histórico, com as questões jurídicas relativamente ao que se pode fazer em cada imóvel, que permite que o Concelho, através de parcerias urbanísticas, leve a cabo importantes edificações de uso social e isso é uma parte que se complementa com instrumentos para levar a cabo o turismo, basta ver que em Allariz não havia um restaurante, um equipamento hoteleiro, um sector de serviços que pudesse significar a oportunidade de criar uma dinamização económica e então criou-se uma empresa municipal: REATUR, foi o próprio Concelho que numa fase inicial criou as bases para que a iniciativa privada pudesse apostar, ver que era viável, conhecer a povoação e a possibilidade de investir. Criou-se o parque de campismo e de hipismo, casas de turismo rural municipais, um pouco nesta perspectiva, junto com esta rede museística e também tentando diversificar.</p>
ENT 12 PROP. EST. TURÍSTICO	<p>Na época alta, nos meses de Verão, está tudo muito homogeneizado. No resto do ano, já é gente que procura especificamente aquilo que sabe que vai encontrar aqui: o património e uma forma de ver a vida.</p>		<p>Relativamente à localização de Allariz, o facto de ser um meio rural, de ter uma envolvente natural e algum património arquitectónico. Isso é uma vantagem?P: Sim, é uma vantagem. 80% das pessoas que vêm aqui, fazem-no pelo urbanismo, pelo meio ambiente, pela situação de estarmos perto de Ourense. Estarmos no interior que é algo que as pessoas também procuram. O facto de haver uma imagem de marca</p>
ENT 13 PROP. EST.			

ENT 13 PROP. EST. TURÍSTICO			
ENT 14 MORADOR			
ENT 15 TURISTA			Da qualidade do serviço, as instalações são 5 estrelas e também proporcionam actividades de lazer interessantes, da outra vez visitámos o parque etnográfico e um sítio com arte à beira-rio, foi muito interessante. Estas coisas têm de ser preservadas, não adianta nada construir novas coisas se não se aproveitar o património que já existe e aqui souberam fazer isso.

RELAÇÃO URBANO- RURAL

	relação outras cidades	oferta equipamento/serviços	dependência equip/serviços	parcerias inter-mun.	relação urbano-rural
Diário Campo	A viagem foi fácil, tendo em conta que me encontrava em casa dos meus pais em Vila Real, feita praticamente sempre por auto-estrada, tendo demorado menos de 2h. Depois de se sair da Autovia das Rias Baixas, na saída “Allariz”, até ao centro da vila são cerca de 5 minutos.			têm protocolos com outros concelhos, nomeadamente alguns portugueses como Ponte de Lima e Alcanena (curtições)	
ENT 1 MORADOR					
ENT 2 TURISTAS		Lembro-me como era há 20 anos e o que cresceu até agora, se noutros 20 anos crescer outro tanto já é preocupante porque afinal seria como viver numa cidade onde tens tudo. Se vens viver para uma terra destas pelas suas características e depois vives como na cidade, então o melhor é nem mudar pois lá já tens tudo. Aqui não há cinema, teatro. Vens para estares tranquilo, para sair do ritmo de vida de Ourense, mas se vives aqui como lá mais vale nem sair de lá. Mesmo o preço dos apartamentos já subiram muito (risos)			

ENT 3 MORADOR			Uma vantagem é o facto de estar muito próximo de Ourense, tem-se tudo muito perto e todos os serviços que aqui não dispomos, temos lá a escassos 20 minutos		O que cresce supõe melhorias. Allariz está a crescer mas com ordem e nesse sentido não creio que seja nenhum problema.
ENT 4 MORADOR					
ENT 5 MORADOR		aqui é um sitio muito tranquilo. Quem quer tranquilidade vem para aqui. Mas o que se passará daqui em diante, só Deus o saberá			
ENT 6 TURISTAS		Estamos aqui há 13 anos como empresários mas não vivemos cá. Trabalhamos em Allariz e pernoitamos em Ourense			Se este lugar crescer mais pode perder as suas vantagens actuais, perde o encanto. Sem duvida que sim
ENT 7 COMÉRCIO					
ENT 8 COMÉRCIO					O facto de se situar em meio rural é uma vantagem. Primeiro tem de haver uma série de qualidades. Tem todos os serviços que tem uma grande cidade, mas tem uma melhor qualidade de vida
ENT 9 COMÉRCIO		O facto de Allariz se situar em meio rural é uma vantagem. Como qualidade de vida sim, pelo menos para mim, indiscutivelmente. Estamos perto da cidade, Ourense está muito perto. Se há alguma coisa que aqui não podes ter, está ao lado. Vivo aqui há 2 anos e meio e escolhemos Allariz precisamente por isso. É um bom sítio para se viver principalmente quando se tem crianças. É pequeno pode-se andar a pé, tem boas vias de comunicação			

<p>ENT 10 MEMBRO FUNDAÇÃO/ RESPONSÁV EL MEIO AMBIENTE</p>	<p>O que se via e o que acontece ainda hoje com muitas povoações é que a proximidade com Ourense, que está a 10 minutos daqui e é uma cidade grande capital de distrito, condenava Allariz ao desaparecimento. Aconteceu precisamente o contrário e isso foi uma mudança de dinâmica muito importante. O que diziam os governantes era que não se podia fazer nada pois os comerciantes iam comprar a Ourense. As pessoas não queriam vir para aqui pois entre comprar uma casa aqui ou em Ourense preferiam Ourense. Allariz tornou-se uma alternativa a Ourense, investindo nas potencialidades que Ourense não tinha. Talvez a sorte de Allariz fosse o facto de ainda não se terem feito muitas coisas más. De tanto não fazer não havia muitas coisas mal feitas.</p>	<p>Isso vai devagarinho porque não estão a sair para o mercado algumas construções existentes porque aqui também é certo que apesar de termos avisado sempre os construtores que havia que marcar essa diferença com Ourense também a nível de preços, eles quiseram aproveitar tudo, como foi sempre o mote do sector privado afinal, querem tudo num momento, claro que agora custa-lhes muito vender a 30.000.000 aquilo que pretendia vender a 40.000.000. Mesmo assim ainda serão rentáveis, mas eles pretendiam vendê-los mais caros e agora claro que não há quem lhes compre a esse preço. Notou-se uma caída considerável no ano passado no número de licenças concedidas. Agora há que trabalhar outra vez na oferta a um preço mais barato. Trata-se de iniciativa privada, mas com colaboração pública, digamos.</p>		<p>Outra dinâmica que o Concelho está a fomentar agora é que se restaurem casas no rural. Criámos uma linha no próprio Concelho que permite que as licenças de obra, que normalmente custam cerca de 2.000€, sejam gratuitas para o particular, financiadas pelo Concelho, sempre que se trate de restauração de uma casa já existente. Se se trata de fazer uma casa nova num núcleo rural, não, mas restaurar uma que já existe, sim. Preferimos que se restaure a fazer novas casas porque uma das coisas que entendemos é que -estamos agora a fazer um plano especial em S. Salvador, Celeiro, Xugueiros, a parte que está contra a montanha, para não haver crescimento por aí, queremos conservar esse entorno- se deve incentivar que as pessoas restaurem casas e vivam nos núcleos populacionais tradicionais. Fez-se um esforço muito importante, também de iniciativa pública, para restaurar, dotar de serviços básicos os núcleos rurais: saneamento, lixo, água potável, luz, estrada asfaltada. Chegou a criar-se uma empresa municipal de autocarros, a Allabus, para ir aos povos e garantir que pelo menos uma vez por semana e aos dias de feira, que são o 1 e o 15 aqui, toda a gente possa vir a Allariz a preços muito económicos e que as pessoas não saiam desses núcleos e pelo contrário haja pessoas novas a ir viver para ali. há o fomento de iniciativas económicas: criação de gado... uma das preocupações que temos é que o meio rural está a ficar abandonado, independentemente das iniciativas que temos, do sector primário sobretudo, que é a agricultura e a criação de gado, as pessoas fogem, por muitos motivos, um deles é a rentabilidade, a parte económica, mas também um desprestígio social, da ocupação de pastor, por exemplo, que se verifica aqui por uma questão sócio-política, porque exemplo na Catalunha não existe essa descrédito, ali os criadores de gado são empresários e são muito respeitados pelas pessoas, ao contrário daqui que são um pouco vistos como os “tontos” do povo. noutros lugares de Espanha não acontece isto e também não devia acontecer aqui... Então do que se tratou foi de, através de actuação pública, ou então directamente mediante acções públicas, permitir que se instalassem uma série de explorações, mas isso começou desde um ponto de vista digamos que interessado por parte</p>
---	--	--	--	---

				<p>do Concelho. Ou seja, se houver criadores de gado, evita terrenos abandonados, fogos florestais, mantém os caminhos...no fundo, as pessoas conservam também o próprio meio ambiente e depois a nível turístico, para uma pessoa que venha de Madrid ou que venha de fora, quer ver pessoas no campo a trabalhar, quer ver as cabras, as ovelhas e quer pensar, ainda que não seja assim, que o cordeiro que come no restaurante andou a passear com as ovelhas que viu de manhã. Então desse ponto de vista, há uma gestão integral, a parte que está a todos os níveis mais valorizado é o tema da paisagem, que é algo que tem um valor em si mesmo.</p> <p>Repara neste povo, Valverde, vê-se perfeitamente quais são as casas restauradas porque se vê o telhado novo. Também é preciso ver que esta zona está muito próxima de Allariz e da Auto-Estrada e é-nos mais fácil conseguir isso do que noutras zonas. Naquelas mais afastadas é mais difícil as pessoas quererem residir lá.</p>
--	--	--	--	---

ENT 11 ALCAIDE		Não é certo que seja Allariz que esteja a 20 Km de Ourense, mas sim o contrário, há pessoas que se deslocam de lá aqui para fazerem compras, principalmente ao fim-de-semana, aproveitando outros serviços que Allariz proporciona, como o parque etnográfico. Pois o Concelho lançou as bases para que agora seja potenciada a iniciativa privada, deixando investimentos importantes, na construção, no sector dos serviços, etc...			
ENT 12 PROP. EST. TURÍSTICO					o turismo pode ser uma solução para os meios rurais que muitas vezes estão abandonados, não têm dinamismo, mas tem que estar medianamente desenvolvido, não tanto a nível tecnológico, mas no rural há que combinar o turismo com a vida diária. De nada vale que haja uma casa de turismo rural numa aldeia se não vive lá ninguém que possa dedicar-se a actividades que são compatíveis com o turismo.
ENT 13 PROP. EST. TURÍSTICO					Para que o turismo não seja baseado em museus que já nem têm vida, onde é tudo planeado só para o turista ver e depois não é genuíno e o turista percebe. O turista quando vai a uma aldeia o que procura é um local tranquilo, mas também quer ver os costumes das pessoas, ver que se conservam certas tradições, de falar com as pessoas, de conviver, de implicar-se nas actividades das pessoas. Sim, mas também de sentir que aquilo é verdadeiro, que não é feito só para turista ver. É preciso também que haja pessoas que mantenham as suas actividades, que mantenham o campo, com o seu trabalho, isso também contribuir para o desenvolvimento turístico.
ENT 14 MORADOR			Vamos algumas vezes a Ourense, principalmente ao fim-de-semana, lá há grandes lojas e os preços acabam por ser mais baratos.		Tenho pessoas da família que viveram no país basco durante muitos anos e agora regressam e estão a recuperar as suas casas, alguns até voltam a cultivar alguns terrenos e compram animais, mas já não podem muito, estão a ficar velhos.

ENT 15 TURISTA					Se Allariz crescer mais e se transformar numa cidade continua a ser atractivo, desde que façam isso com inteligência, temos passado por cidades maiores e também elas muito interessantes, com bons atractivos, não é por ser pequeno ou por ser mais rural que Allariz é atractivo, é antes por saber conjugar o que é novo e o que é velho e isso não impede o crescimento, pelo contrário, proporcionar até que se desenvolva e tenha crescimento.
SÍNTESE	vias de comunicação, posicionamento estratégico	qualidade de vida; natureza; património; alojamento competitivo	comércio, emprego	municípios portugueses	turismo como solução; aposta do concelho no meio rural: crescimento como perda de qualidade de vida; confronto cidade-campo

6- MAPA DE ALLARIZ



Fonte: <http://www.allariz.com/turismo/turismo.asp?op=587&pd=588&id=623>

7- FOTOGRAFIAS



